Antônio Mesquita



Pontos difíceis de entender



Traduções, significados, informações científicas, perguntas e respostas

Antônio Mesquita



1ª edição

Pontos difíceis de entender

Rio de Janeiro
2006

Traduções, significados, informações científicas, perguntas e respostas




José dos Reis
E-Books Digital

Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa e projeto gráfico: Alexander D. R. da Silva
Editoração: Leonardo Marinho

CDD: 220.6 - Bíblia — Crítica e interpretação
231.1 - Criação — Ensinamentos bíblicos
ISBN: 978-85-263-0834-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2006



Agradeço a colaboração do irmão e amigo — acadêmico em teologia — Kenner Roger Cazotto Terra, pela análise dos originais do livro. Sua participação acrescentou valores incontestáveis e enriquecedores. Sua crítica enobreceu o conteúdo desta obra.



Ligue os pontos e veja a forma

"As coisas encobertas são para o SENHOR, nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos, para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei" (Dt 29.29).

É comum nos depararmos com certas dificuldades de compreensão do texto bíblico. Nossa alma, desejosa de entender mais da Palavra de Deus, busca explicações para textos um tanto difíceis, aparentemente incoerentes e — por que não dizer? — estranhos ao olhar de pessoas ocidentais do século XXI. Questões relativas a costumes, cultura e informações científicas muitas vezes tornam certos textos pontos realmente difíceis de entender.

A Bíblia não é um livro repleto de curiosidades; não fala sobre coisas que hoje nos são comuns, como o ônibus que tomamos, o mercado em que fazemos compras, o presente adequado para dar de aniversário a uma pessoa querida... Tais assuntos não influenciam tanto a nossa vida espiritual. Por isso, as Escrituras falam da história e da formação do povo de Deus, da vinda do Senhor Jesus Cristo, da mensagem do evangelho, do viver de acordo com os padrões divinos e da bendita esperança da Igreja — a de estar um dia com Cristo nos céus.

O pastor Antonio Mesquita, conhecido escritor, articulista e jornalista, traz para nós mais um fruto de suas contínuas pesquisas: *Pontos Difíceis de Entender*. A criação, o batismo em águas, o "esperar no Senhor", os cabelos de mulher, entre outros, são assuntos que, à medida que entendemos o contexto em que eles vieram à tona, compreendemos melhor o que as Sagradas Escrituras desejam nos falar.

Como um exercício didático, na medida em que você ligar os pontos "difíceis" dentro de seu contexto, poderá ver a grandiosidade da obra de Deus, ilustrando-nos sua vontade.

Que nos atenhamos, com sabedoria, ao que Salomão disse: "A glória de Deus está nas coisas encobertas; mas a honra dos reis, está em descobri-las" (Pv 25.2).

Em Cristo Jesus,

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor Executivo da CPAD



Esta obra não tem a pretensão de buscar provas para o domínio, a criação e a própria realidade divina. A maior evidência da existência divina e da sua Criação está no próprio homem — no sopro, na partícula divina, o espírito presente em todo o ser humano. Por isso, cremos que, se alguém se diz ateu, pode completar a frase com outra: "graças a Deus". É bastante improvável a uma pessoa crer definitivamente na inexistência do Criador.

Nosso objetivo é tornar notórias informações científicas, que corroboram com o que a Bíblia afirma, e ainda esclarecer casos pela interpretação de texto, consulta a originais e significados ao pé da letra. Mas não temos a intenção de usar isso para validar o texto sagrado. À Ciência não cabe essa autoridade.

Tomamos a frase do versículo dito pelo apóstolo Pedro, ao referir-se aos escritos de Paulo: "falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há *pontos difíceis de entender*, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição" (2 Pe 3.16 — grifo do autor), como título desta obra. Ela visa a esclarecer algumas dúvidas comuns, com o intuito de facilitar a compreensão das sagradas letras.

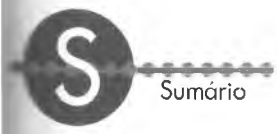
Com humildade e sob a graça divina, tentamos reunir um bom número de fatos que esclarecem e eliminam informações infundadas. Podemos tomar como exemplo a exclusão do vocábulo "oxalá" pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Por causa da aproximação com o

nome de espíritos usados pelo espiritismo Orixalá, conhecido na Bahia como Oxalá, mais de 600 verbetes "oxalá" foram retirados da Bíblia pela SBB. Tal palavra é derivada do árabe *wa xã illãh*, que significa "e queira Alá", usada no português como "tomara; queira Deus".

Todas as explicações inseridas nesta obra figuram como apologia bíblico-cristã, por meio de definições e esclarecimento de traduções, significados e informações históricas e científicas. Muitas destas têm derrubado argumentos infundados, mas não devem ser tomadas com a intenção de validar o que a Bíblia diz. Ela se explica por si mesma, conforme indica a primeira regra da ciência de interpretação de texto, a Hermenêutica bíblica: "A Bíblia interpreta a própria Bíblia". O auxílio — inclusive de cunho científico — serve-nos como apoio e esclarecimento de "pontos difíceis de entender".

A Deus toda a glória!

Antônio Mesquita



Sumário

Agradecimentos 5
Prefácio 7
Apresentação 9

A

A criação e a idade da Terra 15
A seqüência de dias na Criação 20
A face do abismo 21
A idade da Terra 22
A criação do homem 26
Abertura do mar Vermelho 27
Abraão e seu sobrinho Ló 29
Abutre 29
Agradar aos homens 30
Altar de ouro 34
Amendoeira em Jeremias 34
Antricristo — de onde ele virá? 35
Aperfeiçoamento 37
Armou a sua tenda 38

B

Batismo nas (ou em) águas 41
Bispo na igreja e seu papel 43
Bosques e altos (poste-ídolo) — Aserá 45
Bramido do mar e das ondas 46
Buraco negro 47

C

Cabelos da mulher 49
Camelo e agulha 50
Cão — significado bíblico 52
Carvalho 54
Casavam-se e se davam em casamento 55
Cativeiro de Judá 57
Cativeiro de Israel 60
Circuncisão — por que no oitavo dia? 63
Cobra possuía patas 65
Comunhão 67
Consagração por meio do jejum 69
Coração é apenas carne 72
Cor da pele 73
Corno por chifre 74
Culto racional 74

D

Deus desconhecido 79
Dilúvio foi global 82
Dinossauros 83

E

Esperar no Senhor 85
Estrebaria e estalagem 87
Examinais as Escrituras 89
Extinguir 91

F

Fidelidade da Palavra 93
Filho do *Abba* Pai 94

G

Geopolítica de hoje e a profecia de Noé 99
Globalização — o reaparecimento do último império 100



Heresia 103
Homem veio do barro 104



Impérios mundiais 109
Ironia de Paulo 111



Juízos divinos 113



Lágrimas 115
Laodicéia — justiça do povo 116
Lavar as vestiduras 118



Mãe e seu papel na cultura judaica 121
Matança de crianças por Herodes 123
Multiplicação da ciência 126



Orelha furada 129
Os dois dias de Oséias 130
O suposto aparecimento de Samuel 132



Pá e eira 137
Paroleiro 138
Páscoa e/ou Ceia do Senhor 140
Paz do Senhor 146

Período inter-bíblico 148
Posso todas as coisas 153



Quando vier o que é perfeito 155
Quarenta ou quatro anos? 156
Que letra é essa que mata? 156



Regozijai-vos sempre 159
Ressurreição do Senhor — seu corpo e seqüência de aparições 163
Revelação do Senhor a Paulo 167



Sacerdócio 173



Templo 177
Tempo perdido de Josué 180
Terra que mana leite e mel 181
Terremotos 182
Três dias, assim como Jonas 183
Trindade e divindade 184
Trombeta 187



Vocação 189

Notas Bibliográficas 193

Bibliografia 197



A Criação e a idade da Terra

"No princípio criou Deus os céus e a Terra".
Gênesis 1.1



ste texto no hebraico é formado de sete palavras: *Beréshit bara Elohins ét hashamains veét haarès*. Ele deixa claro que o Senhor é o Criador de todas as coisas e que nada do que se fez foi feito senão segundo a sua vontade. A simplicidade da revelação divina esbarra na complicação humana, quando esta tenta desvendar o inescrutável. Cria-se caminhos que acabam destruídos pela própria inconsistência, como a cadeia de hominídeos. Peças-chave dessa fábula caíram por terra. Foi o toque sutil na primeira peça, que acaba por desencadear a queda de todas as demais — o efeito dominó.

Para entendermos a origem de todas as coisas, podemos tomar como base peças que são criadas pelo homem, como as que são feitas de madeira. Ela teve como causa a própria árvore, embora tenha assumido uma forma diferente, como uma mesa, por exemplo. A conclusão é de

que a mesa não passa de um efeito, enquanto a árvore (madeira) figura como causa. Sem a madeira não haveria a mesa.

A mesma idéia encontra-se no relato da criação: nós somos o efeito; Deus é a causa. Logo, Deus é a Verdade. Como disse Paulo, em Romanos 17.24,26: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens... E de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação". Isaías também disse: "Buscai no livro do Senhor, e lede. Nenhuma destas coisas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a minha própria boca o ordenou, e o seu espírito mesmo as ajuntará" (34.16).

A despeito de tudo isso, a plena confiança no Criador é o bastante para crermos em suas obras, pois "Pela fé, entendemos que os mundos [Universo], pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente" (Hb 11.3). Cremos que o Senhor estabeleceu todas as coisas pela ordenança de sua boca: "Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu" (Sl 33.9).

No processo do método do filósofo e matemático René Descartes (1596-1650), nascido a 31 de maio de 1596, em Turena (França), fundador da filosofia moderna[1], o *cogito ergo sum* ("penso logo existo") é o resultado da dúvida metódica que alcança verdades inquestionáveis. Assim, o "penso logo existo" é uma certeza inequívoca de onde parte todas as outras certezas.

É a filosofia da causa e efeito que esclarece a "penso logo existo", e não o contrário.[2] Assim, a idéia de um Deus infinito e Todo-poderoso não poderia ser adquirida em lugar algum, pois de onde extraíríamos uma idéia como esta se tudo é limitado? Desta forma, Descartes acreditava e provou com seu método que, se cogitamos um Ser com esses atributos, isso é a causa deste mesmo Ser.

Narrativa da Criação

Embora o versículo 2 afirme que "a terra era sem forma e vazia", o que nos leva, às vezes, à idéia de que existe uma grande separação entre os versículos 1 e 2, Isaías afirmou: "Porque assim diz o Senhor que tem criado os céus, o Deus que formou a terra, e a fez; ele a

estabeleceu, *não a criou vazia*, mas a formou para que fosse habitada: Eu sou o Senhor e não há outro" (45.18 — grifo do autor). A interpretação mais discutida para explicar o espaço entre os dois versículos diz respeito à destruição da Terra, após a queda do Diabo.

Isaías retrata a expulsão de Lúcifer (ou *Lucifer*, sem acento), ou "anjo de luz" (14.12-20; cf. Ez 28.11-19). Ezequiel profetizou: "por terra te lancei" (28.17), e Isaías afirmou: "porque destruíste a terra" (14.20). Daí a explicação do versículo 2: "A terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas".

Neste ponto, muitos estudiosos não concordam mais com a interpretação desta parte de Isaías e Ezequiel como sendo uma alusão à queda de Satanás, pois o contexto histórico destas duas passagens diz respeito a reis e nações. Alguns acreditam que Ezequiel 28.11-19 fala do rei de Tiro, e Isaías 14.12-15 ao rei da Babilônia. Os dois contextos mostram que as profecias se direcionavam às nações (Sidom, Egito, Moabe, Edom e outras).

Na verdade, a interpretação mais provável é de que está implícita entre os versículos 1 e 2 a narrativa natural da criação. Desde o primeiro versículo até o último está contida a criação de todas as coisas, numa seqüência natural e sem interrupção. No primeiro versículo está a criação do tempo ("no Princípio"); da energia ("criou Deus"); do espaço ("céus"); da matéria ("terra"). Seguimos a ordem seqüencial do relato bíblico, porém a energia foi a primeira coisa a ser criada por Deus. E tudo foi criado para funcionar, manter-se e girar em torno do próprio Criador ou dEle depender. Ele é a própria fonte dessa energia, da luz, do tempo...

O versículo 2 pode sugerir a presença de uma poeira cósmica ("sem forma e vazia"). A Terra não tinha o formato que se nota depois — o globo terrestre. Os versículos 1 e 2 indicam a preparação do cenário da criação. Já nos versículos seguintes, até ao quinto, após a criação da luz, temos o globo e a órbita terrestres.

Na Idade Média, Galileu foi ameaçado pela Igreja Católica Apostólica Romana porque dizia que a Terra era redonda. Sua tese contrariava a filosofia defendida pelo clero, que dizia ser a Terra em forma de uma mesa. O desconhecimento bíblico ameaçava pessoas justamente pela ignorância, uma vez que a Bíblia apresenta há mais de 700 anos antes de Jesus a forma terrestre: "Ele é o que está assentado sobre o *globo* da terra..." (Is 40.22 — grifo do autor).

Criar do nada

A palavra *bara* no hebraico significa "criar do nada" (infinitivo). Já no português "crear" figura como expressão filosófica, diferenciando o "criar do nada" do "criar do que já existe", conforme Hubert Rhoden.[3] Nesse caso, a tradução seria: "No princípio *creou* Deus os céus e a terra". Podemos tomar os termos "criar" e "crear", no português, como sinônimos do hebraico *ashah* e *bara*. Então, Deus fez o mundo do nada (*bara*) e formou o homem do pó da terra — o boneco —, a partir da terra que já existia.

Portanto, a criação não foi do nada, mas da terra. A expressão para este caso seria *ashah*. Mas, quando Deus assoprou nas narinas do homem, e este foi feito alma vivente, passou a ser do nada (*bara* ou "creado"). Alguns acham que, nesta explicação reside a teoria evolucionista. Isto é, o boneco teria evoluído e se transformado em homem (ser vivente). Contudo, não houve a mutação pretendida. Primeiro: enquanto boneco de barro, o homem existia apenas como terra, pó. Não houve evolução de seres. Não havia vida no boneco. Era inanimado e assim permaneceu até Deus assoprar-lhe o fôlego. Como dizia Einstein: "Deus não joga dados".

Também não houve progresso para dar sustentação inicial à teoria evolucionista, como dizem alguns, afirmando que o homem aperfeiçoou a fala no decorrer do tempo. O homem foi feito alma vivente — um ser vivente, com Eva. Este nome significa "mãe de vida". O homem foi feito corpo, com todas as propriedades que temos hoje; alma (que compreende emoções, sentimento, pensamento, entendimento e vontade); e espírito (o sopro da vida).

"*E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro...*"

Na luta para descobrir o fundamento do mundo — o que tem deixado cientistas intrigados —, a aproximação do relato bíblico acaba sendo facilmente perceptível. A teoria do grupo de cientistas denominado Boomerang, que possui um sofisticado telescópio com o mesmo nome, estuda "o brilho emitido pela detonação que deu origem ao Universo... No início dos tempos, essa luz primordial era um farol cegante, mas só continua a cintilar no espaço extremamente esmaecida".[4]

Essa teoria aponta para a Bíblia. Ela diz que o Senhor criou uma grande luz. O Senhor disse: "Haja luz. E houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas" (Gn 1.3,4). Embora denominada Dia, a luz criada pelo Senhor não é a mesma que temos hoje, irradiada pelo sol, pois este foi criado depois, no quarto dia. Outra afirmação dos cientistas indica que o mundo foi criado pelo sistema de "inflação". Esta teoria mostra que o Universo, logo ao nascer, começou a crescer rapidamente – processo batizado em meados do século XX com o nome de Big Bang (*grande explosão*, em inglês)".

Os cientistas da teoria da inflação acham ainda "que no início a expansão cósmica foi extremamente rápida. Em frações de segundo, o Universo teria crescido a um ritmo alucinante".

Enquanto alguns tentam convencer que o mundo foi formado em bilhões de anos, a Bíblia deixa claro que tudo ocorria logo após a fala divina. "E fez Deus a expansão, e fez separação entre águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi" (Gn 1.7).

Outra "novidade" científica é que o mundo não continha estrelas. "É verdade que o espaço naquela época não continha estrelas..."[4]

Somente no quarto dia o Senhor criou os luminares celestes: "E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre dia e noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra. E assim foi. E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas" (Gn 1.16).

A mesma fonte indica outras teorias, como a das Cordas. Para os cientistas desta teoria houve várias explosões, e não somente um *big bang*. "O big bang representaria, portanto, 'apenas o início do nosso Universo e não do multiuniverso por completo'".[5]

Mas a idéia bíblica é que houve uma seqüência criacionista, com grandes feitos a partir da Criação do cosmo. "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Depois se registra a escuridão (v. 2) quando então o Senhor diz: "Haja luz". É uma segunda etapa (mesmo que seqüencial ou não) da Criação. E assim vai até o sexto dia. Do primeiro ao quarto dia, o Senhor cria o Cosmos (no grego *ordem*) ou põe o mundo em ordem [1) A luz; 2) O firmamento; 3) a terra seca;

4) Os luminares]. Em seguida, estabelece a vida com a criação dos animais e do homem — o Adam (*o terroso*) e Eva (*mãe de vida*).

Quando as estrelas começaram a brilhar

A equipe de astrônomos do Instituto de Tecnologia do Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, anunciou que foi possível visualizar a névoa que cobria o Universo antes que suas estrelas começassem a brilhar. Para a observação, foi utilizado o telescópio Keck 2, do observatório de Mauna Kea, no Havaí.

O fato seria uma confirmação da teoria de que o Universo foi criado a partir de uma grande explosão, chamada de *big bang*, que teria ocorrido há cerca de 14 bilhões de anos. Antes disso, os cientistas definem ter havido um período denominando "idade das trevas" e o limiar destes dois momentos é exatamente essa descoberta.

Sobre o que os cientistas chamam de "idade das trevas", a Bíblia afirma: "E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobra a face do abismo" (Gn 1.2).

O chefe da equipe de pesquisas, cientista George Djorgovski, disse que a luminosidade que agora foi observada e teria sido emitida na grande explosão seria equivalente a 10 trilhões de vezes a luz do sol.[6]

• A seqüência de dias na Criação

"*E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro*".

Gênesis 1.5

O Senhor criou as plantas (Gn 1.11-13 — o terceiro dia) antes de criar o Sol e a Lua. Como isso poderia ocorrer se a vegetação depende da luz do Sol, criado somente no dia seguinte? (vv. 14-19 — o dia quarto).

O Senhor é a própria fonte de toda a energia. E Ele fez tudo para sujeitar-se a Ele e sofrer sua influência. Portanto, a ordem dos acontecimentos não altera a grandeza da obra divina, mas somente aponta para a dependência do Criador, como Aquele que sustenta todas

as coisas, conforme Hebreus 2.8: "Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas, agora, ainda não vamos que todas as coisas lhe estejam sujeita". A Bíblia informa: "Ele é o que está assentado sobre o *globo* da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos: ele é o que estende os céus como cortina, e os desenrola como tendas para neles habitar" (Is 40.22).

O Sol e a Lua também foram criados depois do primeiro, segundo e terceiro dias. Como poderia isso ocorrer se o Sol e a Lua foram justamente criados para governar entre dia e noite? A resposta é idêntica. A luz não necessita de corpo celeste para fazer-se presente. Ela é energia, e Deus é a fonte de toda a energia.

• A FACE DO ABISMO

"E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobra a face do abismo. E disse Deus: Haja luz. E houve luz".

Gênesis 1.2,3

Toda a energia emana de Deus. A ausência dela dá-nos uma idéia nem sempre fiel e palpável da realidade existente. Albert Einstein explicava, por exemplo, que "O frio é a percepção que temos em função da ausência total e absoluta de calor. O frio é a ausência de calor. O calor é o que faz com que este corpo tenha ou transmita energia".

Antes da Criação não havia, portanto, luz e calor. Era o que Einstein chama de "zero absoluto", que "é a ausência total e absoluta de calor".

"Todos os corpos ficam inertes, incapazes de reagir, mas o frio não existe. Nós criamos essa definição para descrever como nos sentimos se não temos calor. Assim como a escuridão é ausência de luz, ela não existe. A luz pode-se estudar, a escuridão não. Até existe o prisma de Nichols para decompor a luz branca nas várias cores que está composta com suas diferentes longitudes de ondas. A escuridão não. Um simples raio de luz atravessa as trevas e ilumina a superfície onde termina o raio de luz".

• A IDADE DA TERRA

"Desde a antigüidade fundaste a terra; e os céus são obras das tuas mãos".
Salmo 102.25

Segundo pesquisas em rochas encontradas na Groenlândia, cientistas chegaram à conclusão de uma proposta de que a Terra teria entre 4,5 e 4,6 milhões de anos. Essa informação figura apenas como uma teoria, como a própria Teoria da Evolução – o mesmo que hipótese.

A realidade é que existem algumas informações científicas e reais, que não permitem essa idade tão extensa assim. Entretanto, tudo indica que é uma tentativa de arrumar tempo e encaixar a Teoria da Evolução, que precisa de muito tempo para justificar seus ciclos evolutivos.

Algumas informações científicas e comprovadas derrubam por terra essa pretensão. Uma delas diz respeito ao campo magnético que existe sobre a Terra. Essa força vem perdendo sua influência no decorrer do tempo, tanto que, se a Terra tivesse a idade defendida por evolucionistas, a força do campo magnético seria tão imensa (ou em 10 mil anos atrás), que teria transformado a Terra em um plasma — gás rarefeito com elétrons e íons positivos livres, mas cuja carga espacial é nula.

Teses científicas

O cientista Kent Hovind, autor da série de vídeos *Creation Science Evangelism*, afirma, com 12 teses científicas, que o mundo não tem além de 6 mil anos, conforme a estrutura exposta na história bíblica.

Suas teses, publicadas pela revista *Chamada da Meia Noite*[7] não só derrubam como mostram que a Teoria da Evolução não tem nenhum fundamento científico e figura tão-somente como uma religião.

1) Tese da População

Desde os primeiros registros, o aumento populacional do mundo se mantém estável. Se partirmos dos atuais 6 bilhões de habitantes, e fizermos os cálculos retroativos, chegaremos ao número de 4,4 mil anos. É justamente o tempo necessário para a respectiva multiplicação a partir dos oito sobreviventes do Dilúvio, até chegar aos atuais 6 bilhões. Mas se o homem já estivesse na Terra por milhões de anos, como procura provar algumas teorias, os números seriam outros. O número mínimo seria de 150 mil pessoas por quilômetro quadrado.

2) Tese dos planetas
Como os planetas perdem calor, se tivessem sido formados há milhões de anos, não mais possuiriam a temperatura interior atualmente conhecida pela Astronomia. O exemplo deixado pelo doutor Kent Hovind[7] é que se deixarmos uma xícara de café parada durante o período de 400 anos, perderia todo o seu calor próprio.

3) Tese de Saturno
O planeta Saturno perde seus anéis, porque estes se afastam lentamente. Caso este planeta tivesse milhões de anos, o material que forma os anéis já teria se desagregado há muito tempo.

4) Tese da poeira cósmica na Lua
Passados 10 mil anos, a poeira cósmica na Lua teria alcançado em torno de 3cm de espessura, contra os cerca de 1,5cm que os astronautas encontraram. Este é o exato número para o período de 6 mil anos.

5) Idade da Lua
Como a Lua se afasta lentamente da Terra, fosse ela muito velha, como se tenta provar, no seu início teria estado tão próxima da Terra, que teria provocado marés extremamente altas, o suficiente para afogar toda a vida terrestre, duas vezes por dia.

6) Tese dos cometas
Os cometas perdem massa contínua e constantemente, durante sua viagem pelo espaço. Qualquer um deles, que estivesse viajando pelo Universo por mais de 10 mil anos, já teria se desintegrado há muito tempo.

7) Tese do campo magnético
A cada período que passa, o campo magnético da Terra torna-se mais fraco. Caso a Terra fosse tão velha, de acordo com a velocidade de sua redução, hoje não haveria mais nenhum magnetismo no planeta.

8) Tese da rotação da Terra
Com o aumento de um milésimo de segundo por dia, a velocidade da rotação da Terra — com base nos cálculos dos anos impostos pelos evolucionistas —, chegaria a incrível rapidez que as forças centrífugas resultantes jogariam a Terra para fora de sua órbita.

9) Tese do petróleo

O petróleo no subsolo da Terra encontra-se sob enorme pressão. Mas as rochas petrolíferas são porosas. Se o petróleo se encontrasse ali há milhões de anos, a pressão teria desaparecido há muito tempo.

10) Tese dos vegetais

Os vegetais mais antigos que existem na Terra, sequóias e recifes de corais, têm idade máxima de "apenas" 4,5 mil anos. Mas por que não há árvores mais velhas, se a Terra já existe há bilhões de anos?

11) Tese da salinidade nos mares

O teor de sal nos mares, atualmente de 3,8%, deveria ser muito mais elevado. Considerando a atual taxa de salinidade, pode-se calcular que o sal chegou aos mares há aproximadamente 6 mil anos.

12) Tese das estalactites

Estalactites em cavernas são usadas pelos evolucionistas como prova da idade avançada da Terra. No subterrâneo do Memorial de Lincoln, porém, existem estalactites que cresceram mais de um metro em menos de 100 anos.

Estalactites ocorrem por precipitado mineral, alongado, que se forma nos tetos das cavernas ou dos subterrâneos.

A Lua

A Lua se afasta da Terra 3,8cm por ano. Se pudesse a teoria de milhões de anos ser verdadeira, a Lua teria afastado tanto da Terra que teria provocado marés altas e ou baixas, suficientes para destruir o mundo.

Pressão da Lua

A água dos oceanos afasta a Lua, por ocasionar uma pequena diferença do eixo entre a Terra e a Lua — em linha reta —, que se distorce em função da massa líquida, que acaba se mostrando fora do eixo e causando uma pequena diferença.

O cálculo aceitável sobre a idade da Terra varia entre 10 e 13 mil anos, com certeza menos de 120 mil anos, porque só se registrou até hoje duas super-novas, que correspondem a menos de 120 mil anos.

O cálculo apresentado pelos judeus é de 6 mil anos; segundo eles, considerando o tempo a partir da criação, conforme a Torá, são 5.760 anos (set/2005).

A Teoria da Evolução é inconsistente

Com a queda de algumas teorias, que serviram para construir, também derrubaram a Cadeia de hominídeos denominada homo sapiens. Provou-se que o Homem de Neanderthal, que faz parte dessa cadeia evolutiva, não passa de um mito, a partir da falsificação de um fóssil. Teria sido ossos de um ser humano com má formação óssea. O Homem de Nebraska foi "construído" a partir de um dente, além de fraudes com o uso da técnica de envelhecimento artificial.

"Cada novo golpe de pá nos rincões da África Oriental costuma exumar mais um candidato a fóssil revolucionário, sem falar na proverbial falta de consenso entre *lumpers* (os cientistas que enfatizam a unidade da linhagem hominídea e juntam vários espécimes numa espécie só) e *splitters* (os que acham que pequenas diferenças anatômicas já são o suficiente para criar uma nova espécie)", escreve Reinaldo José Lopes.[8]

Alguns cientistas têm apresentado argumentos científicos que derrubam as teorias da evolução como a dos ossos do homem e do macaco, do sangue, dos artelhos e tantas outras.

A Teoria da Evolução é, no mínimo, inconsistente. Em nenhum momento da história do mundo pôde-se ver um homem meio-macaco ou um macaco meio-homem, ou de qualquer outro animal sob semelhante mutação. Jamais a Ciência encontrou provas concretas que pudessem provar tal mutação. O que se tem até hoje não passa de especulação.

Doutrina Católica Romana

A Igreja Católica Romana já decidiu apoiar a teoria da evolução. "O substancial avanço no trato deste assunto foi sinalizado no final de 1996 num anúncio oficial da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, que assessora o papa em assuntos não-religiosos. O próprio João Paulo II se encarregou de declarar que a teoria da evolução — o processo de seleção natural dos seres vivos identificado por Charles Darwin, em 1859 — 'é mais do que uma hipótese'. Parece pouco, mas significa que, para a igreja, o homem deixou de ser um modelo de barro que ganhou vida por um ato divino. A partir de agora, as escolas católicas podem perder o constrangimento de ensinar na aula de religião a criação descrita na Bíblia, enquanto o professor de biologia diz que o

homem é parente do macaco. 'A idéia de que a teoria da evolução contrariava as Escrituras era muito ignorante', admite o padre Paul Schwiezer, da PUC do Rio de Janeiro. 'O Gênesis foi escrito como um mito da criação baseado na idéia que o povo daquela época fazia de Deus.'"[9]

• A CRIAÇÃO DO HOMEM

"E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente".

Gênesis 2.7

Se por um lado convivemos com informações que tentam destruir a crença no Criador e na sua ação direta na Criação de todas as coisas e também como centro de tudo, estudos mostram que a origem da vida pode estar no próprio barro, conforme diz a Bíblia. "Uma pesquisa que será publicada amanhã, sexta-feira, pela revista *Science* estabeleceu que, tal como afirmam muitas religiões, a vida na Terra possivelmente tenha surgido do barro".

Um grupo de cientistas do Instituto Médico Howard Hughes e do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, assinala na *Science* que reuniu materiais típicos do barro que são fundamentais no processo inicial de formação biológica.

Entre eles figura uma substância chamada *montmorillonite* que participa da formação de depósitos gordurosos e ajuda às células a compor o material genético chamado ARN (ácido ribonucleico), indispensável para a origem da vida.

Segundo os cientistas, a argila ou o barro podem ser catalisadores das reações químicas para a criação do ARN a partir dos nucleotídeos. Também descobriram que a argila acelera o processo de criação de ácidos grassos (ou graxos) em estruturas chamadas vesículas, até as quais se chega ao ARN.

"A formação, crescimento e divisão das primeiras células pode haver ocorrido como resposta à reações similares de partículas minerais e agregados de material e energia", disseram os pesquisadores.

No entanto, Jack Szostak, um dos investigadores, esclareceu em um comunicado que "não estamos afirmando que foi assim que iniciou a vida. O que estamos dizendo é que comprovamos um crescimento e divisão sem interferência bioquímica".[10]

A verdade é que o homem veio de uma única raiz genética e isso já tem prova científica. O mesmo ocorre com a questão da lingüística que também tem uma única origem. E mais, ela parte de um método complexo para o mais simples, justamente o caminho inverso da (teoria da) evolução, que parte do simples para o complexo.

• Abertura do Mar Vermelho

"Então, disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar seco. E eis que endurecerei o coração dos egípcios para que entrem nele atrás deles; e eu serei glorificado em Faraó, e em todo o seu exército, e nos seus carros, e nos cavaleiros, e os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando for glorificado em Faraó, e nos seus carros, e nos seus cavaleiros... Então, Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco; e as águas lhes foram como muro à sua direita e à sua esquerda. E os egípcios seguiram-nos. E entraram atrás deles todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar. E aconteceu que, na vigília daquela manhã, o Senhor, na coluna de fogo e na nuvem, viu o campo dos egípcios; e alvoroçou o campo dos egípcios, e tirou-lhes as rodas dos seus carros, e fê-los andar dificultosamente... E disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas tornem sobre os egípcios, sobre os seus cavaleiros. Então, Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o mar retomou a sua força ao amanhecer, e os egípcios fugiram ao seu encontro; e o Senhor derribou os egípcios no meio do mar, porque as águas, tornando, cobriram os carros e os cavaleiros e todo o exército de Faraó, que os havia seguido no mar; nem ainda um deles ficou".

Êxodo 14.21-25,27,28

Cientistas russos confirmam abertura do Mar Vermelho

Embora muitos ateus e pessoas, que não conseguem "enxergar" o domínio divino tentam desacreditar na atuação divina, que abriu o Mar Vermelho para os judeus passarem, temos notícia interessante sobre a prova secular do fato.

Naun Volzinguer, um matemático russo, e seu colega Alexei Androsov, pesquisador sênior do Instituto São Petersburgo de Oceanologia, foram os primeiros a examinar o evento descrito em Êxodo 14 — abertura do Mar Vermelho por onde milhares de escravos hebreus se salvaram da escravidão imposta pelos egípcios — à luz da oceanografia, do padrão climático e cálculos matemáticos.

Depois de seis meses de estudos, um artigo minucioso denominado *Modeling of the hydrodynamic Situation During the Exodus* foi publicado no Boletim da Academia Russa de Ciências com a teoria dos pesquisadores. Eles acreditam que os recifes do Mar Vermelho costumavam ser mais próximos na superfície durante os tempos bíblicos (+/- 1500 a.C.). Dependendo do clima e dos movimentos das marés, os recifes poderiam ficar expostos por horas naquele tempo, de acordo com a nova teoria. "Se o vento soprasse toda a noite a uma velocidade de 30 metros por segundo (por volta de 98 pés), então os recifes poderiam ficar secos", disse Volzinguer à imprensa. "Se levassem os judeus — que eram cerca de 600 mil — quatro horas para cruzar os sete quilômetros de recifes que vão de uma costa a outra, então, em meia hora as águas voltariam", afirmou o pesquisador que no Instituto de Oceanologia pesquisou vários fenômenos, incluindo inundações e impacto das marés.

Esse evento bíblico tem inquietado muitas pessoas na história. O filósofo medieval Tomás de Aquino disse que a abertura do Mar Vermelho era possível. Numerosos pesquisadores de todo mundo tentaram determinar a probabilidade de tal maneira que, tomando o lugar para calcular as disparidades, Volzinguer e Androsov estudaram a matéria estritamente do ponto de vista de Isaac Newton. "Estou convencido de que Deus governa a Terra por meio das leis da física", afirma sorrindo e ainda admite a importância religiosa do milagre. "Para cumprir sua missão histórica, os judeus teriam de retornar a uma terra livre", comentou.

"De fato, esse milagre influenciou a formação das características nacionais da crença em nossos caminhos históricos", opinou o líder dos judeus em São Petersburgo, Mark Gubarg, acrescentando que o valor do milagre é imenso para seu povo. "Há muito mais sabedoria a aprender a partir desse episódio — desde como é fácil para muitos de nós esquecermos a escravidão até a importância de ser capaz de ouvir Deus e segui-lo sem qualquer dúvida", explicou Gubarg asseverando que: "Naturalmente, para nós é um milagre, nada mais".

Volzinguer afirma que não é possível acontecer o evento novamente. O recife agora é duro demais para criar uma passagem para navios e as águas são mais profundas. "A menos que seja um novo milagre", finaliza.[11]

• ABRAÃO E SEU SOBRINHO LÓ

"Então, Ló escolheu para si toda a campina do Jordão e partiu Ló para o Oriente; e apartaram-se um do outro. Habitou Abrão na terra de Canaã, e Ló habitou nas cidades da campina e armou as suas tendas até Sodoma".

Gênesis 13.11,12

Ao referir-se a Abraão como padrasto de Ló, pastor Antonio Gilberto usa o comparativo "como": "... Abraão pôs de lado seus direitos *como* padrasto e tio..."[12]

A explicação do autor do comentário é que Abraão ao adotar o sobrinho tornou "como padrasto" dele, embora não fosse. Ló passou a ter direitos de filho, como fosse da família do patriarca, após a morte do pai de Ló. No capítulo 11 de Gênesis temos a informação da morte de Harã, irmão de Abraão e pai de Ló (Gn 11.27-32).

O termo foi usado para enfatizar a atitude de paz de Abraão. O patriarca possuía direitos sobre Ló – por ser como um padrasto para ele e também porque era mais velho. Contudo, abriu mão de tudo e deu a Ló a oportunidade de escolher o melhor campo para suas ovelhas (Gn 13).

Ló olha a campina de Sodoma e Gomorra. Conforme o mestre Antonio Gilberto, o original hebraico dá a entender que Ló "foi sendo atraído por Sodoma (Gn 13.10-11; 14.12), mudando gradativamente a sua tenda até chegar tão próximo a ponto de habitar na pecaminosa cidade".

• ABUTRE

"É deitado, como pasto, aos abutres, sabe que a sua ruína está fixada". Versão católica romana.[13]

Jó 15.23

Em algumas versões, o versículo acima aparece abutre, enquanto outras nem mesmo fazem referência à ave de rapina. O mesmo versículo em outra versão diz: "Anda vagueando por pão, dizendo: Onde está? Bem sabe que o dia das trevas lhe está perto, à mão".[14]

Nas versões comuns não aparecem abutre, mas outro texto totalmente diferente. Segundo comentário de rodapé da *Bíblia da*

Linguagem de Hoje é tradução de um antigo manuscrito, enquanto que a tradicional, sem a referência ao abutre, pertence à tradução do hebraico.

"O texto hebraico era de difícil entendimento no tempo de Almeida, que contava apenas com alguns poucos manuscritos hebraicos para traduzir a Bíblia. Manuscritos descobertos desde o século XVIII, incluindo os Manuscritos do Mar Morto (Qumran, 1947), ajudaram a aclarar as dúvidas, confirmando a tradução da *NTLH* como a mais correta, já que literalmente trazem "urubus esperam devorar o corpo dele".[15] Além disso, uma análise literária um pouco mais profunda de Jó 23 também confirma a tradução da *NTLH*. No contexto de Jó 23, um dos "amigos" de Jó tenta convencer-lhe de que sua situação deprimente era fruto de algum pecado por ele cometido.

No versículo 23, o "amigo" diz que Jó "sabe que o dia da escuridão lhe está perto, à mão" (*ARC e NTLH* têm praticamente o mesmo sentido). Lembremos que Jó é poesia hebraica e que, de acordo com as normas do paralelismo hebraico, os pensamentos da primeira e da segunda parte de um versículo, na maioria das vezes, devem "rimar", combinar. O pensamento da segunda metade do versículo 23 diz que Jó está prestes a morrer. Com que isto "rima" mais, com "andar vagueando por pão" ou com "os urubus estão esperando por devorar o seu corpo"? Logicamente, a segunda opção traduz melhor a idéia de proximidade da morte, combinando com a segunda parte do versículo 23.

• Agradar aos homens

"Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundície, nem com fraudulência,, mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza, Deus é testemunha. E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados".

1 Tessalonicences 2.3-6

Com população de aproximadamente 200 mil pessoas, Tessalônica era a maior cidade da província romana da Macedônia e capital da

região. Por ela passava a via leste, a mais importante estrada romana — a Via Egnátia, que seguia de Dyrrhachium a Bizâncio, pela qual Roma se ligava ao Oriente. Isso tudo, mais o porto no Mar Egeu, faziam da cidade um centro comercial próspero no domínio do Império Romano. Hoje é a cidade de Salonik, na Grécia Setentrional.

Tessalônica foi fundada por Cassandro da Macedônia em 300 a.C. em homenagem a sua esposa que se chamava Tessalônica. Esta cidade possuía uma sinagoga (At 17.1) com muitos não-judeus "tementes a Deus" (At 17.4).[16] Paulo esteve nesta cidade na segunda viagem missionária, por volta do ano 49. Ele saiu de Filipos para Tessalônica juntamente com Silvano (Silas) e Timóteo. A comunidade era quase toda pagã (1 Ts 1.9; 2.14; At 17.4). Kümmel não acredita que Paulo tenha ficado apenas três semanas em Tessalônica. Desta cidade Paulo fugiu perseguido para Bereia (At 17.5ss).

Nela havia um grande número de judeus, que provocavam a perseguição a Paulo (At 17.13), mas também foi por eles que o apóstolo iniciara a sua pregação quando esteve na cidade. Os judeus conheciam os seguidores de Cristo — os cristãos — como membros da "seita" Caminho, conforme descreve Atos: "Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres" (At 22.4).

A própria carta pressupõe a situação em que Paulo a escreve. Ele deve ter escrito de Corinto, pois somente nesta cidade ele esteve junto com Silas e Timóteo, como é retratado em 1 Tessalonicenses 1.1. Paulo enviou de Atenas a Timóteo (1 Ts 3.1) e estando em Corinto recebeu as notícias da Igreja de Tessalônica por meio dele, que tinha voltado da região da Macedônia. Uma expressão muito primitiva é utilizada na carta aos Tessalonicenses para designar os chefes da congregação: *proistámenoi* (dirigentes) — os que presidem (5.12); este termo, que desapareceu no decorrer da história cristã dando lugar a *episcopoi* (supervisores), é uma evidência da antiguidade desta carta.

A respeito da sua suposta defesa no capítulo 2, Howlad Marshall, superando a A. J. Malherbe, seguindo Debellus, acreditava que as declarações paulinas são parecidas com o padrão de um verdadeiro filósofo estipuladas por Dio Crisóstomo contra os filósofos cínicos. Howard Marshal[17] diz que Paulo estava sendo ou poderia ser acusado de ser um filósofo de segunda categoria; assim, se defendeu colocando-

se como um pregador que não perdia em nada ao padrão de um filósofo de primeira categoria, estipulado por Dio Crisóstomo, que permeava o ideário daquele tempo. Desta forma, Paulo não era um simples bajulador, mentiroso que afagava o ego de seus ouvintes, como se quisesse agradar aos homens, mas era um pregador do Evangelho de Deus (2.8).

O verbo *aresko* utilizado no particípio na expressão "agradar a homens" ou "agradando a homens" (na forma mais literal do original) do versículo 4 do capítulo 2 da carta aos tessalonicenses, significa *eu agrado*, conformar-se com desejos de outrem, procuro agradar. Os desejos dos tessalonicenses não moldaram a mensagem paulina, pois ele não tinha intenção de agradar aos homens.

A Carta de Paulo aos Tessalonicenses é considerada a obra mais antiga do Novo Testamento. Como a igreja ainda não possuía templos, que aparecem somente depois do ano 100, os crentes se reuniam em casas, em assembléia, como ocorria em Tessalônica.

Paulo não arrisca, mas fala do que está em sua alma e exorta os crentes a serem seus imitadores (1.6-10), pois o Evangelho foi pregado sob a chancela do Espírito, isto é, com sinais — poder: "porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em pode, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amos de vós" (1 Ts 1.5).

O apóstolo estabelece forma especial que envolve a conversão a Cristo:

"1) o serviço de culto e obediência ao Deus vivo e verdadeiro, em vez de aos deuses falsos e mortos do paganismo e

2) a espera da chegada dos céus do Filho de Deus que efetuará a salvação, livrando-nos da condenação no juízo final. A menção da ressurreição de Jesus neste contexto, a primeira vez que aparece na literatura cristã subsistente, tem o propósito de mostrar porque podemos esperar que a pessoa histórica de Jesus venha dos céus como Filho de Deus — porque Deus o ressuscitou dos mortos".[18]

Preocupado em distanciar o espiritual do humano, ressaltando a mensagem como poderosa para a transformação de vidas, Paulo enfatiza essa distinção (1 Ts 1.5), deixando-a clara. Tal diferença se estabelece pela aprovação divina (*dokimazo*, aprovado, no grego — 1 Ts 2.4). Paulo deixa ressaltar a diferença entre os deuses mortos cultuados em Tessalônica, e ainda a eficiência da sua pregação, que

também se distancia daquelas pregadas por pregadores e filósofos itinerantes, que buscavam fama, elogio, lucro e honras pessoais. A questão da dependência da igreja até que poderia ser exigida, segundo o próprio apóstolo — que pela primeira vez evoca o título de "enviado por Deus" (apóstolo), função caracterizada pela condição de testemunha da ressurreição de Cristo, isto é, somente os que viram Cristo ressurreto poderiam ser chamado apóstolo — mas ele prefere não ser pesado à igreja (1 Ts 2.6). Paulo atuava como fabricante de tendas (At 18.3).

Mas o apóstolo não é poupado por usar métodos semelhantes aos dos pregadores itinerantes de novas idéias, mensagens e filosofias, que figuravam como camelôs da informação. Muitos destes eram charlatães e tentavam atrair interessados em suas mensagens mirabolantes, chamados paroleiros. Eram pessoas que usavam o discurso para burlar, com mensagens sem conteúdo. Essa crítica não era exclusividade dos pensadores de Atenas, mas pairava na mente da população. Daí a necessidade de Paulo buscar na graça (unção) a diferença de sua pregação, caracterizada então, como boa-nova (evangelho).

Ainda sobre a dependência — tornar-se um fardo financeiro —, o apóstolo Paulo nota que os tessalonicenses pararam de trabalhar e passaram a esperar a iminente Volta de Jesus (*Parousia*, Dia do Senhor — manifestação da glória de Cristo).

Havia aproveitadores que ministravam ensinos perturbadores, entre eles o iminente Dia de Cristo. Eram falsos mestres. Diziam que Jesus estava às portas, mas Paulo ensina que a igreja não deveria ouvi-los.

Portanto, deveriam voltar ao trabalho, pois o que não trabalha também não deve comer, dizia ao usar o seu próprio exemplo (2 Ts 3.6-15). Havia pessoas que reagiam com grande medo ao ouvirem sobre a proximidade do Retorno de Cristo e abandonavam seu trabalho e passavam a viver na dependência de outras famílias, como verdadeiro peso à comunidade cristã.

"Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa compaixão com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavras, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma, vos engane" (2 Ts 2.1-3).

• Altar de Ouro

"E pôs o altar na tenda da congregação, diante do véu".

Êxodo 40.26

Embora tenha este nome, era de madeira de acácia e coberto de ouro ("E farás um altar para queimar o incenso; de madeira de cetim o farás" e "E com ouro puro o forrarás, o seu teto e as suas paredes ao redor, e as suas pontas; e lhe farás uma coroa de ouro ao redor" — Êx 30.1,3).

A madeira de acácia provém de uma árvore comum no deserto do Sinai. Ela é usada como alimento para os camelos. Sua folha é suculenta e figura como ótima opção alimentar a esses animais que precisam armazenar gordura para suas longas caminhadas em solo áridos como o deserto. Sua madeira é dura e resistente. Isso provoca a repulsa a traças comuns, que costumam consumir peças de madeira.

Por ser coberto de ouro era chamado de Altar de Ouro. Nele se queimava incenso na Tenda da Congregação. Esse altar representa a intercessão de Cristo na glória (Rm 8.34).

• Amendoeira em Jeremias

"Que é que, vês Jeremias? E disse eu: vejo uma vara de amendoeira. E disse-me o Senhor: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir".

Jeremias 1.11,12

No original, a diferença entre *amendoeira* e *velar* é muito próxima. Por isso, aqui temos um trocadilho. A amendoeira figura como um vigia – olhe para ela! E mais, ela é a primeira a brotar, entre todas as árvores, tornando-se uma referência (vigia).[19]

Interessante notar o significado do vocábulo *velar*, que pode significar tanto "Passar a noite, ou boa parte dela, acordado", como "Conservar-se aceso" (candeeiro), quanto "Estar alerta; vigiar". Significa ainda "Estar de vigia, de guarda ou de sentinela, Proteger, patrocinar; Interessar-se grandemente, com zelo vigilante".[37]

Toda essa definição reveste de importância a palavra do Senhor sobre aquilo que promete quanto à integridade de suas afirmações: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar" (Mt 24.35).

A amendoeira também é símbolo de pressa, pois a raiz da palavra hebraica traduzida por amendoeira significa "apressa-se". Mostra-se ao profeta uma amendoeira porque o Senhor apressará o cumprimento de sua Palavra.

Pode-se também entender a vara de amendoeira como uma ilustração feita por Deus a Jeremias, pois o profeta neste capítulo demonstrou insegurança depois de seu chamado por ser jovem (v. 6). A amendoeira na região da Palestina bem cedo mostra suas flores branco-rosadas, florescendo completamente em janeiro e mostrando seus frutos em março. Assim, como a amendoeira dava seus frutos em pouco tempo, ou bem nova, o profeta seria, também, usado embora sua pouca idade.

• ANTICRISTO — DE ONDE ELE VIRÁ?

"Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho".

1 João 2.22

Indagado sobre as "raízes" dessa figura destruidora, que se manifestará ao mundo, um rabino elaborou algumas informações bíblicas bem fortes para mostrar que o Anticristo sairá dos judeus.

Segundo ele, o Anticristo será um judeu – pois os judeus não poderão receber uma pessoa como sendo o Messias (Cristo), se esta não for nascida entre eles, já que os judeus, inicialmente, o receberão como sendo o Messias. Ele viria da tribo de Dã, nome que significa *juiz*. Foi o que disse Raquel, quando ele nasceu: "Julgou-me Deus...".

Raquel era a esposa querida de Jacó. Mas, estéril, teve inveja de sua irmã Léia, que até então havia gerado quatro filhos a Jacó (Rúben, Simeão, Levi e Judá). Raquel disse a Jacó:

"Dá-me filhos ou senão morro".

Jacó ficou irado e retrucou dizendo que não estava no lugar de Deus para fazê-la gerar filhos. Então, tomou Raquel sua serva Bilha e deu a Jacó para ter filho com ela (sob os seus joelhos, ou colo). Quando o filho nasceu, disse Raquel:

"Julgou-me Deus" (Gn 30.1-6).

É o quinto filho de Jacó, o primeiro de Bilha por Raquel, que depois gerou José, e Benjamim, quando morreu.

Na bênção a Dã diz Jacó:

"Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás" (Gn 49.16,17).

Interessante ainda notar que o versículo seguinte, faz um apelo, como se a pressão de Dã, sufocasse Israel:

"A tua salvação espero, ó Senhor" (v. 18).

Em Amós 8.14, temos uma referência ao deus de Dã e aos pecados de Samaria – capital do Reino Norte, após a divisão — região de Dã:

"Os que juram pelo delito de Samaria, dizendo: Como é certo viver o teu deus, ó Dã, e: Como é certo viver o caminho de Berseba; esses mesmos cairão, e não se levantarão mais".

Em Dã foram construídos altares a deuses (1 Rs 12.29,30), onde o povo, desviado dos caminhos do Senhor, adorava.

Em Deuteronômio 33.22, Dã é tido como leãozinho. E em 1 Pedro 5.8, o Inimigo é reconhecido como um leão, que anda rugindo "buscando a quem possa tragar".

Dã teve um só filho, chamado Husim, que significa "rico de filhos" (Gn 46.23).

Na contagem no deserto, Judá era a primeira em número de membros, e a segunda maior tribo era Dã (Nm 26.22,42-43). Interessante que Judá começa com o número 7 (77,5 mil) e Dã com o 6 (64,4 mil).

O 7 é o número da totalidade (e não o da perfeição), e o 6 é o número do homem, que foi feito no sexto dia. Vemos aqui a questão da tentativa de imitação a Deus. Entretanto, o Inimigo sempre fica atrás.

Dã também não está na lista das 12 tribos no Apocalipse 7.5-8, número que faz referência aos 12 apóstolos, e que teve um traidor. O nome do traidor era Judas, justamente a forma grega do hebraico Judá, o quarto filho de Léia, de quem Raquel ficou com inveja e teve, em seguida, Dã, por meio de Bila (sob seus joelhos).

Judá é o quarto filho de Jacó, e Dã, o quinto. Portanto, Judá veio primeiramente. Dele vem a promessa. De Judá (significa louvor) a promessa de Deus aos homens (Gn 49.8-11).

"O cetro não arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló (*Shiloh*); e a ele se congregarão os povos", v10.

Dã é "serpente junto ao caminho" (e enquanto o Inimigo anda como/tal qual um leão), "Judá é um leãozinho, da presa subsiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como um leão, e como um leão velho

quem o despertará?" As características de Judá (ou Daquele que vem de Judá) são específicas:

Um leãozinho (que da presa subsiste) — das conquistas;

Filho meu — "Tu és meu Filho amado, em ti me tenho comprazido" (Lc 3.22);

Deita-se como um leão (domínio);

Como um leão velho quem o despertará? (seguro e intocável).

A manifestação do Anticristo de 3,5 anos (primeiro período) imita o tempo do ministério de Jesus. E também virá contra Jacó (Israel), que diz: "A tua salvação espero, ó Senhor!" (v. 18). Observe os versículos anteriores. Logo após a ação de Dã, Jacó clama.

Outras características

Dã ficava no Monte da Maldição para dizer amém! (Dt 27.13).

O inimigo de Israel vem do Norte, onde Dã ficava (Nm 2.25).

Era um povo dado ao comércio (Jz 5.7; Ez 27.19).

Tirou os ídolos de Mica e os estabeleceu em Dã (Jz 18.17-21,27; 18.30-31)

Não ajudou contra Sísera, por isso foi reprovado (Jz 5.17).

• APERFEIÇOAMENTO

"querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo".

Efésios 4.12

O versículo anterior, que traz a relação de ministérios eclesiásticos, usa a preposição para ("... outros para..."), com a idéia de destinação, fim, objetivo definido, condições para se fazer alguma coisa, finalidade. É por isso que há diversidade de dons, pois cada um tem sua finalidade para edificação do Corpo de Cristo. Edificação remete para a idéia de "Aperfeiçoamento moral ou religioso; esclarecimento, informação, instrução".

A seqüência dos ministérios na Igreja, conforme relação do apóstolo Paulo, em Efésios 4, termina com o objetivo principal que é o "aperfeiçoamento". Esta palavra, no grego, tem o sentido de "corrigir osso quebrado".

A expressão no grego é interessante: *katartismon* significa articulação abaixo, ajustamento, perfeito equipamento. O verbo *katarthizo*, que é a conjugação desse substantivo, significa "tornar algo no que deve ser". Assim, Paulo explica, de acordo com o versículo 11, que os ministérios entregues por Deus servem para aperfeiçoar os santos, tornando-os aquilo que devem ser, para o serviço e edificação do corpo.

Ainda no mesmo assunto, o apóstolo em 1 Coríntios 12.27 fala: "Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular".

A função do doutor ou mestre — o último dom mencionado na lista — tem que ver com a manutenção da doutrina da Igreja e, por conseguinte, a unidade do Corpo de Cristo, uma vez que *corrigir osso quebrado* diz respeito ao corpo. O mestre, ao contrário do profeta – se bem que nem sempre é possível distinguir um do outro —, tinha a função mais expositiva das Sagradas Escrituras, em forma de homilia (ensino em tom familiar).

Todos sabemos da grata satisfação que ocasiona enlevo espiritual ouvir um doutor na Palavra explanar a Bíblia, fato raro hoje em dia. Ele fala sob inspiração em exposição mais didática, sempre com o objetivo de provocar a edificação da igreja e o fortalecimento das doutrinas e da fé em Cristo. "Ele buscava dar direção à igreja com base no que tinha acontecido no passado".

• ARMOU A SUA TENDA

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade".

João 1.14

Neste versículo, no original grego, a frase "habitou entre nós" significa *armou a sua tenda em nosso meio, entre os homens.* Portanto o Senhor procura, a todo custo, levar-nos para a sua morada. Além disso, o texto indica a idéia de proteção.

Tenda, entre os orientais, além de habitação, indica também domínio de um abrigo, que pode servir de hospedagem. E quando um chefe de casa recebia uma pessoa, esta passava a ser sua protegida, pois estava sob seu domínio.

Suas honrarias se estendiam a tal hóspede, como se nota em Gênesis, no caso da visita dos anjos a Sodoma (Gn 19). Os homens de

Sodoma eram pervertidos sexualmente. Queriam abusar sexualmente dos visitantes (v. 5). Caso isso acontecesse, Ló seria desonrado sobremaneira, deixando-o sob o domínio da vergonha, por não poder receber os anjos em sua casa (vv. 1-3) e tê-los sob sua proteção.

Então, Ló chega ao extremo, dado o peso desse costume e conseqüente honraria, e oferece suas filhas virgens àqueles homossexuais, que as rejeitam (vv. 7-9).

Os anjos destruíram Sodoma e Gomorra, após provocar a cegueira dos perseguidores.

Outra passagem que mostra esse costume está em Salmos 133: A honra a uma pessoa digna, motivava o derramamento de azeite sobre a cabeça dessa pessoa — um dos mais altos atos de expressão de dignidade (v. 2): "É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla de suas vestes".

Já no Novo Testamento temos Maria, irmã de Lázaro, que quebra um invólucro de perfume caríssimo, à base de ungüento de nardo puro ("de muito preço") — João 12 — e unge os pés de Jesus. O produto poderia ser vendido por 300 denários. Para se ter idéia, um diarista ganhava um denário (dinheiro) por diária. O valor do perfume era o equivalente a 300 dias de trabalho — quase um ano inteiro. Por isso Judas retruca (v4-6), usando os pobres como meio de justificar a sua boa atitude, quando, na verdade, roubava.

Em outra passagem (Lc 7.36-47), Jesus estava na casa de um fariseu, que o censura por permitir que a mulher pecadora, chorasse aos seus pés, enxugando-os com os seus cabelos "e ungia-lhos com o ungüento" (v. 38).

Ao repreender o fariseu, Jesus disse: "Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés... não me deste ósculo (beijo), mas esta mulher, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com ungüento" (vv. 44-46).

Linhagem de Cristo

O Evangelho de João, na verdade, mostra a origem espiritual da Igreja, ao indicar a gênese de Cristo: "o Verbo que se fez carne".

Diferente da gênese de Adão (homem), a semente de Jesus foi estabelecida pelo próprio Espírito Santo, sem a intervenção da semente humana – o esperma, que carrega todo o DNA ou características de um ser.

As características do Senhor foram dadas, ou tiveram origem no próprio Espírito. Portanto, o "armar a sua tenda e habitar entre nós", estabelece também a implantação do DNA espiritual, para que o homem passe a pertencer à linhagem de Cristo.

Dessa ação divina entre os homens temos o novo nascimento do homem (nascimento espiritual e não carnal, humano), que passa de natural para ser espiritual (em Cristo). Essa transformação está clara no próprio Evangelho de João: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome" (1.11,12). Outra passagem corrobora com essa afirmação e com o plano de transformação do homem em ser espiritual, pela linhagem de Cristo, conforme o próprio evangelho, que limita o acesso ao Reino aos que passarem pela radical mudança, que o grego chama de *metanóia* (*meia-volta*): "aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (3.3). Por fim, temos Paulo falando o mesmo em outras palavras: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

Portanto "habitar entre nós" vai além de uma interpretação que salta aos olhos quando simplesmente se lê o texto. É um convite para tomar lugar em uma habitação protegida pelo Eterno.

Dentro dessa "casa divina" — a morada do Altíssimo — o convidado, além de receber honras, como vestes especiais (Mt 22.11; Ap 7.13), recebe ainda, como recompensa, por depositar sua confiança no Senhor (literalmente dono, proprietário, marido, mestre, ancião de dias), a garantia de Vida Eterna, acordado nas Escrituras: "E todos quantos o receberam, deu-lhes o direito..." (Jo 1.12).



Batismo nas (ou em) águas

"Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo no morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida".

Romanos 6.1-4

Batismo vem do grego *baptismós* e do latim *baptismu*. Significa imersão (sepultamento). A exemplo da Ceia é uma das ordenanças à Igreja. Fomos sepultados em Cristo pelo batismo, para com Ele ressuscitar, conforme Romanos 6.4. Temos as nossas vidas transformadas e nos apresentamos ao mundo em

novidade de vida — nova vida, uma vida diferente em Cristo. "... assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6.4). O batismo é símbolo externo da lavagem interna de nossos pecados (At 22.16).

O batismo é realizado após a conversão, como símbolo de mudança de rumo, vida ou caminho —, confirmando tal ato, com o símbolo da morte do velho homem. Daí o porquê o batismo ter o significado de sepultamento ou morte do velho homem (2 Co 5.17). É o "despojamento da imundícia da carne" para a boa consciência com Deus (1 Pe 3.21). Leia Mateus 26.19 e Atos 22.16.

Mudança proposta

Da tintura de roupa, usada como um costume entre os gregos, vem o termo batismo, que é mergulhar a peça na tintura e tirá-la já transformada em outra cor. A indústria de lã e as diversas cores de tecidos oferecidos faziam de Sardes o orgulho da região, a partir dessa grande descoberta da época.

A tintura preparada servia para mudar o aspecto do tecido, e isso acontecia em Sardes em nível industrial. A cidade orgulhava-se da indústria de lã e tintura.

Ao imergir o tecido na tintura — de acordo com a cor desejada —, o tecido transformava-se para depois ser industrializado, já em nova versão de cores. Esse atrativo introduzido ao tecido, para produzir vestes atraentes (Ap 3.4), vai de encontro à exuberância da Prostituta do capítulo 17: "A mulher estava vestida de púrpura e escarlata, adornada com ouro e pedras preciosas, e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição" (v. 4).

Em Sardes estão representadas a riqueza e a prosperidade de Laodicéia, com a visão de esplendor que as roupas coloridas produziam (psicodelismo comercial), em contraste com o que foi proposto pelo Senhor: "Comigo andarão de branco". Isso só é possível se "... já vos despistes do velho homem... e vos vestistes de novo" (Cl 3.9,10).

• Bispo na Igreja e seu papel

"Se alguém deseja o episcopado (ser bispo). Excelente obra deseja".
1 Timóteo 3.1

Os bispos sempre tiveram função fundamental na Igreja. Sua atuação como supervisor é específica, tanto do ponto de vista da

experiência adquirida (ancião), quanto da própria atuação: "Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei: Aquele que for irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. Porque convém que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante, retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes".

Os bispos deveriam agir contra os desordenados, faladores, enganadores, os que ensinam o que não convém e gananciosos.

"Repreendendo-os severamente" (Tt 1). Tito, por exemplo, foi delegado no Concílio de Jerusalém (Gl 2.1; At 15), e já em idade avançada bispo na Ilha de Creta. Sua atuação na igreja abrangia o:

- Estabelecimento da ordem de acordo com a Palavra;
- Instalação de obreiros nas cidades (papel do supervisor).
- Suas qualidades deveriam ser realçadas por sua autoridade no lar, a partir de sua postura:
- Casado com uma única mulher;
- Com domínio no lar (testemunho).

Necessidade da igreja em Creta

A igreja em Creta precisava de um homem de ensino, abalizado e conhecedor da Palavra. Os cretenses era um povo obstinado, que precisava de um obreiro capaz e que possuísse autoridade espiritual.

Lá estavam os contradizentes, desordeiros, faladores, enganadores e judaizantes, que precisavam ser repreendidos com autoridade.

O próprio povo cretense – e deles vem o adjetivo pátrio *cretino* – era de difícil trato. Precisavam de transformação a partir do ensino da Palavra. Eram homens dados à confusão.

Presbítero e bispo

Não obstante o vocábulo bispo ser sinônimo de presbítero, as funções são distintas. As duas têm o significado de ancião.

"As palavras 'presbítero' (*presbuteros,* no grego) — Tito 1.5 — e 'bispo' (*episkopos,* no grego) — versículo 7 — são equivalentes e se referem ao mesmo cargo eclesiástico. 'Presbítero' indica maturidade e dignidade espirituais necessárias ao cargo; 'bispo' se refere ao trabalho de supervisionar a igreja como administrador da casa de Deus".[20]

Bispo é *episcopus* no latim, além de supervisor, tem o significado de vigilante.[21] Sua proximidade do presbítero está na função, a exemplo do relato de Atos 20.28, onde os presbíteros, em Éfeso, são constituídos bispos pelo Espírito Santo para cuidar da Igreja. Isto porque o presbítero é um ancião, enquanto presbitério um grupo de presbíteros. "De Mileto, mandou a Éfeso chamar os anciãos da igreja" (At 20.17). Cristo é chamado de "o Pastor e Bispo (guarda) das vossas almas" (1 Pe 2.25).

Nas Epístolas Pastorais, a palavra *presbyteros* normalmente está (menos em 1Tm 5.19) no plural, o que corresponde à natureza colegial dessa função. Lucas fala a respeito da instituição de presbíteros por Paulo na sua primeira viagem missionária (At 14. 21-23) — o interessante é que as cidades onde Paulo colocou presbíteros são as mesmas mencionadas nas pastorais (2 Tm 3.11). Na *Didaqué* (escrito litúrgico do primeiro século) e na Carta de Clemente de Roma aos Coríntios (95 d.C.) é deixado claro que os apóstolos instituíam os *epíscopos* e diáconos. Mas somente em 115 d.C. que aparece, nas cartas de Inácio de Antioquia à Ásia Menor, a distinção clara entre o bispo e o colégio de presbíteros.

Em Atos a expressão *episkopous* aparece uma única vez no discurso de despedida de Paulo dirigida aos presbíteros de Éfeso. Neste discurso é nítida a equivalência entre presbíteros e bispos. Desta forma, Lucas mostra que na organização da igreja o presbítero era o mesmo que o bispo. Nas Pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito) *presbyteros* aparece no plural e o *episcopous* (bispo) no singular. Em Tito 1.5-7 o presbítero tem a função de bispo ou são equivalentes, como aparece em Atos 20.28. Em 1 Timóteo, diferentemente, separa o bispo (capítulo 3) e presbíteros (capítulo 5). Por ter a expressão *episcopos* o sentido de supervisão, como traduz a Septuaginta no livro de Isaías 60.17, e estar no singular, enquanto presbítero no plural, podemos acreditar na organização

eclesiástica com a liderança ou supervisão do bispo (*episcopos*) sobre os presbíteros.

As funções dos presbíteros e bispos consistiam em garantir a segurança diante das ameaças internas e externas, difundir a sã doutrina, a ordem eclesiástica e debater com hereges. Esses deveriam ter um bom nome, um comportamento exemplar e competência na pregação (1 Tm 3.2ss; 2 Tm 2.2; Tt 1.9). Como disse Norbert Brox, "os presbíteros e bispos tinham o múnus de guiar a comunidade (1 Tm 3.1ss; 5.17ss; Tt 1.5ss); eles recebem esse múnus pela imposição de mãos (1 Tm 5.17ss); do seu sustento encarrega-se a comunidade (1 Tm 5.17ss)".[22]

Depósito ao longo dos anos

A Bíblia afirma que "Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja" (1 Tm 3.1). Contudo existem recomendações expostas pelo apóstolo de como devem ser os referenciais de um bispo. O texto mostra com clareza tratar-se realmente de um supervisor. A palavra "irrepreensível" (v. 2), no grego *anepilemptos*, por exemplo, indica uma pessoa que não pode ser atingida.[20]

Ora, entendemos aqui ser um monumento, uma construção, uma conquista ao longo dos anos, a figura de um supervisor. Tanto que a sua honra extrapola limites comuns. "E que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra" (1 Ts 5.13).

• Bosques e altos (Poste-ídolo) – Aserá

"... edificaram altos em todas as suas cidades... E levantaram estátuas e imagens do bosque, em todos os altos e outeiros e debaixo de todas as árvores verdes".

2 Reis 17.9,10

Aserá era a deusa cananita da fertilidade (*Asherah*, no hebraico). Seu culto penetrou em Jerusalém por meio da mãe do rei Asa (*Maachah*, no hebraico) e em Israel por Jezabel. Era uma peça ritual de madeira que simbolizava a deusa. Tinha forma de árvore, de um tronco de árvore ou de uma coluna junto do altar da deusa.[23] Na tradução da Bíblia para o Português é grafada como bosques ou poste-ídolo (2 Rs 17.16). "...e fizeram um ídolo do bosque... e também imagens de Asera..."[24]

A enciclopédia Wikipédia define Aserá Astarte como personagem do panteão fenício e na tradição biblico-hebraica conhecida como deusa dos Sidónios (1 Rs 11.2). Era a mais importante deusa dos fenícios. Filha de Baal e irmã de Camos. Deusa da lua, da fertilidade, da sexualidade e da guerra, adorada principalmente em Sidom, Tiro e Biblos.

A indicação da forma de adoração dessa deusa consistia na figura de um tronco (poste) de árvore, mas está escondida atrás da própria tradução. O nome da deusa Aserá (ou Asera) também não é realçado. Tais referências aparecem com Crônicas e Reis. Como Bosque aparece em 2 Reis 14.4: "Tão-somente os altos não tiraram; porque ainda o povo sacrificava e queimava incenso nos altos". Há um versículo idêntico em 2 Reis 12.3. "...o bosque ficou em pé em Samaria" (2 Rs 13.6).

A tradução limita-se à forma de árvore e não dá detalhes da deusa porque sua figura era indecorosa. A deusa era construída por meio de um poste-ídolo. Ela aparecia com grandes seios e as genitálias bem abertas e expostas, de forma imoral. Por isso, a tradução ocultou a real significação.

Dessa crendice e adoração gentílica saíram outras, vistas entre povos de várias partes do mundo. No Brasil, por exemplo, tem-se o costume, em forma de fetiche, de bater na madeira. É uma referência indireta aos deuses que eram adorados em forma de árvore, troncos e poste-ídolo (Ver **Carvalho**).

• "BRAMIDO DO MAR E DAS ONDAS"

"E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas".

Lucas 21.25

Nós vimos isso se cumprir por meio da catástrofe provocada por ondas gigantes — o tsunami — em 26 de dezembro de 2004, no Oceano Índico. As ondas gigantes, provocadas por um terremoto registrado no fundo do mar, varreram cidades inteiras, atingiram inúmeros países e mataram cerca de trezentas mil pessoas.

Observe que a Bíblia fala em *mar* e *ondas*. O texto bíblico é bem específico. E mais: indica ainda a "angústia das nações", pois mais de uma nação foi atingida.

O tsunami atravessou o final de ano de 2004 e continuou provocando a morte de pessoas até o início de 2005. Milhares de pessoas ficaram desabrigadas. Dentre elas muitas perderam tudo o que tinham, até mesmo familiares.

Enquanto os terremotos duram em média um segundo ou até menos, e outros, de intensidade moderada, podem durar alguns segundos, o que provocou as ondas gigantes na Ásia durou um tempo bem maior, sendo capaz de devastar várias cidades e alterar a rotação da Terra.

• Buraco negro

"O norte estende sobre o vazio, suspende a terra sobre o nada".
Jó 26.7

O cosmo — a imensidão dos céus — esconde mistérios ocultos ao homem. A cada geração, após o avanço das descobertas, em especial depois da Reforma Protestante, o homem registra novos conhecimentos a respeito do cosmo. A partir da viagem à Lua, outras revelações vieram, mas ainda não se consegue desvendar a imensidão daquilo que o Criador formou.

A declaração de Jó lança luz para descobertas efetuadas milhares de anos depois. Em 1994 a Nasa descobriu, por meios de mapeamento tridimensional, um buraco galáctico (sem galácia), o que Jó havia já mencionado.

Ainda temos muito a descobrir. O que ficou claro até aqui é que a Nasa não tem nenhuma informação que dá conta da possibilidade de vida em outros planetas, não obstante o esforço de defensores dessa utopia.



Cabelos da mulher

"E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com ungüento. E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhes com os cabelos da sua cabeça e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o ungüento".

Lucas 7.37-39

Em razão do costume da época, os fariseus censuravam Jesus e ainda deixavam transparecer o preconceito pela pecadora que enxugava os seus pés com os próprios cabelos.

Em sinal de respeito, naquele tempo, as mulheres (senhoras), prendiam os cabelos. Até hoje os árabes determinam que os cabelos das mulheres sejam escondidos à vista do homem. Segundo eles, os cabelos femininos aguçam a sexualidade masculina.

Já as prostitutas de Corinto — as cortesãs — mulheres que se entregavam à prostituição sagrada, raspavam a cabeça, possivelmente em sinal de dedicação aos seus deuses. Paulo escreve aos coríntios: "Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça, porque é como estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu" (1 Co 11.5,6).

Os cabelos compridos diferenciavam as cristãs das sacerdotisas sagradas. E o véu, comum às mulheres judaicas honradas, seria trocado pelos cabelos compridos. Paulo desta forma estava resolvendo dois problemas: das mulheres cristãs para não serem confundidas com as prostitutas e as prostitutas convertidas que usariam o véu até seus cabelos crescerem. Contudo, era um problema específico em Corinto, pois em nenhuma outra carta paulina este ensino é encontrado.

• Camelo e a agulha

"Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha que entrar um rico no Reino de Deus".

Lucas 18.25

Esta declaração de Jesus se reveste de mistério para muitos. Realmente ela não deixa de mostrar a dificuldade de uma pessoa que deposita seu amor nas riquezas. Se notarmos no contexto as explicações tornar-se-ão mais claras: "E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade. E, quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. Mas, ouvindo ele isso, ficou muito triste, porque era muito rico" (Lc 18.18-23).

"Predominava entre os judeus daqueles tempos a idéia de que as riquezas eram sinal do favor especial de Deus, e que a pobreza era um sinal de falta de fé e do desagrado de Deus. Os fariseus, por exemplo, adotavam essa crença e escarneciam de Jesus por causa de sua pobreza (16.14). Essa idéia falsa é firmemente repelida por Cristo".[20]

A riqueza se mostra negativa quando ela leva ao distanciamento divino em função do falso sentimento de segurança que ela pode apresentar.

O mesmo texto que trata do assunto na Bíblia aparece em Mateus 19.16-22 e Marcos 10.17-22.

Muitas tentativas de explicações surgiram no decorrer da história da Igreja em busca de uma explicação aceitável, uma vez que é completamente impossível passar um camelo pelo fundo de uma agulha. Assim, surgiram muitas, e não menos interessantes sugestões, algumas aparentemente lógicas.

Uma delas diz que a tradução pecou ao traduzir *kámilos*, que significa corda, no grego, por *kámelos*, o animal. "Esta afirmação escritural tem sido repetida milhões de vezes, mas é uma tradução errada do original grego". [25]

O tradutor para o latim errou, ao confundir as duas palavras e o seu erro passou para todas as demais traduções.

Em sua apologia, Cirilo de Alexandria, em 444, já defendia essa idéia diante de imperador Juliano, denominado por Cirilo de ímpio. Para Cirilo camelo era um cabo grosso.

A respeito da interpretação desse texto se firmar na possibilidade da troca da palavra *kámilos* (corda) pela *kámelos* (camelo), se torna fraca porque essa alteração só aparece nos manuscritos Cursivos (*minúsculos*), mais recentes que os Unciais (*maiúsculos*).

A outra teoria dá conta de que era uma das portas em Jerusalém. Os animais, que chegavam de viagens e carregados, necessariamente, curvavam-se para que pudessem entrar à cidade. Mas essa tal porta, segundo autoridades, jamais existiu, assim como a tal inscrição no grego, que teria sido traduzida erroneamente.

Ainda sobre essa interpretação dando conta de que se tratava de uma porta comum na Palestina, onde os viajantes somente passariam abaixados e os camelos ajoelhados sem suas bagagens, seria inconsistente porque a palavra no original em Mateus 19.24 é agulha de costura e em Lucas 18.25 é agulha cirúrgica, o que indica que os dois estão falando literalmente em agulhas comuns. Todo expositor antigo toma o fundo de agulha em sentido literal e, portanto, não podemos deduzir que Cristo utilizara alegoricamente o termo. "A expressão de Lucas é a mais clássica. O grego que Mateus e Marcos usaram diz de uma agulha que

é usada com linha, enquanto Lucas usa um termo médico. Refere-se a agulha que é usada em operações cirúrgicas". [26]

A hipérbole — figura de linguagem que se caracteriza pelo exagero, com o objetivo de despertar a atenção dos ouvintes, para melhor fixar o fato na memória — usada por Jesus para enfatizar que a confiança na riqueza torna a salvação praticamente impossível tem apoio entre os judeus, por meio do Talmude Babilônico, da mesma época, que afirmava: "Ninguém imagina, nem mesmo em sonho, uma palmeira de ouro ou um elefante que passe pelo buraco de uma agulha", conforme cita Ebenézer Soares Ferreira.[26]

Ebenézer analisa os textos nos Evangelhos a partir do original grego e afirma que

O Senhor estava mostrando a dificuldade de um rico entrar no Reino dos céus, mas completa dizendo que o que para os homens parecia impossível para Deus era possível (Mt 18. 26; Lc 18.27).

Embora o Senhor tenha falado da (quase) impossibilidade, diz em Marcos 10.24: "Filhos, quão difícil é, para os que confiam nas riquezas, entrar no Reino de Deus!"

O dinheiro não é um mal em si, mas o amor ao dinheiro sim, conforme Paulo afirma em 1 Timóteo 6.10. O apóstolo complementa essa orientação nos versículos seguintes, quando dá orientação aos ricos crentes (vv. 17-19).

Deve-se considerar, finalmente, que o camelo era um animal de referência, muito importante, em especial para a carga. Quando Jesus faz a ilustração, chama a atenção para essa importância, como forma de realçar o significado de sua mensagem: "Na sua luta para acumular riquezas, os ricos sufocam sua vida espiritual, caem em tentação e sucumbem aos desejos nocivos, e daí abandonam a fé. Geralmente os ricos exploram os pobres".[20]

• Cão – significado bíblico

"Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira".
Apocalipse 22.15

Os pecados diretamente ligados à adoração a deuses e/ou espíritos (idolatria e feitiçaria) são listados seguidos ou precedidos dos pecados

cometidos por adúlteros (devassidão, prostituição, lascívia, impureza), conforme Gálatas 5.19-21 e 1 Coríntios 6.10.

Quando a Bíblia fala em cães (que ficarão de fora) não faz referência propriamente ao animal, que nada tem que ver com a Eternidade, céus e salvação, mas de um tipo de pecado que leva a pessoa a ser descrita como um cão — que não mantém uma única companheira, pratica o acasalamento indiferente a qualquer constrangimento, mesmo em público e ainda não tem sentimento de adoração (partícula divina — o sopro divino).

Tanto que quando o dicionário toma o vocábulo cruzar, com o sentido de acasalar (cópula animal), leva para o desvio do relacionamento humano, com a seguinte definição: "Amancebar-se, amasiar-se, amigar-se".

Cão significa "homem que se dedica à prostituição sagrada".[27] Sua definição, dentro do texto bíblico, tem que ver com as mulheres religiosas de Corinto que praticavam a prostituição "sagrada" — elas faziam parte do clero pagão. Neste caso, os homens que praticavam a relação sexual com tais mulheres passaram a ser definidos como cães.

"Caso único entre os povos de Canaã, para os quais a prostituição sagrada é um rito capital da fecundidade".[27]

Para o povo de Deus a proibição sempre foi clara: "Não haverá rameira [cortesã sagrada] dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita [prostituto sagrado] dentre os filhos de Israel. Não trarás salário de rameira nem preço de cão à casa do Senhor, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos são igualmente abominação ao Senhor, teu Deus" (Dt 23.17,18).

Corinto – centro da promiscuidade

A prostituição era tão patente em Corinto que os gregos usavam o termo *korinthiazein*, que indicava "viver como um corinto". O termo grego designava "vida promíscua". Para "moça de Corinto" Platão (*República*), denominava *korinthía koré*, com a idéia de prostituta.

"O santuário de Afrodite regurgitava a tal ponto de riqueza, que tinha como hieródulas mais de mil cortesãs, oferecidas a divindade por doadores e doadoras; é evidente que elas atraíam multidão de pessoas a Corinto e contribuíam para enriquecê-la", afirmou Estrabão (*Geografia*), citado por Roberto Carlos Cruvinel (*Prostituição em Corinto*).

• CARVALHO

"Depois, apareceu-lhe o Senhor nos carvalhais de Manre, estando ele assentado à porta da tenda, quando tinha aquecido o dia".

Gênesis 18.1

Carvalho é uma árvore grande e frondosa, considerada sagrada para os cananeus. Sob esta árvore os cananeus adoravam aos seus deuses e seus profetas buscavam mensagens sob elas. Nessas árvores aguardavam o mover do vento para distinguir mensagens pelo balançar das folhas e galhos.

Quando os três anjos apareceram a Abraão, o encontro ocorreu quando o patriarca estava sob essa espécie vegetal. Ali, embora o Carvalho fosse um local de adoração dos cananeus, Abraão ofereceu sacrifício ao Senhor (18.1-8).

Adoração ao Carvalho

O carvalho era uma árvore sagrada para a maioria das religiões pré-cristãs da Europa, com o significado de um elo entre a Terra e outros mundos.

"O termo *druida* corresponde à latinização da palavra galesa *dryw*, que significa "conhecimento do carvalho".[28]

"Os druidas, sacerdotes de cultura celta, tanto para bretões quanto para gauleses, formavam uma classe hierarquizada que presidia sacrifícios, praticava adivinhações, magia e cultos."[29]

A história diz ainda que eles viviam de poções mágicas, que provocavam força sobrenatural. "A partir do século XVIII, começaram a surgir na Europa alguns grupos que tentavam recuperar a tradição e a religião dos celtas, mas acredita-se que eles não têm praticamente nada em comum com os ritos originais e crenças mágicas dos druidas."

Há um costume da antiga adoração a árvores e moita sagradas, como faziam os cananeus com os carvalhos. Para ouvir um espírito falar ou dar certa direção, iam aos montes para receber a direção nos carvalhos. O sinal constituía-se no mover de suas copas, galhos ou folhas pelo vento.

O Carvalho de Moré, que aparece na Bíblia, tem o significado de *instrutor, adivinho*. Muita gente acredita que Deus se manifestava por meio de árvores, bosques e arbustos silvestres.[30]

"Os zoroastrianos (de Zoroastro) tinham por sagrada todas as plantas... Os gregos veneravam Zeus no Carvalho de Dodoma. O famoso carvalho ou terebinto de Abraão, em Manré, foi adorado por séculos... Agamenon fora um sacerdote de um culto arbóreo. Buda lograva a tranqüilidade sob a árvore Bo".[28]

Os ingleses usavam palavras mágicas numa referência às arvores, e quando *batemos na madeira*, para afugentar o mau, "invocamos o espírito da árvore para proteger-nos."

O catolicismo romano ensinou um tipo de veneração por meio das imensas fogueiras de São João, em suas festas juninas ou julinas, com doces e comidas oferecidas aos seus santos, além de cantigas e grandes festas.

Sobre a árvore de Natal, que chega a ser venerada por muitos, além da famosa guirlanda, que vai pregada à porta, como um fetiche, Charles Francis Potter diz o seguinte: "O cepo das fogueiras, a árvore cheia de luzes,... nada disso tem a mínima ligação com o cristianismo, mas, todos eles utilizados por bons cristãos em tempo de Natal, convertem estes em ardorosos, embora inconscientes, adoradores pagãos das árvores, pelo menos naqueles dias".[28]

• CASAVAM-SE E SE DAVAM EM CASAMENTO

"E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca".

Mateus 24.37,38

O sentido no original grego da frase "casavam e se davam em casamento", conforme o mestre Antonio Gilberto é: "Casavam, descasavam e casavam novamente".

Naquela época (antediluviana), "... a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gn 6.5). Um dos desvios que figura sempre como espelho da corrupção humana é a destruição do casamento, que teria sido banalizado, tornando-se ordinário sem que o compromisso fosse levado a sério.

Atualmente a banalização do casamento está nos seriados norte-americanos, mas apresenta maior ênfase nos segmentos da cultura

brasileira. As nossas raízes são frágeis nas questões que espelham dignidade, ética e moralidade. Há sinais prodigiosos de libertinagem desde os primeiros dias do Império nas "terras de Santa Cruz". O colunista Roberto Pompeu de Toledo, em sua coluna *Ensaio*[31], traça o perfil histórico da cultura brasileira, e acaba por explicar as mazelas vividas hoje. "A lascívia fez de nós a sua pátria, como se sabe." Ele cita um trecho de Paulo Prado, do clássico *Retrato do Brasil*, para mostrar como a impudicícia figurava como prática de uma verdadeiro mercado de cortesãs, à moda tupiniquim: "Para homens que vinham da Europa policiada, o ardor do temperamento, a amoralidade dos costumes, a ausência do poder civilizado — e toda a contínua tumescência voluptuosa da natureza virgem — era um convite à vida solta e infrene em que tudo era permitido."

Essa imagem ainda é preservada. Em 2006, por exemplo, um turista europeu foi preso no Rio de Janeiro, ao tocar em uma mulher de forma libidinosa. O homem detinha a consciência pública que se forma de um Brasil sensual e libertino. Isso ocorre sempre que o Governo divulga o país no exterior. O Ministério do Trabalho, por exemplo, lança em seu site o código de uma nova profissão que premia a vulgarização do sexo. O site indica um código profissional para prostitutas e acompanhantes sexuais, dentre outras pretensas profissões, indicadas por nomes chulos. É uma aberração, mas é real. É a oficialização da promiscuidade.

Toledo cita ainda Gilberto Freire, em *Casa-Grande e Senzala* "que diz que a cada página que se vira é uma bolinação roubada a uma escrava ou um esfregão numa índia." Diz também que o país batia a orgia romana. "A safadeza brasileira não tinha hora nem lugar. Não se pensa, porém, que isso só resultasse liberdade e alegria". Havia a opressão do forte.

Pompeu segue sua análise até falar em banalidade dos costumes nacionais, ao tocar em questões de domínio político e econômico, mas não se poder desmembrar da promiscuidade carnal. Uma se liga à outra.

Nota também a contextualização da libertinagem. "Ficou feio falar em 'amante'. A palavra invoca trampolinagem de mau gosto, libertinagem de subúrbio. Só não é mais brega que 'amásia'. Então se usa 'namorada'..."

É a cultura hedonista (hedonismo vem do grego *hedoné* e significa prazer) que considera o prazer individual e imediato como o único bem possível, princípio e fim da vida moral. É a busca do prazer para se

alcançar a felicidade, que torna o homem consumista, egoísta, materialista, descrente, mundano.

O então ministro Carlos Velloso plagia o historiador Arnold Tonbye, para evidenciar a interrupção de povos que mantêm a decadência: "A História mostra que a decadência dos grandes impérios, dos notáveis regimes, iniciou-se quando os costumes foram se relaxando".[32]

Mas o que realmente estaria indicando Mateus?

Contudo, em Mateus 24.38 são utilizados os verbos *gameo* (eu caso) e *gamizo* (dar em casamento, no sentido de estar casado ou se casar) no particípio, com a idéia de que estas práticas antes do Dilúvio eram realizadas juntamente com o comer e o beber. Estes dois verbos gregos, quando utilizados em Mateus e em outras passagens do NT (Mc 10.12; 12.25; Lc 16.18; 1 Co 7.9,28,34), segundo alguns teólogos, não permitem uma interpretação pejorativa ou imoral (divórcio, descasar, casar novamente). Estas eram práticas cotidianas, dando a entender que o povo na época de Noé vivia despreocupadamente, sem se importarem com uma catástrofe que estava prestes a acontecer.

Quem se casava e se dava em casamento tinha em mente, como hoje deveríamos ter, planos para o futuro, como se nada fosse acontecer que impedisse a convivência matrimonial. Desta forma, como na época de Noé, quando todos estivessem vivendo comumente, sem que estivessem preocupados com a chegada do fim, o Filho do Homem voltaria e pegaria alguns de surpresa. Essa passagem não tem caráter parentético (exortação moral), mas apocalíptico.

Este texto mostra Jesus admoestando o povo com a exortação de que a Volta do Filho do Homem seria a qualquer momento, quando menos esperassem. Esta parte do capítulo 24 de Mateus deve ser lida à luz da continuidade do capítulo: "Estando, dois no campo, será levado um e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma e deixada outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que horas há de vir o vosso Senhor" (Mt 24.40-42).

• Cativeiro de Judá

"Era Zedequias da idade de vinte e um anos quando começou a reinar e reinou onze anos em Jerusalém; e o nome de sua mãe era

Hamutal, filha de Jeremias, de Libna. E fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera Jeoaquim. Por esta razão, sucedeu que, por causa da ira do Senhor contra Jerusalém e Judá, ele os lançou fora de sua presença; e Zedequias se rebelou contra o rei da Babilônia. E aconteceu, no ano nono de seu reinado, no mês décimo, no décimo dia do mês, que veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, contra Jerusalém, ele e todo o seu exército, e se acamparam contra ela e levantaram contra ela tranqueiras ao redor".

Jeremias 52.1-4

As fases do Cativeiro Babilônico ocorreram a partir do ano 587 a.C., bem como a destruição da cidade de Jerusalém. A primeira leva de cativos foi conduzida por Nabucodonosor, quando tomou Jerusalém. O cativeiro teve três fases:

1) Início com Joaquim (2 Rs 24.12-16; 25.27-30);
2) A revolta de Zedequias (2 Rs 24.20; 25.1-7);
3) O assassinato de Gedalias (2 Rs 25.22-26; Jr 40.7; 41.18).

Jeoiaquim (Eliaquim) foi colocado no trono, no mesmo ano, pagando tributo ao Egito. Nesse tempo o rei da Babilônia, Nabucodonosor, tomou as rédeas do Egito (2 Rs 24.7), e ainda dominou por três anos Jerusalém (2 Rs 24.1), no tempo de Jeoiaquim.

Após morrer, Joaquim (598-597 a.C.), passa a reinar no lugar do antecessor morto. Em seu reinado, Nabucodonosor cercou Jerusalém, levando o rei, juntamente com os nobres e valentes para a Babilônia (2 Rs 24.14-16).

No lugar de Joaquim foi colocado Zedequias (597-587 a.C.), o último rei de Judá (2 Rs 24.17). Zedequias rebelou-se contra o reino babilônio, fazendo tramas políticas com o Egito (2 Cr 36.13; Ez 17.11-21). Enquanto os babilônios, que haviam cercado Jerusalém (2 Rs 25.1-3), interrompendo o cerco para perseguir os egípcios, o povo fugiu (v. 4), mas Zedequias acabou morto (vv. 5-7).

Destruição de Jerusalém

O chefe da guarda do rei, Nabuzaradão, veio a Jerusalém, queimou a cidade, o Templo e derrubou os muros (2 Rs 25.8-22). Todos foram

deportados para a Babilônia. Ficaram somente os pequenos e pobres. Dez mil foram levados para a Babilônia (2 Rs 24.14).

Setenta anos do Cativeiro

Os 70 anos seriam aplicáveis ao período entre a primeira leva de cativos até a ordem de restauração da cidade; ou o período entre a destruição do Templo e sua completa reconstrução (2 Cr 36.21).

A volta do Exílio

Em 522 a.C., Dario sobe ao trono Pérsa, e, em 539 a.C. conquista a Babilônia. O reinado babilônico estava nas mãos de Belsazar, filho de Nabucodonosor (Nabonido).

Portanto, o primeiro no reino da Babilônia, era Nabucodonosor; o segundo Belsazar e o terceiro, Daniel — Beltessazar (Dn 5.7,31).

Dário ordenou aos cativos que voltassem às suas respectivas terras, e muitos hebreus voltaram. A volta aconteceu em três fases. Outros hebreus não voltaram justamente por causa das vantagens materiais, conseguidas na Babilônia. Ciro decreta a ordem de reconstrução de Jerusalém, bem como do templo dos judeus (Ed 1.1,2). Os utensílios do templo, levados por Nabucodonosor, foram devolvidos (Ed 1.1-8).

Apesar da contrariedade dos vizinhos (os samaritanos — 2 Rs 17.24), em 516 a.C., no sexto ano do reinado de Dario (Ed 6.15), os judeus terminaram a reconstrução, começada 20 anos antes ou em 536 a.C. Este foi o Segundo Templo. O exílio e a restauração de Jerusalém duraram de 587 a 400 a.C.

Períodos persa e grego — 538-142 a.C.

Com o decreto do rei Ciro, da Pérsia, cerca de 50 mil judeus voltam à Terra Prometida – o primeiro retorno ocorreu sob a liderança de Zorobabel, da dinastia de Davi. Mais tarde acontece o segundo retorno, com o escriba Esdras. A partir daí, por quatro séculos, os judeus passaram a sofrer o domínio persa (538-333 a.C.) e grego (332-142 a.C.), conhecido como helenístico — ptolemaico e selêucida.

• Cativeiro de Israel

"E O rei da Assíria trouxe gente de Babel, e de Cuta, de Ava, e de Hamate, e de Sefarvaim e a fez habitar nas cidades de Samaria.

O primeiro ataque contra as 10 tribos, foi pela Assíria, liderado por Tiglate-Pileser III (Pul — 745 a.C.). Contudo Israel, através do rei Manaem (745 a.C.), passou a pagar imposto à Assíria por causa da derrota (2 Rs 15.19).

Nos dias de Peca (737 a.C.), rei de Israel, veio novamente Tiglate-Pileser III e levou cativos os rubenitas, gaditas e a meia tribo de Manassés (2 Rs 15.29).

Em 749 a.C., Salmaneser V, sucessor de Tiglate-Pileser III, investiu contra Israel. Oséias, rei de Israel (732 a.C.), lhe ofereceu tributo (2 Rs 17.1-3).

Depois de um minucioso estudo da situação, Salmaneser V notou que Oséias se rebelava. Por isso, resolveu encarcerá-lo (2 Rs 17.4), e avançou contra a capital do reino de Samaria, cercando-a por três anos, até 722 a.C.

Enquanto Salmaneser V se ocupava com as guerras, Sargão II usurpou o trono assírio, que por fim conquistou totalmente Samaria, no mesmo ano, levando todos cativos.

Este acontecimento se deu em virtude do pecado do povo, que acabou sendo desamparado por Deus. Nunca mais ouviu-se falar nas 10 tribos do Norte, ficando conhecidas como as Tribos Perdidas. Porém elas não foram totalmente banidas, uma vez que os poderes dominantes não levavam os mais pobres.

O rei assírio trouxe para habitar Samaria outros povos, depois conhecidos como samaritanos, um povo semi-judeu, por ter facilmente se habituado aos costumes judaicos (2 Rs 17.24-41). Este acontecimento foi profetizado por Miquéias em 725 a.C., três anos antes (Mq 1.6-12).

Prova arqueológica

Existem dois cilindros de barro em que Senaqueribe escreveu a história de sua invasão à Palestina e do cerco de Jerusalém, no reinado de Ezequias (2 Rs 18; 2 Cr 32).

Diz ele: "Quando Ezequias, o judeu, que não se submeteu ao meu jugo, eu tomei 46 de suas fortes cidades muradas; bem como as cidades pequenas sem número/200.150 pessoas, grandes e pequenas/cavalos, mulas, camelos etc, como despojo. Ele mesmo, eu fechei dentro de Jerusalém, sua cidade real, como um pássaro engaiolado/além de 30 talentos de ouro e 800 talentos de prata, havia pedras preciosas, jóias, divãs, de marfim, antimônio, cadeiras de marfim/toda a sorte de tesouros preciosos. Para pagar o tributo e submeter-se, despachou seus mensageiros a Nínive".

Assírios contra Judá

Para ficar em paz, Judá, governado por Acaz (735-715 a.C.), viu-se obrigado a pagar tributo aos assírios no tempo de Tiglate-Pileser III, que os livrou de um massacre sírio (2 Rs 16.5-9).

Ezequias (715-687 a.C.), sucessor de Acaz, continuou a pagar tributos a Sargão II e a Senaqueribe, seu sucessor (750 a.C.).

Ezequias resolvera livrar-se do jugo da Assíria. Para tal, aliou-se ao Egito, fortificando Jerusalém e esperando o provável ataque da Assíria (2 Rs 17.21).

Os assírios irromperam contra Judá, saqueando cidades e por fim acamparam perto de Jerusalém.

Ezequias não ficou tranqüilo em função da proteção do Egito e foi consultar o profeta Isaías. O profeta o animou dizendo que o Senhor estaria com o povo (Is 10.5-34).

Num só dia o Anjo do Senhor matou 185 mil assírios, numa intervenção direta de Deus. Senaqueribe foi embora, para Nínive (capital da Assíria), onde foi morto por seus filhos. Um deles, de nome Esar-Hadon, passou a reinar (2 Rs 19.35-37).

Queda de Nínive

Nabopalassar, rei da Babilônia, aliando-se aos persas arrasou Nínive, em 612 a.C., dando cumprimento a profecia de Sofonias 2.13-15 e Números 3.

Opressão dos babilônicos

O sucessor de Nabopalassar foi Nabucodonosor (605 a.C.).

Quando Faraó Neco subiu para lutar contra a Assíria, Josias interferiu, sendo morto em Megido (2 Rs 23.29,30). Subiu ao trono Jeoacaz em 609 a.C. Este foi preso por Neco e levado ao Egito onde morreu.

Resistência

Os cananeus, bem organizados e peritos no uso de carros de guerra, resistiram por muito tempo os judeus. Mas, já no ano de 1200 a.C., os hebreus dominavam totalmente a terra, após destruírem sete nações (At 13.19; Dt 7.1). Dentre as mais notáveis conquistas, está a queda de Jericó.

João Garstang diz: "Chegamos, pois, às seguintes conclusões:

1) A cidade pereceu enquanto ocupada normalmente;

2) Os edifícios e seu conteúdo foram consumidos por um fogo de intensidade excepcional;

3) O incêndio foi, sem dúvida, um ato cerimonial, o completo e integral sacrifício a Jeová, da primeira cidade tomada;

4)As fortificações caíram na mesma hora que as casas adjacentes e o estado de suas ruínas indica um terremoto (Js 6.24)".[49]

Festas

São três as mais importantes festas dos judeus:

1) Páscoa — Festa dos Pães Asmos ou Dia dos Asmos. Era realizada de 14 a 21 do mês de Abibe. Páscoa significa passagem. Neste mês começava o ano novo do calendário religioso dos judeus. Foi celebrada pela primeira vez no Egito, quando os israelitas estavam prontos para o retorno à Terra Prometida, com Moisés. Em setembro começa o ano para os judeus, segundo o calendário civil. Em setembro de 1998 passaram para o ano judaico de 5759.

2) Pentecostes — Festa das Semanas, Festa da Ceifa ou Festa das Primícias. Celebrada no terceiro mês (Sivã). Durava um dia. Nesta festa comemora-se o recebimento da Lei no Sinai. Realizada sete semanas após a Páscoa ou 50 dias. Por isso recebe o nome de Festas das Semanas ou Pentecostes, que significa Qüinquagésimo ou cinqüenta.

3) Tabernáculos — Festa da Colheita ou Festa do Senhor (Êx 23.33-43, Dt 16.13-15; Jo 7.34). Celebra-se no sétimo mês (Tishri) com oito dias de duração (uma semana).

• Circuncisão – por que no oitavo dia?

"E, no oitavo dia, se circuncidará ao menino a carne do seu prepúcio".
Levítico 12.3

A circuncisão é o nome dado à operação cirúrgica para remover o prepúcio — pele que cobre a cabeça do pênis, a glande. Acredita-se que com exceção do corte do cordão umbilical, a circuncisão seja o tipo de cirurgia mais antigo.

A circuncisão masculina, como se conhece na Bíblia, ainda é praticada como ritual religioso, mas alguns povos usam-na como ação medicinal. Ela é comum entre judeus e muçulmanos.

Circuncisão vem da junção das palavras latinas *circum* e *cisióne* com o significado de *cortar ao redor.*

Com o tempo ela passou a ser considerada prática da medicina normal, e a partir do século XX, como forma de facilitar a higiene pessoal. Com a incrementação da higiene pessoal sua ação diminuiu. A medida profilática, por meio da cirurgia conhecida como fimose, é uma forma de inibir a formação e acúmulo de secreção chamada esmegma, entre a glande (cabeça) e a pele (o prepúcio) que a cobre. Além do mau cheiro, esse espaço pode ser propício para a proliferação de bactérias que ocasionam irritação (coceira) e infecção.

Entre os hebreus a circuncisão figura como aliança entre Abrarão e Deus, e daí, como identidade de um povo escolhido, eleito, seria uma marca dos escolhidos. Ela sempre fora realizada no oitavo dia, conforme determinação divina.

Essa prática se tornara obrigatória entre os hebreus. A primeira circuncisão ocorreu quando o Senhor falou a Abrão, prometendo-lhe um filho com Sarai, de 90 anos. Abraão já contava com 100 anos de idade. Os dois tiveram seus nomes mudados para Abraão e Sara e a promesa do nascimento de Isaque (pode ser refomulado). Também o Senhor prometeu abençoar Ismael — pai dos árabes — filho de Abrão com a concumbina Agar, e não de Sara, como foi Isaque.

"Este é o meu concerto, que guardareis entre mim e vós e a tua semente depois de ti: Que todo macho será circuncidado. E circundareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal do concerto entre mim e vós. O filho de oito dias, pois, será circuncidado; todo macho nas vossas gerações, o nascido na casa e o comprado por dinheiro a

qualquer estrangeiro, que não for da tua semente... e estará o meu concerto na vossa carne por concerto perpétuo" (Gn 17.10-13).

A Lei de Moisés observou a obrigatoriedade desse rito, que deveria se estender até ao escravo. Os que não tinham a marca seriam punidos com a morte por quebrar o concerto (Gn 17.14).

Ainda que o oitavo dia caísse no sábado — quando os judeus, conforme preceitos da Lei, não mantinham nenhum tipo de atividade, a circunscisão deveria ser realizada.

Mesmo na Antiga Aliança (no Antigo Testamento) os profetas começaram a exortar o povo por causa da dureza de coração, tomando-o como de "coração incircunciso" (Dt 10.16; Jr 4.4) e de ouvido incircunciso (Jr 6.10). Paulo engrossa a exortação e taxa os judeus de "incircuncisos de coração", em Atos 7.51.

Antíoco IV (Epifânio) proibiu a circuncisão a exemplo do imperador romano Adriano (117-138). No caso do rei sírio, muitas mães se dispunham a morrer a transgredir a Lei de Moisés e a aliança com o Senhor.

Durante o domínio romano, muitos judeus que acompanhavam a nobreza romana e participavam das saúnas (ou saunas) públicas, preferiam ser submetidos a um tipo de cirurgia plástica para esconder o "sinal do pacto" e assim, fugir da zombaria.

A importância de ser realizada no oitavo dia

"Com base na consideração das determinações de vitamina K e de protrombina, o perfeito para se realizar uma circuncisão é o oitavo dia".[33]

Até o oitavo dia a criança não tem as químicas necessárias na composição sanguínea para evitar a coagulação. Fosse a circuncisão realizada no sétimo dia, a criança morreria por hemorragia. Antes do oitavo dia, o nível da substância de vitamina K e da protrombina é tão baixo que não conteria a hemorragia, o que não ocorre a partir do oitavo. Mas no oitavo dia, essa composição química chega ao seu mais alto nível e depois se estabelece. Portanto é o melhor dia.

Na época de Abraão não se tinha esse conhecimento. Não havia nenhum estudo sobre a composição sanguínea. Fica claro a intervenção e orientação divina a Abraão e a sua descendência.

Na contramão dessa orientação, a Igreja Católica se posicionou contrária à circuncisão, e orientou seus fiéis a jamais praticá-la sob pena de perder a salvação: "... não pratiquem a circuncisão, seja antes ou

depois do batismo, pois ponham ou não sua esperança nela, ela não pode ser observada sem a perda da salvação eterna". [28 e 34]

• COBRA POSSUÍA PATAS

"Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida".

Gênesis 3.14

O pecado de Adão e Eva causou conseqüências também ao Meio Ambiente e ecossistema. A queda do primeiro homem ocasionou sofrimento para tudo e todos. Foi a tentativa arquitetada pelo Inimigo de estagnar o plano divino para o próprio homem na face da Terra. Mas em razão de suas perfeição e santidade, que provocam repugnância e sentença, o Senhor interveio.

Uma das sentenças do Senhor deixa subentendido no texto bíblico que a cobra possuía patas e que só passou a rastejar após a Queda do homem. A serpente foi usada pelo Diabo (o espírito opositor), como meio de comunicar a tentação ao homem e provocar a sua queda. Esse animal peçonhento foi usado como médium e acabou por convencer Eva a comer do fruto do conhecimento do bem e do mau. A mulher comeu e depois ofereceu ao homem.

A idéia inicial, para convencê-los a transgredir a determinação do Criador, de não comer daquele fruto, era de que se tornariam iguais ao próprio Criador: "Ora, a serpente era a mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mau" (Gn 3.1-4).

Essa informação bíblica que reconhece patas em cobra causou muito deboche entre escolares, universitários, intelectuais e ditos ateus. Durante décadas se zombou da afirmação bíblica.

Entretanto, nos últimos anos, a ciência "levantou-se" para defender as afirmações bíblicas. A última publicação[35] de cientistas, liderado pelo brasileiro Hussam Zaher, indica o fóssil encontrado no sul da Argentina, na região do Rio Negro, no norte da Patagônia. O achado é uma evidência que confirma o relato bíblico e indica que a cobra não rastejava, mas possuía patas. O fóssil de 70 cm (mas o animal poderia chegar a 1 m) foi batizado de Najash rio-negrina.

O novo fóssil, dentre outros já encontrados com características semelhantes, "seria justamente o golpe decisivo para mostrar que essa origem rés-do-chão, e não uma suposta gênese marinha, é que corresponde à verdadeira história familiar das serpentes". Segundo a pesquisa, esses bichos perderam as suas patas "como forma de se adaptar à vida colada ao solo". A Patagônia é rica em fósseis, como de dinossauros. A cobra possuía um osso na região sacra, que indica que as duas patas serviam para dar o impulso para que pudesse andar. Embora afirmem que "perder as pernas e levar a vida a rastejar" tornasse uma vantagem, por povoar o planeta inteiro, acabam por completar a revelação bíblica, usando quase que as mesmas letras.

Conforme o cientista, no espécime encontrado, as patas são fortes e estão associadas ao eixo vertebral. Isso significa que as mesmas eram funcionais a ponto de promover a sustentação. "Além disso, o cientista ressalta que há várias outras características anatômicas que tornam o animal indissociável à vida terrestre. Foram identificados, por exemplo, ossos triangulares localizados na região da coluna vertebral, que são ligados ao funcionamento motor".

O pesquisador ressaltou que as características do fóssil tornam claro que ele tem ligação com jibóias e pítons. "As primeiras cobras eram terrestres, dotadas de robustas patas posteriores e escavavam".[35]

A figura da serpente — outra opinião

Segundo Kaiser, no seu livro *Teologia do Antigo Testamento*, no NT Satanás foi reconhecido como a serpente de Gêneses que teria sua cabeça esmagada (Rm 16.20). No capítulo 11 de 2 Coríntios é citada a serpente (v. 3) e Satanás (v. 14), identificando essas duas figuras. Para Kaiser, Serpente e Dragão eram epítetos (apelidos) do próprio Satanás. Ou seja, a forma de Satanás não é de um dragão, como não deve ser de uma serpente.

Assim, em Gênesis, quem falava com Eva era o próprio Satanás, e não uma serpente falante, pois, segundo esse autor, o apelido não define a sua forma; nem mesmo Eva se mostra admirada em ver uma serpente falar neste relato. Kaiser ainda entende a passagem de Gênesis 3.14 como uma alusão da derrota certa dele, e que haveria de rastejar sobre seu ventre (cf. Gn 49.17; Sl 140.3; Is 59.5). No Oriente Médio quando um rei era derrotado e conquistado ficava prostrado, com o rosto em terra, defronte aos monarcas vitoriosos. Era uma forma de humilhação e que o deixava comendo pó.

• Comunhão

"Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado".

1 João 1.7

Comunhão deriva-se do grego *koinonia* e significa "ter em comum". É a marca imprescindível entre os cristãos. Fazemos parte do Corpo de Cristo — a Igreja —, que se une por meio de vários e diferentes membros. Essa união só é possível pela ação do Espírito Santo em todos. A marca externa está na participação do Corpo por meio da Ceia do Senhor (a Santa Ceia). Nela todos os membros do Corpo participam dele pela ação da fé ao comer o pão, símbolo do Corpo — "que é partido por vós" —, e ao beber do suco da vide, que simboliza o sangue — "que é derramado por vós" (1 Co 11.23-26).

Companhia

Interessante notar também a proximidade do significado da palavra *companhia*. Ela sugere união, comunhão, manter-se unidos, juntos. Deriva-se de *com* mais *pão*. No latim é *cum* (junto) e *panis* (pão) — *comer o pão juntos*, ou *repartir o pão*. Quem come pão junto (*com pane*), semelhante a *koinonia*, no grego comunhão, pratica também o companheirismo, a fraternidade: o amor ao próximo (*philia*).

Portanto, companhia tem seu significado quase soldado à comunhão, tanto que o Senhor, durante a Ceia partiu o pão e disse: "Isto é o meu corpo que é partido por vós".

Além de os discípulos serem seus companheiros, Jesus os chamou, em vez de servos, amigos, pois mantinham comunhão que preconizava a união espiritual, pelo amor *agape* — acima de todas as coisas ou interesses humanos.

Na História da Igreja Primitiva temos um clássico exemplo dessa situação: "E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns... Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha... E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações... E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração" (At 4.33-35,42,46).

Entre os essênios

Os essênios mantinham um cerimonial de comunhão tipificado pela purificação de cada membro da comunidade. Antes de cada refeição a pessoa passava por um ritual de purificação. O grupo mantinha um tanque com água. O acesso era viabilizado por meio de escadas, que fazia com que a pessoa ficasse submergida à água à medida que ia descendo. Ali era o local da purificação externa do corpo. Esse cerimonial fortalecia a comunhão e mantinha a unidade.

Se um membro não estivesse em comunhão interior, não podia purificar-se e, conseqüentemente, também não podia sentar à mesa com os demais. Então, não comia – os indignos não sentavam à mesa.

Jesus pode ter feito uma alusão a isso, ao instituir a Ceia (Mt 26.17-30).

Pacto de Sal

E sobre isso temos na história o chamado Pacto de Sal. É um pacto informal, mas que tem o mesmo valor de um pacto social. É efetuado quando se come em grupo. Na refeição há uma relação de amigos. Por isso, nas culturas onde se cultivam o pacto de sal, não se admite a traição.

Por ele, amigos se sentam à mesma mesa para comerem juntos em um único recipiente, sempre com a mão direita. Aquela mão, com a qual todos comem, não faz outra coisa. Ela não é usada nem mesmo para limpar-se de atos impuros ou não tão honrados. Isso é feito com a esquerda. Por isso, muçulmanos cortam a mão direita dos ladrões, pois teriam infringido o pacto do sal.

Entre os árabes é comum comerem em uma única vasilha e somente com a mão direita, sem o uso de talher. A mão esquerda é usada para a assepsia pessoal. Eles lavam-se sempre após qualquer ato de impureza, com o uso da mão esquerda. Então, no momento da refeição, em uma única vasilha com água, todos lavam somente a mão direita. Jamais levam a mão esquerda também à água, pois comunhão sugere pureza coletiva, um mesmo propósito.

A proximidade de todas essas referências e sentido de palavras com comunhão, além da união para a refeição, está expressa no convite do Senhor como Salvador a todos os homens: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo" (Ap 3.20).

• Consagração por meio do jejum

"... Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum".

Marcos 9.29

Jejum, na visão bíblica, é a abstinência total de alimento, com o objetivo de consagração, conforme Mateus 17.21 e Atos 14.23.

O jejum deve ser praticado a partir de um propósito. Contudo, não pode ser encarado como um sacrifício, pois não tem o objetivo direto de exaltação a Deus, mas a nossa aproximação a Ele. É o distanciamento da carne, pela consagração, ocasionando o enlevo espiritual, que redunda em libertação, bênçãos, progressos. Este é o propósito principal do jejum, jamais a barganha.

Jejum não tem o objetivo primário de a pessoa tornar-se mais espiritual, mas deixar de ser carnal, isto é, menos carnal — distanciar-se da carne e aproximar-se, como conseqüência, do espiritual. Esse objetivo faz com que a pessoa tenha consciência de não exaltar-se, pois o jejum provoca justamente visão contrária — a humilhação. Jejum não é greve

de fome, que se realiza para provocar reação da outra parte. Tampouco é regime alimentar, mas abstinência para mortificação da carne. Se a carne é vencida, o espírito triunfa nela e sobre ela.

Ao iniciar seu ministério o Senhor jejuou durante 40 dias, como Moisés, que por "quarenta dias e quarenta noites: não comeu pão, nem bebeu água..." (Êx 34.28). O próprio Senhor disse ao Inimigo, quando o repreendeu na tentação do deserto: "Está escrito nem só de pão viverá o homem..." (Lc 4.4).

Objetivos

As lutas mais difundidas se instalam entre os jovens e são caracterizadas pela fraqueza sexual, desejos desequilibrados e paixões desenfreadas. O segredo para vencer a tudo isso está no fortalecimento do outro lado — o espiritual — na busca pelo equilíbrio. Quando se pratica o jejum, ele poderá ser acompanhado de abstinência completa, inclusive sexual. Mas deve-se fazer isso com sabedoria, sem que a abstinência acabe por ressaltar o desejo.

O mesmo ocorre com relação à participação da Ceia do Senhor. Tudo vai depender do seu propósito. O ato sexual é saudável e não perturba, tanto o marido quanto a mulher — pois é algo que Deus deu para o deleite do casal —, não haverá motivos para tal abstinência. Mas o casal pode optar por abster-se por algum tempo, a fim de concentrar-se em um propósito.

Como jejuar

O jejum tem começo, meio e fim. Comece no dia anterior, após a última refeição — sem imitar o camelo, que faz reserva no estômago. Ore ao Senhor dizendo mais ou menos assim: "Senhor a partir de agora entro em consagração diante da tua presença, através do jejum, para glória do teu nome. Tenho sido fraco(a), mas quero santificar a minha vida, e por fim alcançar a vitória (confesse as falhas ou estabeleça objetivos). Em nome de Jesus, amém!"

Estabeleça o tempo do jejum. Se for até o horário do almoço, diga: "Estarei em consagração, Senhor, até o almoço", Determine um plano de ação. O jejum é uma luta em busca de força para vencer a carne.

Portanto, pratique-o uma vez ao mês, três vezes por semana, ou todos os domingos, ou nos sete primeiros dias do mês, e assim por diante. Formule uma opção e comece devagar. Se você tem dificuldade para ficar até o almoço sem comer e beber, fique até às 9 horas, abstendo-se do café da manhã. Depois vá ampliando o tempo. Não prometa a Deus o que você não conseguirá cumprir.

Ao concluir o tempo, ore novamente e entregue o jejum. Se estiver entre pessoas estranhas ou sem espaço adequado para ajoelhar, ore em pensamento: "Senhor, a ti entrego a minha consagração para glória do teu nome, e agradeço por ter-me dado graça para suportar até aqui. Em nome de Jesus, amém!"

Limpeza no organismo

É importante saber que o jejum é recomendado para a desintoxicação, intercalado com água, sucos, vegetais e frutas. "O jejum ajuda no funcionamento do intestino e no processo de saída das toxinas das células", diz o naturopata Antônio Bueno.[36] Ele afirma ainda que "O jejum purifica o sangue, qualifica a função das células, potencializa as glândulas em geral, acalma, normaliza distúrbios metabólicos e remove toxinas profundamente localizadas".

Com a ausência de alimentação ou movimentação na boca, o mau hálito no jejuno se agrava. Então evite falar de perto com alguém. Tampouco leve a mão à frente da boca para tentar desviar o mau hálito. Fazendo isso você estará alardeando o "bafo" e o jejum também. Seja discreto. Não existem meios para atenuar, como chupar bala ou mascar chiclete. Jejum é abstinência. Mas sem exageros. Os muçulmanos, quando jejuam, nem mesmo engolem a saliva! O mau hálito é ocasionado pela ação de centenas de bactérias. Se a pessoa já tem um estômago educado e come com moderação, terá mais facilidade (cf. Pv 13.25). Mas não é preciso ser extremista. O jejum deve ser feito com sabedoria. Ninguém precisa saber que quem jejua está sem comer. Se, de repente, toda a sua família ficar preocupada com você, seu jejum vai servir de escândalo e perderá o propósito.

Mas nada impede de você pedir orientação ao seu pastor, a um obreiro experiente e até mesmo a um membro da família. Não é necessário dizer o porquê da consagração.

Pessoas que vivem dramas cruciantes, problemas que se arrastam por muito tempo, devem lembrar das considerações do Senhor sobre determinadas opressões, notadamente espirituais: "... esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum" (Mc 9.29).

• Coração é apenas carne

"E Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento".

Mateus 22.37

Na verdade, coração é a parte anatômica humana e em alguns "vertebrados, órgão oco, muscular, situado na cavidade torácica, constituído de duas aurículas e dois ventrículos, e que recebe o sangue e o bombeia por meio dos movimentos ritmados..." "A parte anterior do corpo humano onde se convenciona estar o coração; o tórax, o peito: Apertou o filho ao coração". E ainda figuradamente "A parte mais interna, ou a mais central, ou a mais importante, de um lugar, de uma região". "O coração humano, considerado como a sede dos sentimentos, das emoções, da consciência...", ou "A natureza ou a parte emocional do indivíduo".[37]

Portanto, essa figura é usada em forma poética, costume herdado dos egípcios, como representação. Para os egípcios o cérebro tinha alguma coisa a ver com o conhecimento, inteligência, porque para eles o centro da razão era o coração.

Mas esse órgão musculoso não passa de carne, aquilo que perece, que não pensa, não age, não fala... Ele tão somente recebe os reflexos do sentimento, pensamento, entendimento e vontade — a alma humana, o centro das emoções, que repercute no corpo por meio do coração.

"O texto que Jesus citou (Dt 6.5) não tem a palavra *entendimento*. O Antigo Testamento usou o termo "coração" para incluir as habilidades cognitivas, porque a língua hebraica encara o homem como uma entidade completa, um *nephesh* (alma vivente)", segundo Raymond T. Brock.

Portanto, o Senhor não almeja o coração do homem. Quando se trata do coração, é visto pela forma poética, representada pelo reflexo

das reações da alma refletidas no corpo humano. O coração é convencionado como o centro do corpo humano, mas não pode responder por todo o ser, visto que o homem é feito pela tríplice composição: corpo, alma e espírito (vida animal, carnal; vida sentimental, emocional; e vida espiritual).

Se o Senhor tomasse o coração humano como centro de relacionamento, desprezaria a parte essencial do ser, que é a alma e espírito — a essência que se eterniza, enquanto o coração se perde com toda a carne. A Bíblia diz claramente que Deus vê o homem como um todo: corpo, alma e espírito (1 Ts 5.23).

• COR DA PELE

"Pode o etíope mudar a sua pele?"

Jeremias 13.23

A discussão sobre a origem da cor da pele de pessoas de diferentes etnias, como o afro-descendente, tem buscado explicações das mais diferentes. A principal questão é a origem da pele escurecida. Quanto à origem biológica a explicação é simples: o primeiro casal criado por Deus — Adão e Eva — possuía toda a modificação possível (variação do cromossomo) entre os homens, como cor da pele e forma dos olhos. Em certo momento, circunstância, época... houve o aparecimento de tal mudança genética.

Eles foram feitos da terra, de acordo com a cor da Terra. Daí o porquê de Adão ser também chamado de "o terroso" ou "vermelho".

Se um deles possuía uma determinada cor — ou tendência — poderia, simplesmente, um descendente apresentar tal variação, conforme se vê na relação científica *A* e *a* (*azão* e *azinho*). Embora possa alguns fatores provocar essa tendência, como a fome: "Nossa pele se enegreceu como um forno, por causa do ardor da fome" (Lm 5.10 [cf. 4.8]), a presença da quantidade da melanina na composição do metabolismo da pessoa definirá a cor da pele.

Quanto à cultura com predominância — como os orientais —, isso é possível graças ao ajuntamento (isolamento) em uma única região, o que acaba por preservar as características e marcar, fortalecer a identidade, conforme explica o físico Adalto J. B. Lourenço.

• Corno por chifre

"E levantei os meus olhos, e olhei, e vi quatro chifres".

Zacarias 1.18

A exemplo de oxalá, palavra derivada do árabe *wa xã illãh*, que significa "*e queira Alá*", usada no português como *tomara*; *queira Deus*, abolida da Bíblia pela *SBB*, corno foi substituída por chifre.

A *Sociedade Bíblica do Brasil* aboliu o uso de mais de 600 verbetes *oxalá* que apareciam na tradução bíblica em função de sua similaridade à conotação espírita de Orixalá, na Bahia conhecido como *Oxalá*.

São vocábulos desatualizados ou comprometidos com determinada definição que não condiz com a linguagem bíblico-cristã. A atualização é necessária e comum, uma vez que a língua é muito dinâmica e se altera com o decorrer do tempo.

Temos inúmeras palavras de origem lusitana que não têm nenhum sentido usá-las na comunicação no Brasil, assim como existem outras que usamos no Brasil, mas são igualmente incomuns em Portugal.

• Culto racional

"Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

Romanos 12.1,2

Esta passagem começa com a exortação do apóstolo Paulo à Igreja em Roma, que passava pela ausência da prática do amor fraternal. As intrigas na igreja estimularam o apóstolo Paulo a exaltar as atividades individuais e ministeriais dos seus membros, com vistas ao crescimento do conjunto — o Corpo (de Cristo).

O capítulo mostra fatos que vão além da questão de oferecer ao Senhor o culto a partir da razão — a lógica, para os gregos. Analisar a dimensão do texto e sua inspiração é elementar para que alcancemos a profundidade da mensagem do apóstolo.

Se analisarmos o porquê da carta de Paulo, descobriremos os reais motivos escondidos, que exigiam providência imediata.

Roma estava recebendo de volta os judeus expulsos da cidade por ordem do imperador. Atritos imputados aos judeus teriam ameaçado a *pax romana* e então eles foram expurgados, à moda Hitler.

Se a *pax romana* era vivida justamente pela ausência de campanhas de guerras e de tumultos, os imperadores cortavam o mal arrancando a raiz pelo uso da força bruta, como ocorrera no ano de 49, quando o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma, em função de tais atritos, atribuídos a eles. Cerca de 3 anos depois, com a morte de Cláudio, os judeus voltaram. A partir daí, passaram a fazer pressão para impor sua influência na igreja local, levando a tiracolo a observância da Lei. Eles desejavam reconquistar espaços, influenciar a igreja e dominar com seus dogmas, haja vista que a igreja estava entre os gentios.

A confusão que gerou a expulsão dos Judeus no império de Cláudio, 49 d.C, foi causada por uma discussão instigada por um tal de *Crestos*. Assim narra Suetônio, em sua *Vida de Cláudio*, conforme narra o episódio: "Expulsou os judeus de Roma porque viviam continuamente provocando perturbações, instigados por um certo Crestos." Este personagem que causou tumulto entre os judeus em Roma pode ser o próprio Cristo, que poderia ser conhecido pelo nome de Crestos; não Jesus Cristo em pessoa, mas o seu Evangelho que era pregado entre os Judeus, trazendo sempre antagonismo semita e confusão.

Para combater a situação, Paulo escreve: "O amor seja não fingido... Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros" (vv. 9,10).

O amor fraternal ou cordial (amor de irmãos) — o amor *filadelfia*, que para os não cristãos gregos era o amor entre irmãos — vem do grego *filostogoi*, plural e *filostorgo* (no amor fraterno). Ao pé da letra Paulo afirma: "No amor fraterno amem como se fossem irmãos de sangue, como se saíssem do mesmo ventre".

Era a idéia que os gregos dominavam bem. O apóstolo dos gentios não se perde no raciocínio, pois em 1 Coríntios 4.15 escreve: "... porque eu, pelo evangelho, vos gerei em Jesus Cristo", enquanto Pedro valoriza o assunto: "sendo de novo gerados, não de semente corruptível" (1 Pe 1.23), e Hebreus 12.14 complementa: "Segui a paz com todos e a santificação, sem qual ninguém verá o Senhor".

A paz aqui é a que excede todo o entendimento. Ela não se limita somente à ausência de guerra, mas transcende o significado humano e irrompe no homem como uma força que vem do alto.

Essa paz que Deus dá aos homens faz parte do contexto dos dons espirituais, pois ela não existe fora desse prisma, mesmo quando atinge o homem em sua natureza. Tudo isso pode ser assimilado primeiro pela presença dos dons ministeriais na Igreja e não pela sabedoria e trejeitos humanos. Tanto que o pensamento humano nas relações da igreja "produz uma visão distorcida dos outros membros do corpo de Cristo. O pensamento mundano nas congregações romanas envolvia judeus e gentios avaliando excessivamente sua posição em comparação com a dos outros".[38] É preciso renovação na mente.

No versículo 2 de Romanos 12, Paulo mostra ainda que os conceitos da mente humana deturpam o entendimento acerca das coisas espirituais, e exorta a igreja para não se meter *na mesma forma* do mundo ("não vos conformeis"), e exige a *transformação* — passagem (*trans*) para a outra *forma*.

Então o apóstolo diz: "Rogo, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12.1).

Ora, enquanto os judeus valorizavam o Templo e o sacrifício, em que a vítima era morta, Paulo parece contrariar esse princípio. Holocausto quer dizer *todo queimado*. "... é, oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor". A vítima oferecida era sacrificada: "E porá a sua mão sobre a cabeça da oferta pela expiação do pecado e a degolará no lugar do holocausto" (Lv 1.17; 4.29).

O culto racional, no grego *lógiken latreían*, deve ser entendido pelo seu contexto e não somente pela sua etimologia. Esse adjetivo que traduzimos como racional, aparece em 1 Pedro 2.2, traduzido como espiritual: "... Leite *espiritual*". Em vista da misericórdia de Deus, que em Romanos é a salvação em Cristo Jesus, devemos responder com gratidão. Willianm Hendriksen interpreta assim: "O que ele está dizendo, pois, é que essa misericórdia divina e soberana conclama à vida de dedicação plena e compromisso irrestrito. Os sacrifícios de animais não causam esse efeito! (...) Total rendição procedente da gratidão".

A estrutura do livro de Romanos, segundo esse autor, demonstra esse esquema. Assim, 1.1—3.20 se acham nosso pecado e sofrimento;

em 3.21—11.36 abre-se o caminho para o livramento; e em 12.1—16.27, demonstra-se ao crente resgatado como, por sua gratidão a Deus, deve servir a Deus e aos outros. Esta postura de entrega completa (seus corpos), não pele e ossos, mas nossa personalidade por completo (Rm 12.11-14; Fp 1.20), seria o nosso culto *logikén*. Esse sacrifício deve ser vivo (novidade de vida, nova vida); santo (influência santificadora do Espírito Santo) e agradável (sinceramente oferecido) e assim seria o seu culto *logiken* — culto espiritual, ou razoável (W. Brakel).

Prosseguindo o raciocínio, Paulo escreve no versículo 2 que ao contrário de se deixarem moldar pelo padrão do mundo, deveriam ser transformados, continuamente (no grego na ação de processo) interiormente, não somente o órgão que pensa ou raciocina, mas a disposição interior. Desta forma, *o resultado dessa transformação é a ciência do que é à vontade de Deus*. Qual é essa vontade? Ou o que é que Ele quer que façamos? A resposta é: Aquilo que é bom, agradável e perfeito. A continuidade do capítulo remonta o grande mandamento deixado por Cristo, e expandido por Paulo: Amarás ao Senhor seu Deus de toda seu coração e de toda sua alma e de toda sua mente. E amarás a seu próximo como a si mesmo". Assim seria uma vida boa e agradável a Deus. "Alvo de vida tal não está longe da perfeição" (Hendriksen).

Paulo usa o dom de mestre e ensina que o corpo mortificado em Cristo, se distancia das pendengas que extrapolam o interesse maior de glorificação ao Senhor, mesmo fora do Templo — em todos os lugares e, portanto, vivo.

Ele explica isso no capítulo 8: "E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça"; "porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obra do corpo, vivereis", vv. 10,13. Em Colossences 3.5, vai além: "Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra..."

Paulo distingue muito bem o culto sacrificial do espiritual. Ressalta o contraste entre a morte da vítima oferecida e o *pneumatikos* — cheio do Espírito ou espiritual.



Deus Desconhecido

"E os que acompanhavam Paulo o levaram até Atenas e, recebendo ordem para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível, partiram. E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria. De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos em todos os dias, na praça, com os que se apresentavam. E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele. Uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos. Porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição. E, tomando, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas?... (Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes de nenhuma outra coisa se ocupavam senão de dizer

e ouvir alguma novidade). E, estando Paulo no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vos honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio".

Atos 17.15-19,21-23



a Grécia antiga, a comunicação se realizava por meio de conversa entre os freqüentadores do mercado chamado Ágora, em Atenas, próximo do Areópago. Lá, as pessoas mais esclarecidas, bem como os sábios, religiosos e filósofos, trocavam informações. Todo esse conhecimento possuía cunho religioso, como apóstolo Paulo mostra em Atos dos Apóstolos.

Em Atenas, Paulo apresentou sua apologia da fé cristã ao escolher um dos milhares de altares a deuses, denominado *Ao deus desconhecido*, e passou a falar do Criador aos atenienses. Para estes, Paulo anunciava um casal de deuses — Jesus e a Ressurreição. A promessa divina para os mortos em Cristo apresentava-se para eles como uma deusa e, por isso, o encontro em Ágora tornou-se interessante aos gregos. Paulo, com sabedoria, usou a oportunidade unida à circunstância, para falar da mensagem cristã.

O simples fato de poder falar não dá prêmios a ninguém. Criança fala, papagaio também. Há até um ditado que diz: "Quem fala muito dá bom-dia a cavalo!" É um risco. Quem convive com esse exagero pode muito bem usá-lo para eliminar as falhas.

Ao falar de improviso aos filósofos gregos, Paulo sabia que a sabedoria era preponderante para o sucesso. Unida ao exercício da fala, a sabedoria estabelece o caminho das pedras e elimina tropeços. Produz coerência e oferece saídas para momentos delicados e circunstâncias comuns na improvisação.

"Como ouvirão [a mensagem] se não há quem pregue", diz-nos o texto bíblico. É um fato. Se ninguém falar, certamente ninguém ouvirá.

Os que falam mais erram mais, enquanto os que não falam nem mesmo podem ser avaliados ou corrigidos. Disso tudo, o importante é ter humildade para reconhecer as falhas, pedir ajuda e buscar aprimoramento.

Ao Deus desconhecido, do grego *Agnosto Theo*, foi tomado como ponto de contato para Paulo em sua pregação e exposição da doutrina cristã no Areópago. Autores como Pausânias, *Descrições da Grécia* (150 d.C) e Filostratos[39], *A vida de Apolônio*, mencionaram a existência de "Altares para deuses desconhecidos" (no plural). Tertuliano e Jerônimo, pais da Igreja Cristã, testificaram a existência de altares a deuses desconhecidos, e que Paulo havia alterado do plural ao singular para fazer sua exposição. Contava-se na Grécia que esses altares de dedicatórias anônimas foram feitas por orientação de Epimênedes.[40]

A ressurreição e os atenienses

Quando Paulo em seu discurso falou a respeito de ressurreição (At 17.31), os gregos se mostram indiferentes a ponto de escarnecê-lo (zombá-lo). Se Paulo tivesse falado sobre imortalidade da alma, eles ouviriam com prazer (com exceção dos epicureus). Contudo, a idéia de ressurreição para o grego, especialmente o que freqüentava o Areópago, era absurda, isto porque Ésquilo, autor de tragédias, na obra *Eumenedes,* meio milênio antes, descreveu que Atenas, deusa padroeira da cidade, ao instituir o tribunal do Areópago fizera o deus Apolo dizer: *Quando o pó da terra endurecer o sangue de alguém, uma vez morto, não há ressurreição.*[41]

A palavra usada por Paulo para ressurreição (anástasis) é a mesma utilizada neste escrito antigo. Ou seja, Paulo falou de algo que os gregos achavam loucura, por isso a decepção por parte deles ao final do discurso paulino, o qual no versículo 19 do capítulo 17 parecia tanto os interessar. No entanto, alguns creram na pregação de Paulo, inclusive um membro do tribunal do Areópago chamado Dionísio. Mais tarde, Paulo escreveria de Éfeso a primeira carta aos Coríntios no capítulo 1 versículo 18 que a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus!

Paroleiro

Outro fato interessante, do qual a história trata, é a questão do paroleiro. Naqueles dias não era incomum pregações populares de filosofia ou religião. Havia uma verdadeira variedade de crenças a oferecer. Pessoas mais espertas vendiam suas mensagens nas ruas ou em qualquer lugar em que se encontrasse um ouvinte. Alguns eram sinceros, mas assim como em nossos dias, outros eram perfeitos charlatões. Não é necessário muito esforço para imaginar Paulo sendo acusado pelos judeus invejosos e pagãos cínicos, de ser um lunático, golpista ou mercador — um paroleiro.

• Dilúvio foi global

"E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (...). Então, disse Deus a Noé: O fim de toda carne é vindo perante a minha face; porque a terá está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra. Faze para ti uma arca de madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume. E desta maneira farás: de trezentos côvados o compartimento da arca, e de cinqüenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura. E de tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie meterás na arca, para os conservares vivos contigo; macho e fêmea serão (...) E, esteve o dilúvio quarenta dias sobre a terra; e cresceram as águas e levantaram a arca, e ela se elevou sobre a terra".

Gênesis 6.5,13-15,19; 7.17

Existem locais em que pesquisadores encontraram camadas de épocas distintas: anti-diluvianas, diluvianas e pós-diluvianas. A época atribuída ao Dilúvio é bem distinta das demais e indica marcas de sedimentação ocasionada por aluvião. O Dilúvio foi global e não local, pois existem evidências em várias partes do mundo. Sinais de sedimentação são vistos nos mais diferentes países. Caso não fosse global, não havia porque colocar os animais na Arca, pois os mesmos sabem como se defender de inundações, como se viu recentemente no tsunami na Ásia, em 2004. Elefantes, por exemplo, subiram montes antes e fugiram da tragédia.

Arca do Dilúvio e sua capacidade

Alguns céticos acham que a Arca do Dilúvio, mesmo considerando suas dimensões – cerca de 133m de cumprimento e 13 de altura — não seria suficiente para acomodar todas as espécies de animais.

As dimensões da Arca eram colossais: "Sua capacidade de carga corresponde à de mais de 300 vagões ferroviários. Calcula-se que a arca podia comportar cerca de 7.000 tipos de animais".[20]

Conforme observa o cientista Adalto Lourenço, as espécies de animais chegam a 1,3 milhões. Dessas, 900 mil são de insetos, que respiram por traquéias. Dos 400 mil restantes, 300 mil são de vida aquática. Sobram em torno de 100 mil. Desses é possível tirar o básico – uma única raça de cão, por exemplo – e ainda filhotes, como se faz a maioria das vezes para transportar animais. Um dinossauro com 12 m de altura, trocado por um filhote chegaria a 0,50 cm. Portanto seria possível congregar todas as espécies na Arca.

O Dilúvio e a formação do Mar Negro

Uma equipe de cientistas da *National Geographic Society* (Sociedade Geográfica Nacional), responsável pela revista e pelo programa de tevê com o mesmo nome, pode estar perto de comprovar que o Dilúvio relatado na Bíblia realmente aconteceu. A expedição de pesquisadores búlgaros e norte-americanos, liderada por Richard Ballard, o mesmo que descobriu os destroços do navio Titanic, chegará à região no próximo dia 15, em busca de indícios, no fundo do mar, de um antigo lago de água doce, que comprovaria que toda a região teria sido submersa repentinamente. Hoje, o Mar Negro, próximo ao Monte Ararat, fica no território da Turquia. Segundo o livro de Gênesis, a Arca de Noé atracou ali depois do Dilúvio. "A areia no fundo do mar é a única prova que nos falta sobre o dilúvio bíblico", disse Ballard.[41]

- DINOSSAUROS

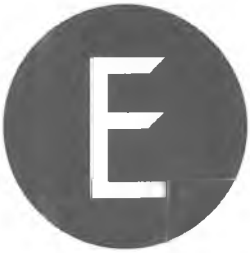
"Contempla agora o beemote, que eu fiz contigo, que come erva como o boi. Eis que a sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre. Quando quer, move a sua cauda como

cedro; os nervos de suas coxas estão entretecidos. Os seus ossos são como tubos de bronze; a sua ossada é como barras de ferro".
Jó 40.15-18

Embora algumas teorias tentam ligar a existência de dinossauros a idades distantes, até como forma de provar a Teoria da Evolução, existem fósseis com pegadas de humanos e de dinossauros em rochas, datadas entre 3 e 4 mil anos. Os próprios fósseis são exemplos que contestam exageros. Cerca de 75% dos fósseis registrados são exatamente iguais a plantas, animais e a seres humanos como se vêem hoje.

Conforme descobertas arqueológicas, muitas sociedades mostram isso. Os incas é uma delas. Eles tiveram contato com tais animais, pelo que se nota em desenhos encontrados em sua sociedade, não mais que 600 anos atrás. Seus desenhos indicam dinossauros como conhecidos nos registros fósseis, como informa o cientista Adalto J. B. Lourenço, que diz que a idéia de que dinossauros dominaram a Terra não passa de ficção científica.

Outra informação truncada dá conta de que o peixe Selacanto teria vivido a 280 milhões de anos e estaria extinto, segundo os evolucionistas. Contudo é um peixe que pode ser encontrado ainda hoje, e na África um animal recentemente descoberto, possui o corpo parecido ao do dinossauro, com semelhanças ao elefante e crocodilo.



Esperar no Senhor

"Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças e subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão".

Isaías 40.31

A sabedoria chinesa analisa a crise como um momento oportuno para reflexão e mudanças na vida do homem. Ela pode ser perfeitamente usada para o crescimento. É uma ocasião de decisões, de mudanças, em que pode efetivamente corroborar para uma guinada completa, uma mudança radical e positiva.

Mesmo quando estamos dentro dela é possível experimentar a renovação, a exemplo da águia, segundo relato bíblico. Acompanhe o seu exemplo:

Ela vive até 70 anos. É a ave de maior longevidade da espécie. Entretanto quando chega aos 40, passa por uma verdadeira metamorfose. Suas condições físicas dão-lhe duas alternativas: renovação completa ou morte. Muito sábia, a águia procura um intransponível ninho, bem alto, no pico de um penhasco onde vai à procura de um meio de renovação, que dura cerca de cinco meses. É um processo longo e dolorido. Durante esse período suas atividades cessam por completo.

Sua renovação é única e necessária (para fugir da morte). Nessa idade as suas unhas estão compridas e flexíveis o que a faz perder sua caça. Seu bico também se alonga e torna-se curvo e tira-lhe a habilidade necessária para derrotar suas presas. Então ela passa a bater com o bico em uma parede rochosa até arrancá-lo. Depois de arrancar o bico ela espera nascer e crescer o novo, para com ele arrancar suas velhas garras. Quando as novas garras começam a nascer, ela dá início ao processo seguinte: arrancar as velhas, grossas e pesadas penas, que não permitem mais ter a mesma habilidade em seus vôos. Suas asas estão direcionadas ao peito, atrofiadas.

Passado todo esse tempo e o sangrento e dolorido processo, a águia, após dar um mergulho no mar, se renova para viver mais 30 anos.

A águia tem características interessantes que a torna ímpar entre as aves. Sua forma de vida é usada pela Bíblia por meio de inúmeras ilustrações:

1) Voa alto, em até 10 mil metros (Pv 30.18,19);

2) Não voa em bando;

3) É veloz. Pode voar na velocidade entre 160 e 300 km/h, dependendo de sua espécie (2 Sm 1.23);

4) Há varias espécies de águias — a cinzenta, a imperial, a pescadora, etc.

5) Constrói seu ninho em picos de montanhas intransponíveis (Jó 39.27,28);

6) Tem visão aguçada. Seus olhos ocupam um terço do seu crânio. Portanto pode ver uma pequena caça a centenas de metros. Dizem que ela pode enxergar à distância de 2 mil metros em linha reta (Jó 39.28-29);

7) Seu apetite é imenso (Jó 9.26);

8) Ela desce às partes mais baixas quando está à procura de alimento para buscar suas presas, especialmente no mar;

9) Trabalha durante o dia;

10) É forte e sua estrutura óssea em forma cilíndrica dá-lhe estabilidade;

11) Possui equilíbrio impressionante. Suas imensas asas mais as penas do rabo, que se movimentam durante o vôo, dão-lhe equilíbrio. Mesmo com grandes caças, movimentando-se em suas garras, ela não perde o equilíbrio do vôo, mantendo-se firme (2 Pe 1.10);

12) Nunca deixa a presa escapar. Suas garras são pontiagudas e côncavas, o que facilita a prisão da caça, desde um liso peixe a um pequeno animal selvagem;

13) Cuida bem de seus filhotes (Dt 32.11);

14) Quando velha, renova suas penas, bico e garras;

15) Renova-se. Em determinada fase da vida, ela vai para o mar e, depois de voar o máximo que pode para cima, desce para um mergulho, e conseqüente renovação (Sl 103.5). A partir daí estará pronta para viver o mesmo tempo que viveu até então.

"Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças e subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão" (Is 40.31).

Essa renovação é preponderante para que o cristão enfrente os ciclos da história sem estacionar, pois o crente recebeu talentos do Senhor — uns mais outros menos. E Ele disse: "Negociai até que eu venha". Portanto você é um factótum (*factotum*, no latim): pessoa incumbida dos negócios de outrem.

• ESTREBARIA E ESTALAGEM

"E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria). E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galiléia também José, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolvendo-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem".

Lucas 2.1-7

A estalagem era um tipo de hotel (mais para pensão), que as pessoas viajantes buscavam para passar a noite durante viagem. Na época, já se

usava o sistema, muito comum no Império Romano, que teria revolucionado a história ao recrudescer o sistema de comunicação, por meio da construção de estradas e investir em portos e navios. Era uma forma de empregar mais esforços para melhorar o intercâmbio entre pessoas daquele mundo.

As notícias andavam a galope de um lado para outro. E os "jornalistas" precisavam de uma estrutura para o abastecimento, descanso tanto de si quanto do animal para prosseguir o percurso. As estalagens ofereciam o descanso para o correio e também instalações para o cavalo — a estrebaria. Ali era possível até a troca por outro animal descansado.

Então, os que viviam do transporte da notícia eram dotados de uma estrutura que lhes dava suporte extensivo a todo o seu equipamento — o cavalo. O "jornalista" contava com uma rede de hospedaria dotada de armazém e estrebaria, usada para restaurar forças.

Daí a palavra *restaurante* que lança para a idéia de comércio à beira da estrada onde o viajante se restaurava para prosseguir viagem. A restauração acontecia também nos oásis.

Hoje temos nas estradas os *restaura-ntes* (o hífen é proposital) com o mesmo objetivo. Embora na vida moderna o enfoque tenha outro conceito, não foge dos significados primórdios.

Temos o retrato bíblico dessa época, no registro que anuncia o nascimento de Jesus. "E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.7). Estalagem funcionava como uma pousada ou casa para hóspedes.

Durante o período do nascimento do Senhor, havia uma corrida por espaços em função do apelo do alistamento. Quando chegaram à cidade, não havia mais espaço para abrigarem-se. Com a necessidade de um local urgente, devido ao nascimento do bebê, José e Mirian (nome no hebraico da mãe de Jesus), só puderam encontrar uma estrebaria. Possivelmente estava instalada ao lado da estalagem, justamente para dar suporte ao viajante e seu(s) animal(is). A manjedoura era uma espécie de gamela (cocho — utensílio usado para o gado comer, feito de tronco de madeira escavado).

• Examinais as Escrituras

"Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam".

João 5.39

O conselho do Senhor ainda vigora. A ausência do exame das Sagradas Letras tem deixado muitas pessoas que iniciam com um coração sincero, mas engodadas pelo orgulho e ignorância acabam traídas por pretensões, que ocorrem pelo divórcio justamente do estudo sistemático da Bíblia. Outros caem no mesmo erro por assumirem postura liberal.

Examinar não é tão-somente ler. Esse verbo fala de: "Analisar com atenção e minúcia; pesquisar; estudar; submeter a exame; observar, ver, sondar".[37]

Um exemplo de ignorância do significado da mensagem divina está descrita em Mateus 22. Nesta passagem Jesus exorta os saduceus, que tentam pegá-lo em contradição, a respeito dos sete maridos de uma única mulher. Maliciosamente eles queriam saber qual deles seria o marido dela na ressurreição. A primeira maldade estava na questão de os saduceus não crerem na ressurreição. Então Jesus responde: "... na ressurreição, nem se casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22.30). Aqui o Senhor dá a eles outra resposta, que toca frontalmente na crença deles, por não acreditarem na existência de anjos.

De tudo isso, a resposta do Senhor está no versículo 29: "... Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus".

Conhecer e simplesmente ler

O exame das Escrituras sempre foi uma prática assídua entre os judeus, que desde da tenra idade eram colocados nas escolas das sinagogas para o estudo profundo da tradição e da Bíblia hebraica. Da mesma forma, os cristãos desde a canonização dos seus textos, e especialmente depois da Reforma Protestante européia no século XVI, o estudo dos textos sagrados do Novo Testamento é valorizado. Contudo, a passagem de João 5.39 (*Examinai as escrituras, porque nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam)* não tem o interesse de incentivar a leitura das Escrituras.

A regra mais básica da interpretação bíblica nos diz que devemos observar o texto dentro de seu contexto. Se observarmos o contexto de João 5.39 veremos que Jesus estava redargüindo os fariseus. No versículo 36 Ele fala que o Pai o enviou, e suas obras testificam esta verdade. No versículo 37 reafirma que o Pai o enviou, e os fariseus jamais o viram (no original, nunca viram o *Eidos* dEle; ou seja, a forma física dEle) ou ouviram sua voz. E no versículo 38 Jesus acusa os fariseus de nunca terem permanecido na Palavra do Pai.

Depois de tal acusação, no mesmo versículo Jesus diz o porquê (aqui ele utiliza a conjunção explicativa *hóti*): "Porque não credes naquele que Ele (o Pai) enviou". Assim, aparecem os versículos 39 e 40 dizendo que os mesmos "examinam as Escrituras, porque pensavam (do verbo *dokeo*, ajuizar) ter nelas a vida eterna, e elas testificam de mim (Jesus) e não querem vir até mim para ter vida". Ou seja, os fariseus acreditavam ter nas Escrituras a vida eterna, mas àquele a quem Elas testificam (dá testemunho, fala a respeito) eles não queriam aceitar. Eles na verdade não conheciam o Pai como se arrogavam conhecer, e nem mesmo as Escrituras (Bíblia hebraica), pois tanto o Pai quanto as Escrituras testificavam de Jesus.

O Senhor estava mostrando a tamanha incompatibilidade entre o que faziam com aquilo que diziam acreditar, pois acreditavam ter nas Escrituras a vida Eterna, mas na verdade não conheciam nada a respeito das Escrituras e vida eterna, porque Jesus, Aquele que poderia dar a vida eterna, eles não acreditavam (v. 40). Parafraseando o que Jesus quis dizer: "Examinam as Escrituras [os fariseus — porque acreditam ter nelas a vida eterna] e são elas [as Escrituras] que testificam a respeito de mim, contudo [mesmo sabendo disso] não querem vir a mim para que tenham a vida eterna".

Leia a Bíblia

Um fato interessante relacionado ao versículo 39 de João 5 envolve a tradução bíblica. A Sociedade Bíblica Brasileira (SBB), pela praticidade do texto, substitui *Examinai as Escrituras* por *Leia a Bíblia*. Essa forma elimina a confusão ocasionada por pessoas que não conhecem a linguagem bíblica. Numa cidade, ao realizar um encontro, uma igreja realizava determinada festa, anunciou o tema em faixas pela cidade: "Examinai as Escrituras".

Como a maioria da população brasileira não está acostumada com palavras e expressões bíblicas ou cristãs, ao ver tantas faixas insistindo no tema, correu para o cartório:

— O que está acontecendo com os imóveis. Por acaso houve alguma mudança na lei das escrituras? — passaram a indagar ignorantemente.

• EXTINGUIR

"Não extingais o Espírito".

1 Tessalonicenses 5.19

Nesta passagem, o apóstolo Paulo exorta os crentes a não deixar que o fogo do Espírito (a presença calorosa e iluminadora do Espírito de Deus) seja preterido na igreja. Equivale afirmar justamente o contrário: faça com que o calor espiritual esteja sempre presente entre vós. Essa presença espiritual proporciona a manifestação dos dons ministeriais e espirituais entre a comunidade cristã.

Interessante notar que a palavra *extingais* vem da raiz *extintor*, usado justamente para apagar fogo. Enquanto *extinguir* significa: "Apagar (fogo); amortecer, abrandar; aniquilar, destruir; dissipar; exterminar inteiramente; pôr fora de uso; abolir, revogar; extirpar, exterminar; fazer desaparecer; Dissolver, desfazer";[37] *extintor* é o meio usado para extinguir.

Sobre o assunto, em sua nota de rodapé, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* diz: "Paulo compara o extinguir o fogo do Espírito com o desprezo e rejeição às manifestações sobrenaturais do Espírito Santo, tais como a profecia (vv. 19,20). Reprimir ou rejeitar o uso correto e ordenado da profecia, ou de outros dons espirituais, resultará na perda em geral da manifestação do Espírito".



Fidelidade da Palavra

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar".

Mateus 24.35

Grandes sinais que fazem parte do cumprimento das profecias bíblicas indicam a fidelidade divina e como suas palavras se cumprem a cada dia, conforme percebemos.

A mais importante promessa diz respeito à volta de Jesus: "E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei pois esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornarem tenros e brotam folhas, sabeis que já está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que Ele está próximo, às portas" (Mt 24.31-33). Leia também Marcos 4.29 e Tiago 5.7.

Ao que tudo indica a Palavra promete um avivamento na aproximação da Volta do Senhor. Cremos que os salvos perceberão e

sentirão o júbilo da proximidade do Retorno de Cristo, pela presença do Espírito Santo em nós. Pois Ele é quem permanece com e na Igreja ("vos enviarei o Consolador" e "até que do meio seja tirado").

A idéia de preparação antecipada, conforme Marcos 13.33: "Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo", está implícita na Páscoa, comemoração dos judeus, na Velha Aliança — enquanto nós comemoramos a Ceia. A nossa Páscoa é Cristo (1 Co 5.7). O cordeiro era sacrificado no dia 14, mas já deveria estar à disposição no dia 10, antecipadamente. Assim também, para nós, a Igreja, a Ceia é um memorial de comunhão com o próprio Corpo de Cristo.

Relógio do Apocalipse

"Os ataques terroristas de 11 de setembro contra o *World Trade Center* e o Pentágono aproximaram os ponteiros do 'relógio do apocalipse' (*Doomsday Clock*) dois minutos em direção à meia-noite, horário simbólico de um possível 'holocausto nuclear'. O 'acerto' foi feito pela direção da revista *Boletim de Cientistas Atômicos*, responsável pelos movimentos do relógio, que havia quatro anos sem se mover. Em 1998, depois das provas nucleares realizadas pela Índia e pelo Paquistão, os ponteiros foram adiantados em nove minutos. Esta foi a 17ª vez que o relógio, feito de madeira e localizado na redação da revista na Universidade de Chicago, foi ajustado desde sua inauguração, em 1947. Hoje, o relógio marca 23h53. Em 1991, ele foi atrasado 17 minutos devido ao otimismo gerado com o fim de guerra fria".[43]

• Filho do Abba Pai

"E disse: Abba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres".

Marcos 14.36

Pai deriva-se do grego *patêr,* e *pater,* do latim. Não obstante o uso do aramaico *abba* como sinônimo de pai, essa era uma expressão que lançava para a idéia de uma pessoa em quem se podia depositar a confiança cegamente, com significado mais profundo que o restrito significado da palavra pai; uma pessoa por quem se mantém íntima

afeição. "É um tratamento que se assemelha a confiança de uma criança. Ela é inquestionável e vai além do sentimento relacional pai-filho" (*Vine*).

Quando o Senhor chama por Deus, dirige-se a Ele como *Abba* e Pai. A Bíblia fala ainda que aos filhos Deus enviou aos seus corações o "Espírito de seu Filho, que clama: *Abba*, Pai" (Gl 4.6). O Talmude ensina que a primeira palavra que a criança aprende após desmamar é Abba. Ela é muito familiar aos judeus, por seus costumes, mas jamais usaram-na para dirigir-se ao Criador.

Teria sido um escândalo para os judeus da época de Jesus ouvi-lo se dirigir ao Criador como Abba Pai. Para os rabinos até então essa era uma expressão tão somente humana e jamais deveria ser usada para dirigir-se ao Eterno Deus. Para eles, o Senhor estava distante dos homens.

Na oração do Pai Nosso (Lc 11.1-4; Mt 6.9-15) a expressão *Abba* aparece como início da oração que Jesus ensinou. A expressão *Abba* só ocorre uma vez na história da tradição judaica, registrada no Talmude babilônico (Taanith 23b): "Quando o mundo tinha necessidade de chuva, nossos mestres mandavam as crianças da escola ao Rabi Chanin Hanechba [fim do século I a.C.] e pegavam na orla do seu manto e clamavam a ele: Pai querido [*Abba*], pai querido [*Abba*], dá-nos chuva. Disse diante de Deus: Soberano do mundo, faz isto por amor daqueles que não podem distinguir entre um *abba* que pode dar chuva e um *abba* que não pode dar chuva alguma" (cf. SB I 375, 520)". Certamente seria exagerado e impróprio se concluíssemos deste texto que, no judaísmo antigo, Deus era descrito como sendo *abba*, e tratado assim. O rabino Chanin aqui meramente retoma o clamor de *abba*, dito pela criança e direciona para o a "pessoa" certa, e apela à misericórdia paternal de Deus; ele mesmo, do outro lado, emprega a invocação respeitosa "Soberano do mundo".[44]

A expressão era conhecida por ser algo infantil, familiar. No mesmo Talmude, livro de das tradições judaicas, diz que quando uma criança saboreia o trigo (isto é, quando desmamam), aprende a dizer *abba e imma* (papai e mamãe). J. Jeremias, exegeta neotestamentário, no seu livro *Mensagem central do Novo Testamento*, diz: "Com a ajuda de meus assistentes, examinei a literatura devocional do antigo judaísmo... O resultado desses exames foi que, em lugar algum dessa vasta literatura,

foi achada a invocação de Deus como "*Aba* Pai". *Aba* era uma palavra comum; uma palavra familiar e corriqueira. Nenhum judeu teria ousado tratar Deus dessa maneira. Não obstante, Jesus o fez em todas as suas orações a nós legadas, com uma única exceção: o brado da cruz — "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Na oração do Senhor, Jesus autorizou os discípulos a repetirem a palavra *Aba* depois dEle, dando-lhes o direito de partilharem sua condição de Filho. Autorizou-os a falar com o seu Pai celeste de um modo mais confiante e familiar". Jesus estava falando de um relacionamento íntimo, familiar e "infantil" com o Pai.

"Pai Nosso"

Na oração do Pai Nosso, em Mateus 6, Jesus ensina-os afirmando que eles sabiam orar, mas precisavam de conhecimento da própria divindade, vivendo-a e não somente alardeando-a (vv. 1,2) — "tocando trombeta". Os judeus faziam a coisas publicamente, para que todos vissem os seus "exemplos". Porém, Jesus os ensina a agir em oculto para que o Pai os recompense publicamente (vv. 3,4).

Então, a oração deve ser espontânea, sem "as vãs repetições" (v. 7). E mais: deve ser dirigida a Deus como Pai. Este ensino escandalizara os judeus, pois jamais se abririam para essa forma de abrir diálogo na tentativa de viabilizar a comunhão. Para eles, a expressão Pai era uma forma simplesmente humana de relacionamento, que jamais poderia ser usada para dirigir-se a Deus.

Filho do Pai — a escolha

Na escolha dos judeus durante o "julgamento" de Jesus por Pôncio Pilatos, foi-lhes apresentadas duas opções de escolha: Jesus Cristo — o Filho do Pai; e Barrabás, que no aramaico tem o mesmo significado: Bar-abbas — filho do pai. "E havia um chamado Barrabás, que, preso com outros amotinados... E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que vos solte o Rei dos judeus?" (Mc 15.7,9). Optaram pelo filho do pai terreno e deixaram que o Verdadeiro Filho do Pai fosse crucificado.

Entretanto, por sua expiação e após sua obra de Redenção completa — sacrifício, ressurreição, aparição, ascensão e glorificação — deu-nos

o direito, em si mesmo, de sermos feitos filhos do Pai, conforme João 1.12 e Efésios: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado" (1.3-6).



Geopolítica de hoje e a profecia de noé

"E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos. E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem, e seja-lhe Canaã por servo".

Gênesis 9.25-27



profecia de Noé, sobre os seus três filhos, joga luz para os dias de hoje concernente aos povos. É justamente isso que se cumpre no mundo atual. Temos visivelmente o cumprimento dessa profecia.

De Canaã descenderam os africanos. Já no tempo dos patriarcas, eram eles que moravam naquela região, desde Israel (Canaã) que divisa a África da Ásia, até a África propriamente dita.

De Jafé descendem os jafetitas, que são os europeus. Eles detêm a supremacia econômico-política, com o MCE (Mercado Comum

Europeu), e a maioria dos países mais ricos do mundo — os Grupo dos 7 ou Clube de Roma.

A promessa para Sem é religiosa. "Bendito seja o Deus de Sem". Dos semitas, descendem as três maiores religiões do mundo — judaísmo, cristianismo e islamismo.

Dos filhos de Jafé saíram, os colonizadores. Os europeus, especialmente por meio da Inglaterra e Portugal, colonizaram a África, repartindo-a como queriam, e causando um grande transtorno às tribos, que até hoje lutam e são dominados, sofrendo com pestes, fome, degradação completa.

É um povo tomado de feitiçarias e adoração a ídolos. Chegam a oferecer seus filhos e a matar outros para serem oferecidos aos demônios, a exemplo do que faziam os cananeus. Muitas vezes Israel copiava seus pecados (2 Rs 17.16,17; 2 Cr 33.1-6).

Dado a pecados de libação a deuses de vidas humanas, muitos povos foram exterminados da face da terra. A própria degradação moral os consumiu como os assírios, os maias e astecas, entre outros. O amor-livre na França quase os consumiu, pois não possuíam mais crianças, e ainda hoje procuram adotar infantes. O amor-livre quebra todas as barreiras morais, viabilizando o sexo entre qualquer pessoa, sem se importar com qualquer tipo de parentesco.

Fica claro dentro do quadro geopolítico do mundo de hoje o cumprimento da profecia de Noé.

• Globalização – O reaparecimento do último império

"Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta".

Apocalipse 17.13

A globalização começou em 1957, com o nome de Tratado de Roma e com 6 (seis!) países. Coincidência?!

Roma ressurge dos pés da estátua de Nabucodonosor (Dn 3) em novo estilo. A Comunidade Européia tem passaporte próprio (há muito tempo) e uma moeda própria — o Euro, que disputa influência com o dólar. Tudo isso não é mais novidade.

A profecia de Noé a seu filho Jafé, se cumpre dentro do mesmo contexto, quando diz "alargue Deus a Jafé". A supremacia política e

econômica predita pelo profeta cumpre-se com os indo-europeus (Gn 9.27). E aí chegamos ao topo da profecia — que é a estátua, símbolo da união dos reinos do mundo — iniciado pelos pés.

A exemplo do que aconteceu na Torre de Babel, logo após a destruição do mundo, pelo Dilúvio, o homem moderno procura um meio de sobrevivência. Naquela época, queriam fugir de uma outra possível destruição se agrupando — contrariando a ordem do Senhor de povoar a Terra —, e construindo a Torre de Babel, uma imitação dos Zigurates, que funcionava como um centro de adoração. Era construído em degraus. Naquela circunstância, o Senhor confundiu as línguas.

Atualmente o homem busca algo semelhante. Quer se agrupar para tentar escapar da destruição, pois "O caminho dos ímpios é como a escuridão: nem conhecem aquilo em que tropeçam" (Pv 3.19), enquanto "a vereda do justo é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4.18).

O mundo forma comunidades regionais, grupos de países para, futuramente, fundir-se em um só, como prevê a Bíblia. Temos o Mercado Europeu, que já possui moeda própria; os países africanos, os países da América Latina (Mercosul), o Nafta (com EUA, Canadá e México), os países da Ásia... O mundo procura um governo único.

Temos uma forte sombra da ressurreição do Império Romano pela Europa, região que Alexandre queria conquistar. Seu desejo continua reascendendo ainda hoje. O então presidente da antiga União Soviética, Gorbatchev, peça chave para o término da Guerra Fria, e mentor do arrefecimento do desejo pela busca da união mundial, realçada a partir da queda do Muro de Berlim. Gorbatchev queria uma Europa unida dos (montes) Urais ao Atlântico.

Roma foi o maior poderio bélico e econômico do mundo. Respeitado por sua leis (o direito romano permanece como a base do Direito latino moderno), seu sistema de comunicação, com as estradas que interligavam as grandes cidades do império, entre outros avanços. A ascensão do Anticristo depende da ascensão do Império Romano.

Dependência entre si

Com a economia globalizada os países dependem um do outro. Nenhum tem mais o direito de realizar uma reviravolta em sua economia

sem atentar para o que isso poderá representar para si mesmo e seus vizinhos. Criou-se uma dependência em que os governos nem mesmo tentam algo que não seja de comum acordo, mesmo porque não existem outros caminhos.

Todos os caminhos desembocam num só funil — a globalização. De nada adianta contrariar a única saída. Países antes tão distantes, hoje buscam saídas em conjunto. As diferenças ficam para trás.

Mas ainda existem problemas periféricos que lançam para dificuldades que deverão surgir nas propostas de unificação. Para eliminar tais arestas e levar todos os países a um eixo único, como pretendia o Império Romano, o mundo espera um líder.

"O desafio agora é seguir adiante com o processo de integração. A questão é se vamos ter força e inteligência suficientes para fazer algo", sugestiona o então embaixador do Brasil na Argentina, Sebastião do Rêgo Barros.

Tudo indica para a falta de uma peça na engrenagem para a montagem do circo da globalização acabar. O mundo parece um grande iceberg em pedaços pelo oceano a busca da união em um único bloco. Quando isso acontecer, a Pedra será atirada para estraçalhar o bloco: "Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a pragana das eiras no estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra que feriu a estátua se fez um grande monte e encheu toda a terra" (Dn 2.35). Da outra vez, na Torre de Babel, Deus confundiu as línguas.

O atual embaixador brasileiro — quando da publicação desta obra — reconhece a dificuldade econômica ao afirmar que espera "que as dificuldades que tivemos nos tenham ensinado que não podemos continuar como estamos".[45]



Heresia

"Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós".

1 Coríntios 11.18,19

Interpretações humanas levaram muitos a produzirem heresias e caminharem para lados opostos a Deus. Estes não alcançam o verdadeiro significado do texto, dado pelo Espírito. Das heresias nasceram religiões — as grandes seitas —, que acabam encontrando adeptos, porque tais interpretações vêem de encontro ao entendimento de muitos, que nem sempre aceitam os desígnios divinos. São formas, às vezes, eivadas de lógica, mas contrária à ação da fé. Outros são engodados pela água amarga, que à primeira vista, parece ser doce — "... mas à alma faminta, todo o amargo é doce" (Pv 27.7).

A falta da hermenêutica tem feito com que muitos fiquem vulneráveis e passem a ser presas fáceis de "ensinadores" sem escrúpulo. Temos o exemplo de muitas seitas, que interpretam a Bíblia a partir de sua doutrina, mas não criam doutrina a partir da Bíblia. Fazem de forma inversa, usando os textos bíblicos como suporte à sua forma de pensar.

Cometem os mais ridículos erros de interpretação. Tais formas humanas tentaram dominar a Igreja até que ocorreu a formação do cânon bíblico, quando muitas doutrinas deram origem a livros e a seitas falsas. Mas os apologistas e Pais da Igreja souberam defendê-la, usando a hermenêutica sempre a partir da sujeição ao Espírito.

Dissensões são divisões e heresias, partidos (*haireseis* no grego), que podem ocorrer na igreja pela falta da manutenção das tradições cristãs, conforme preceitos bíblicos. Leia o versículo 2. Preceito é sinônimo de tradição, *pardoseis* no grego, e significa "instrução cristã fundamental, oral ou escrita". Leia 2 Tessalonicenses 2.15; 3.6; Filipenses 2.3.

• Homem veio do barro

"E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego de vida; e o homem foi feito alma vivente".

Gênesis 2.7

O homem (*Adam*) foi criado à imagem e semelhança de Deus, formado do pó da terra (*Adamash*). Por isso, "homem" pode significar "terroso" (Gn 1.26-28; 2.7 e Is 64.8). O nome Adão significa ainda "vermelho" ou "aquele que veio ou saiu da terra". A varoa recebeu o nome de Eva, que significa "mãe de vida". É possível que a palavra para costela — de onde saiu a mulher — tenha o mesmo significado de vida, no original. A fêmea é *ishshah*, no hebraico. O macho é *ish*. O ser humano foi criado masculino (*ish* — varão), e feminino (*ishshah* — varoa).

A mulher saiu do homem e para ele volta no casamento. Portanto a palavra homem tem o significado do ser criado, não propriamente macho (varão). Homem é o ser humano, que tem características que o distanciam do gênero animal, que recebe a definição de raça (raça de cachorro, raça de cavalo, "raça de víboras"...), termo que não diz respeito ao homem. O homem não tem raça, é único. Ele se completa na junção (casamento) do macho e da fêmea, para a formação do homem (que se completa na mulher ou vice-versa). Tanto o homem quanto a mulher, que dele saiu, querem voltar de onde saíram.

"Estudos demonstram que origem da vida pode estar no barro"

"Uma pesquisa que será publicada amanhã, sexta-feira, pela revista *Science* estabeleceu que, tal como afirmam muitas religiões, a vida na Terra possivelmente tenha surgido do barro.

Um grupo de cientistas do Instituto Médico Howard Hughes e do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, assinala na *Science* que reuniu materiais típicos do barro que são fundamentais no processo inicial de formação biológica.

Entre eles figura uma substância chamada *montmorillonite* que participa da formação de depósitos gordurosos e ajuda às células a compor o material genético chamado ARN (ácido ribonucleico), indispensável para a origem da vida.

Segundo os cientistas, a argila ou o barro podem ser catalisadores das reações químicas para a criação do ARN a partir dos nucleotídeos.

Também descobriram que a argila acelera o processo de criação de ácidos grassos em estruturas chamadas vesículas, até as quais se chega ao ARN.

"A formação, crescimento e divisão das primeiras células pode haver ocorrido como resposta à reações similares de partículas minerais e agregados de material e energia", disseram os pesquisadores.

Para minimizar o encontro da ciência com o que a Bíblia afirma, Jack Szostak, um dos investigadores, esclareceu em um comunicado que "não estamos afirmando que foi assim que iniciou a vida. O que estamos dizendo é que comprovamos um crescimento e divisão sem interferência bioquímica".[46]

Teoria Tricotomista

Esta teoria, que honra as Escrituras (1 Ts 5.23), prega que o homem é formado de corpo (*soma,* no grego); alma (*psichê*, no grego e *nephesh* no hebraico); e espírito (*pneuma*, no grego e no hebraico *ruach*). O corpo é do pó, a parte visível do nosso ser, e abrange a vida sensorial, perceptíveis nos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato; a alma é o centro das emoções — com sentimento, entendimento, pensamento e vontade (emoções e afeições: amor, alegria, felicidade, tristeza, orgulho, violência, desgosto, reflexão...) e faz o elo entre corpo e espírito. Este é o sopro

divino (Ec 3.20-21 e 12.7), e caracteriza-se como a sede divina no homem ou o elo com Deus (no grego vida é *zoe*).

Finalmente teremos as divisões entre corpo (físico), intelecto (pensamento), emoções e espírito. A vida animal (do corpo) está no sangue (Ec 3.20-21; Lv 17.11,14 e Dt 12.23).

Uma das teses de sustentação da Teoria Tricotomista acolhe alguns compostos triplos para firmar seus argumentos: Pai, Filho e Espírito Santo; cabeça, corpo e membros; sólido, líquido e gasoso, entre outros.

Teoria Dicotomista

Esta teoria crê que o homem é formado em duas partes: corpo e espírito. Seus defensores vêem de forma unida espírito e alma, em um só elemento, alegando ser impossível separá-los.

Homem natural

O homem natural está firmado em seus próprios conhecimentos, em sua capacidade da alma (entendimento, pensamento, sentimento e vontade), onde reside o intelecto e a consciência (Jr 17.5,6; Ef 2.3). Mas o conselho de Deus é para que o homem não se apóie em seu próprio entendimento (Pv 3.5 e Jr 17.7-8). O homem intelectual (natural) é o *psychikos*, e o espiritual, *pneumátikos* (Rm 8.9-17; 1 Co 2.1-16).

Mas os que estão em Cristo passam pela transformação para uma nova vida, conforme a Palavra. Tal mudança se faz necessária para que o homem possa demonstrar em si o novo nascimento em Cristo, em testemunho ao mundo, como preparação para um outro lar em vida eterna. Por isso o cristão (literalmente seguidor de Cristo) é peregrino da Terra — "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros..." (1 Pe 2.11). "Sendo de novo gerados... desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos..." (1 Pe 1.23; 2.2). Leia também 2 Coríntios 5.17, 1 Pedro 2.10 e 2 Pedro 1.1-10.

Homem carnal

É o que vive segundo a carne; dos deleites carnais. Não é o mesmo que o homem natural. Este pode não ser carnal. O homem natural vive distante de Deus, mas não se deixa levar pela separação explícita da ação

da carne. Paulo aos Romanos fala sobre a liberdade de Cristo aos homens "que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito" (Rm 8.1).

A Timóteo o apóstolo fala dos "tempos trabalhosos" (difíceis ou selvagens) que perturbariam a Igreja "nos últimos dias" (2 Tm 3.1), e enumera 19 desqualificações do homem carnal, desse tempo: 1) amantes de si mesmos; 2) avarentos; 3) presunçosos; 4) soberbos; 5) blasfemos; 6) desobedientes aos pais; 7) ingratos; 8) profanos; 9) sem afeto natural; 10) irreconciliáveis; 11) caluniadores; 12) incontinentes; 13) cruéis; 14) sem amor para com os bons; 15) traidores; 16) obstinados (atrevidos); 17) orgulhosos; 18) mais amigos dos deleites do que de Deus; 19) com (somente) aparência de piedade (2 Tm 3.2-5).

Eles se dão às obras da carne: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, "e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus" (Gl 5.19-21). "Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus; Porque a inclinação da carne é morte" (Rm 8.6,8).

Ainda em 1 Coríntios 3.3 Paulo dá as características dos que são carnais: "Ainda sois carnais porque ainda há entre vós ciúme, desavença, não sois porventura carnais e não andais segundo os homens?" É nítido observar que a carnalidade e a espiritualidade estão intrinsecamente ligadas a como nos relacionamos com o próximo. Ciúme, desavença e outras características do homem carnal que aparecem nos textos, especialmente em Gálatas 5, se materializam dentro dos relacionamentos. Contudo, a vida espiritual também se mostra na relação entre os homens.

O fruto do Espírito é o amor (Gl 5.22), que se subdivide em outros componentes de uma personalidade transformada, e esse conjunto se concretiza na relação com o outro. O grande mandamento, como disse Jesus, é "amar a Deus e amar ao próximo. Jesus no Evangelho de João, no capítulo 15, diz que deveríamos guardar seus mandamentos (v. 10), e no versículo 12 Ele diz qual é seu mandamento: "Que vos ameis uns aos outros..." No versículo 14, Jesus diz que seríamos seus amigos se fizéssemos o que Ele mandasse, e, no 17, Ele manda que nós "amemos uns aos outros".

Homem espiritual

São todos os que vivem conforme a vontade divina e guiados pelo Espírito Santo. Não se deixam dominar pela tentação da carne. Vivem a essência do poder de Deus em suas vidas e permitem que o fruto do Espírito domine os seus sentimentos. "Mas o fruto do Espírito é caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé mansidão e temperança (...) E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.22,24). Enquanto a inclinação da carne gera a morte, a do Espírito gera vida e paz (Rm 8.6).

E todos quantos têm o Espírito de Cristo sabem e convivem com a excelência dessa presença em suas vidas (Rm 8.14,16; 1Ts 1.5), e não andam segundo a carne (v. 4).

São participantes da natureza divina (2 Pe 1.4), bem como predestinados, chamados, justificados e glorificados em Cristo (Rm 8.30; 1 Ts 1.4; 5.9; 2 Pe 1.10).



Impérios mundiais

"A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá. Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. E são também sete reis: cinco já caíram e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição. E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta".

Apocalipse 17.8-13

Os cinco reis mencionados no texto acima são os cinco impérios que dominaram o mundo:

1) Egito;
2) Assíria;
3) Babilônia;
4) Pérsia;
5) Grécia;
6) Romano. Este é o sexto e que então existia no tempo de João ("um ainda existe").
7) O sétimo é o que ainda virá, e dele sairá o oitavo — a Besta ou Governo Mundial do Anticristo.

O império de número 6, na lista bíblica, representa o último império visível. Após o Império Romano temos um descanso ou a mudança da visão humana. Depois desse tempo, justamente o período da Graça — tempo da Igreja na Terra —, o governo mundial terá a predominância religiosa num misto de poder humano e influência religiosa, sob o auspício do paganismo misturado a um suposto cristianismo a ponto de formar uma nova visão dominante do mundo refletido na mulher do capítulo 17 de Apocalipse.

A nova visão forma outra imagem do domínio do mundo, ao descaracterizar tudo em busca de um novo modelo: os impérios, o paganismo e o pretenso cristianismo se fundem e formam a nova visão mundial.

Tudo isso teve como protagonista Constantino, a partir de 313 d.C. Ao ganhar o império, cumpriu com o que prometeu dando liberdade aos cristãos, devolvendo suas terras confiscadas, outorgando a eles prestígio, mas acabou assumindo o domínio da Igreja como um imperador-papa.

Após o fim do Império Romano, depois da divisão entre Roma e Constantinopla, em 419 d.C., os papas perceberam a forma de domínio assumindo-a e dominando o mundo durante todo o período, desde Constantino até a Idade Média. Esse poder perdeu força na Idade Moderna e Pós-moderna.

• Ironia de Paulo

"Eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam inquietando".

Gálatas 5.12

Nesta passagem Paulo está tratando da questão dos judaizantes que queriam impor a circuncisão da Lei (corte do prepúcio que cobre o órgão sexual do homem). Com a exploração do assunto a tentativa de impor a Lei judaica, Paulo contesta a imposição de preceitos da Lei, em todo o livro de Gálatas e refuta a necessidade de circuncisão no capítulo 5 (vv. 1-15).

Se notarmos no contexto do versículo 12, vamos ver isso. Como a circuncisão significava o corte do prepúcio, a exemplo da operação de fimose, Paulo radicaliza como os próprios judaizantes e diz para que então corte tudo (castrem-se). Ou "tirado e jogado fora" seria a tradução, segundo o mestre Antonio Gilberto. No grego, dá idéia de ironia, ao falar de "membro todo", não só o prepúcio (da circuncisão). O apóstolo ironiza, ao falar dos que querem viver sob o jugo da circuncisão.



Juízos divinos

"E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande".

Apocalipse 16.21

Os juízos divinos, vistos em Apocalipse com descargas de flagelos sobre o homem, têm figuras que parecem indicar uma realidade que não podia ser compreendida na época. O que Moisés possivelmente escreveu sobre o avião que haveria de levar os judeus de várias partes do mundo — depois de espalhados, por desobediência — de volta a Israel, foi um grande pássaro, a águia (Dt 32.11). Quem poderia acreditar em outra coisa, na época?

É possível que haja aí uma explicação plausível para algumas interpretações apocalípticas como a estrela que cai do céu, no capítulo 9.

Hoje a ciência nos dá mostra daquilo que na época não se conhecia, e do estrago na Terra que a descarga de uma estrela — uma somente — pode causar.

O Universo conta com estrelas maiores que o Sol, afirmam os cientistas. As estrelas liberam energia sob forma de luz e calor, e são formadas de átomos de hidrogênio, que combinados formam o hélio, um gás mais pesado.

Quando alcança 100 milhões de graus, a estrela se expande. Normalmente a estrela se expande devagar, até formar uma imensa estrela vermelha, porém, se a expansão ocorrer muito depressa, explode, lançando matéria pelo espaço. As super-novas, por exemplo, são estrelas que desaparecem numa grande explosão.

A conversão de um gás para outro, acontece quando a temperatura de seu núcleo atinge um milhão de graus centígrados, com reações termonucleares.

A combustão pode ser explicada quando ateamos fogo no papel. Energia em forma de calor e luz se desprende no momento da combustão, que quando é muito rápida, ocorre explosão. Este exemplo pode ser notado ao atearmos fogo em um tambor com gasolina ou outro combustível.

Há reações nucleares que permitem obter energias ainda maiores que as liberadas na fissão nuclear. São as reações de fusão nuclear ou reações termonucleares, utilizadas nas bombas de hidrogênio e que ocorrem naturalmente em todas as estrelas.

Estrelas cadentes são meteoritos que podem ser imensas pedras de muitas toneladas de peso, em altíssima velocidade, chegando a incendiar-se ao criar atrito com o ar.

No Arizona (EUA) um grande meteorito causou uma cratera de 200m de profundidade e 150m de diâmetro.

Para se ter idéia um talento equivale a 30kg. Portanto, se Deus desencadear uma pequena chuva de pedras, o mundo será abalado com catástrofes sem precedentes, conforme o texto de Apocalipse 16.



Lágrimas

"põe as minhas lágrimas no teu odre: não estão elas no teu livro?"

Salmos 56.8

A crença de que as lágrimas seguem com a pessoa para a eternidade vem do costume egípcio de usar uma vasilha para recolher as lágrimas. Daí vem a expressão bíblica que afirma que "toda lágrima Ele (Deus) enxugará". Não quer dizer que no céu haverá pranto, tristeza, mas é a figura que lança para a idéia de futuro justamente sem choro, glorioso e compensador, não obstante as lágrimas de hoje.

Ainda sobre o choro a Bíblia diz, como consolo que ele "pode durar uma noite, mas a alegria em pela manhã" (Sl 30.5).

A importância do choro começa na existência humana desde o nascimento. Ele expressa a vida e por meio do choro o bebê começa as primeiras movimentações de seus pulmões. Também por meio do

choro a criança descobre tanto sua dependência dos pais como também a forma de chamar a atenção da mãe.

A criança descobre que por meio do choro chama a atenção da mãe para as suas necessidades. O choro é a linguagem usada pela criança para comunicar-se com a mãe. Até mesmo depois da articulação das primeiras palavras, a criança continua a usar o choro como forma de eliminar suas necessidades.

No contato com Deus ocorre o mesmo. O homem nem sempre tem palavras para expressar a Deus suas necessidades, mas pode perfeitamente, sem palavras, por meio do choro, alcançar a maior expressão com o Criador. No Sermão da Montanha, o Senhor anuncia as bem-aventuranças e entre afirma: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados" (Mt 5.4). Segundo comentário de rodapé da Bíblia de Estudo Pentecostal, "Aqui, 'chorar' é contristar-se profundamente por causa das nossas próprias fraquezas quando nos medimos com o padrão divino de justiça".

• Laodicéia – Justiça do povo

"E o anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente! Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta... aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças, e vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os olhos com colírio, para que vejas".

Apocalipse 3.14-18

Laodicéia era uma das cidades mais ricas da Ásia com nome "emprestado" às sete igrejas mencionadas em Apocalipse. É a sexta igreja, número muito ligado ao homem, que foi criado no sexto dia. O 6 nunca chega a ser 7, o número da totalidade (não da perfeição). Sem recorrer à numerologia, o sete é um número muito usado por Deus com a idéia de completo, totalidade. É a típica igreja morna — nem quente, nem fria.

As características que davam essa pujança à cidade são as seguintes:

• Um sistema financeiro (bancário) muito avançado para a época. A manufatura da lã proporcionava a base para uma

• Indústria têxtil de destaque. Era muito famosa por sua capacidade de produção e suas novidades em mostrar uma nova versão do

• Tecido em cores, e não somente o branco, como o linho era conhecido em sua origem.

• Por outro lado, a cidade contava com certo ungüento muito conhecido e difundido na época como colírio.

• Isso dava-lhe a base para um poderoso laboratório farmacêutico, conhecido no mundo de então.

• Desse segmento a cidade possuía ainda uma escola de medicina, apoiada pelo deus Esculápio — aquele que aparece como símbolo da medicina moderna, retratado na figura de duas cobras entrelaçadas. Nota-se essa imagem em receituário médico.

Auto-confiança

Mas essa próspera cidade era formada de pessoas bastante confiantes na capacidade estrutural local. Firmavam-se nessas riquezas, deixando de lado a dinâmica cristã. Viviam a morbidez espiritual. Eram indiferentes e nominais, pois confiavam muito em sua auto-suficiência sócio-econômica.

Para esses crentes suas poses materiais por si só refletiam sinal de aprovação e bênção divinas. Abastados eles podiam comprar tudo quanto queriam ou precisavam. Eram ricos, luxuosos e desfrutavam de um bem-estar incomum para a época. Laodicéia era famosa por suas riquezas.

Deficiência

Contudo, havia algo que mostrava falha no sistema administrativo. Era justamente a deficiência no abastecimento de água à população. Mas, como cidade rica e próspera, Laodicéia construiu um aqueduto que abastecia a cidade com água que saía da cidade de Hierápolis. A água era quente, mas ao percorrer a canalização de 10 quilômetros, chegava à cidade morna.

Rica, a cidade não se abateu. Foi a Colossos de onde captava água de uma fonte bem mais fresca. Mas, em função do percurso, a água, da mesma forma como a de Hierápolis, chegava à cidade morna.

Para o Senhor a comunidade da igreja refletia a temperatura da água tão indesejável aos seus moradores, justamente por sua temperatura — morna.

Jesus se apresenta como a própria fonte da água que jorra para a Vida Eterna. Dela quem toma nunca mais terá sede (Jo 7.37).

A igreja que se via como auto-suficiente em tantas áreas da vida, contudo, foi sendo reprovada, ponto por ponto pelo Senhor que enumera suas "capacidades" humanas, das quais os moradores se orgulhavam, interpretando-as à luz das riquezas espirituais.

"Justiça do povo"

Jesus Cristo vai derrubando todos os pontos em que os moradores se baseavam para mostrar sua base de confiança. A própria cidade carregava em seu nome esse reflexo que se fazia notável entre o povo daquela época. Laodicéia deriva-se do grego *Laos*, que significa povo, e *diskéia*, que quer dizer justiça. Portanto, *Lao-diskéia* é *Justiça do povo*.

• LAVAR AS VESTIDURAS

"*Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas*".

Apocalipse 22.14

Na versão *King James* (tradução do Rei Tiago), uma das mais respeitadas, o versículo 14 do capítulo 22, não tem a mesma construção, e não aparece a parte que diz: "... *lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro*".

O texto tem a seguinte tradução: "Bem-aventurados aqueles que cumprem os seus mandamentos para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas".

Dentre os cerca de 13 mil manuscritos do original grego, em nenhum consta a parte "*no sangue do Cordeiro*". É bem verdade que esta parte torna-se implícita no plano divino de salvação do homem — por

meio da remissão de pecados e efetivação do sacrifício expiatório de Jesus Cristo —, mas ela não faz parte dos textos originais, embora não agrida a construção da informação.

A tradução que segue os originais tem sentido se analisarmos o contexto: "Estas palavras são verdadeiras..." (v. 6); "Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (v. 7); "... sou conservo... dos que guardam as palavras deste livro..." (v. 9); "Não seles as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo. Quem é injusto faça injustiça ainda: e quem está sujo suje-se ainda; e que é justo faça injustiça ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e que é santo seja santificado ainda. E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra" (vv. 10,11).



Mãe e seu papel na cultura judaica

"Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe".
Provérbios 1.8

O costume entre os judeus indica que a mãe é a figura no lar que determina toda a sorte de ensino, inclusive o religioso. Todos os preceitos judaicos devem ser transmitidos à criança por meio da mãe. Essa idéia fica clara nas histórias de Moisés e, principalmente de Samuel. Moisés foi colocado em um cesto betumado no leito do Rio Nilo, enquanto sua irmã Miriã o acompanhava às margens do rio. Após a filha de Faraó pega-lo, Miriã apareceu e, em seguida, leva o irmãozinho de volta para sua mãe, que o cria e educa. Aos 6 anos de idade o menino volta ao palácio. Todo o aprendizado, as informações e a doutrina que iria nortear a sua vida adulta, foram transmitidas por sua mãe.

No caso de Samuel ocorre algo semelhante. O menino também foi levado ao templo para assimilar o ministério sacerdotal com Eli. Nos dois casos os pais não aparecem, pois era o papel da mãe judia (*idish mame*).

Aos homens cabem as práticas rituais e toda a instrução, com a idéia da formação da pessoa, regras de vida, orientação mais ou menos como é repassada ao militar.

Até mesmo para definir se uma pessoa é ou não judia examina-se sua descendência a partir da mãe — se a mãe é judia. Não basta o pai ser judeu, a mãe deve primeiramente ser.

O diretor do filme *Kadosh, Laços sagrados*, Amos Gitai, diz ser contra as três religiões monoteístas — a judaica, a cristã e a islâmica, "pois foram construídas para garantir a supremacia do homem sobre a mulher". Ele confessa ainda, segundo o jornalista Osias Wurman[47], que nunca foi levado por seu pai a uma cerimônia religiosa.

Mas na religião judaica, diz ainda o jornalista, conforme os "ensinamentos de *Rashi*, o maior intérprete do Pentateuco, as mulheres são as responsáveis pelo recebimento das regras gerais da religião judaica, a elas cabendo a educação de toda a família, a preservação do amor a Deus e a manutenção dos lares, conforme recomenda a tradição".

Todas essas informações estão contidas no texto de Provérbios 22.6: "Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele", comentado pela professora Débora Ferreira, que observa "Ensinar no sentido original tem o sentido de 'palato, o céu da boca, as gengivas', com a idéia de 'o interior da boca'. Na forma verbal, era o termo usado para domar um cavalo selvagem. Para isso, usava-se um cabresto em sua boca. A palavra também era usada para descrever os atos de uma parteira que assiste o nascimento de uma criança. Após o nascimento, a parteira molhava o dedo no suco de tâmaras esmagadas e o colocava na boca do bebê, massageando as gengivas e o palato, estimulando assim a sucção para a amamentação. Em seguida, colocava a criança nos braços da mãe para a amamentação. Em outras palavras, o vocábulo pode ser parafraseado da seguinte forma: 'desenvolver a sede'".

• MATANÇA DE CRIANÇAS POR HERODES

"E, tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém,... E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles disseram: Em Belém da Judéia, porque assim está escrito: E tu, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel. Então, Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes parecera. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e pergunta diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore. (...) E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho",(...). Então, Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira os magos. Então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto; era Raquel chorando os seus filhos e não querendo ser consolada, porque já não existiam".

Mateus 2.1,3-8,12,16-18

Desejo de ser o Messias

Herodes foi um rei de Israel, nomeado por Roma, que intentou ser o Messias prometido. Era filho de pai convertido ao judaísmo — não propriamente judeu — e, mesmo assim, achava-se no direito de preencher essa lacuna existente em Israel. Tinha conhecimento das promessas messiânicas anunciadas pelos profetas de um rei de toda a nação, contudo os judeus desafiavam a legitimidade de seu reinado.

Reformou o Templo dos judeus — o segundo Templo, também chamado de Templo de Herodes —, transformando-o numa das mais belas obras de artes da época. Foi a maior e mais importante obra da história judaica e maior em investimento também. Foram empregadas na obra em torno de 18 mil trabalhadores.

Mas ele não conseguiu livrar-se do principal impedimento que o distanciava e o tornava desprezível aos judeus — era romano e fora nomeado por Roma.

Herodes teve outras obras importantes em seu histórico, como a construção da cidade de Cesaréia — nome dado em homenagem a César, o que também indignava os judeus. Construiu ainda um aqueduto de água doce, a quase 100km a oeste de Jerusalém.

Em Cesaréia havia muito lazer e entretenimento, típico do estilo de vida romana, como hipódromo para corridas de cavalo e brigas, mas que também servia como local de espetáculos, inclusive de lutas entre gladiadores. Entretanto, para os judeus tudo isso era tipicamente ação essencialmente secular e degradante ao ser humano.

Com técnicas avançadas e desenvolvidas pelos romanos, construções se erguiam no reinado de Herodes. Edificou um templo para o imperador, o que acabara de mostrar seus intentos e natureza, totalmente na contramão dos judeus. Não obstante o grande avanço, os judeus tinham consciência que todo o investimento provinha dos impostos cobrados deles mesmos.

Nomeação do sumo sacerdote

Outra tentativa de Herodes foi a nomeação do sumo sacerdote (do Templo) em 35 a.C. Sob pressão de Mariana e da mãe dela nomeou seu cunhado Aristóbulo. Mas, tomado de ciúmes, em função do crescimento de Aristóbulo que, diferentemente dele era judeu, aproveitou uma festa em seu palácio para dar sumiço ao sumo sacerdote que apareceu afogado misteriosamente. Sua morte foi atribuída a Herodes. Os judeus não ficaram convencidos de um possível acidente.

Mariana era a grande paixão de Herodes. Sempre que saía às guerras deixava a orientação secreta para que, caso não voltasse, sua mulher fosse morta. Não gostava da idéia de uma possível substituição. Entretanto, Mariana descobriu tal orientação, não gostou, e separou-se de cama (de corpo) de Herodes. Tomado pela paixão e ciúmes, Herodes, sob falsa acusação, levou-a a julgamento. A mãe de Mariana e Salomé, irmã de Herodes, eram as testemunhas. Estranhamente Alexandra, a mãe de Mariana parece que tinha "motivos" para acusar a própria filha. Era um meio de salvar a sua pele. Mariana foi declarada culpada e morta, após dar a Herodes sete filhos.

Mas conta ainda o historiador Flávio Josefo, que a morte de Mariana não foi o fim do pesadelo de Herodes, mas o começo. Sua ausência e a dor da separação, agora sem volta, tornaram-se um fantasma, que perseguiu esse homem, capaz de tudo para alcançar seus intentos. Embora ordenada por ele, a morte de Mariana fez com que sua vida mudasse radicalmente.

Arrasado pela paixão

Enfraquecido pela doença que tomou conta de sua vida, após a separação completa de Mariana, Herodes foi vítima do golpe de Alexandra, que aproveitou o estado deplorável desse homem, para dizer que o pretensioso rei não mais detinha condições de governar. Então Alexandra declarou-se rainha.

Entretanto, essa foi a melhor forma de "ressuscitar" a fúria de Herodes. Ele reagiu e, mesmo sem nenhum julgamento, mandou executa-la.

A tentativa de Alexandra abriu precedentes que o tornaram vulnerável. Mostrou ainda a ameaça de outros fracassos, além daquele de figurar como o representante dos judeus – o seu rei. Assombrado desconfiou de dois dos próprios filhos com Mariana, que teriam manifestado o desejo de assumir o reino. Então, com 65 anos, em pleno desequilíbrio, manda executar os dois próprios filhos.

Matança de crianças

A matança das crianças teria ocorrido no mesmo ano em que Herodes matou os seus próprios filhos. Josefo não fala da morte das crianças. Segundo historiadores, porque seu interesse era sempre o de agradar as autoridades romanas. A outra versão indica que para Josefo Belém, uma pequena cidade com cerca de mil habitantes, não teria expressão e, portanto, não seria alvo de seus escritos.

Definir o ato como *matança de crianças* parece ser a tradução mais correta do ocorrido, segundo original grego, pois não teria sido um

massacre de crianças em função do número de vítimas. Para historiadores e críticos o número de crianças, considerando o tamanho de Belém, não chegaria à meia centena.

Relatos posteriores indicavam número bem mais expressivo, como 14 mil, segundo a Igreja Ortodoxa Grega; 66 mil, conforme a Igreja Síria e 144 mil indicam autores medievais.

A Bíblia não detalha o número de crianças mortas, mas o fato da comprovação da ocorrência — não obstante não ser necessário para a fé cristã — já basta. O motivo principal de Herodes não era número, mas evitar toda e qualquer possibilidade de uma possível substituição e perda do tão almejado reino.

O modo de operação aponta claramente para um método clássico de Herodes. Sua frieza era o grande impulso para eliminar possíveis problemas — sempre com violência.

Aos 70 anos, Herodes morreu e foi enterrado no seu palácio, construído no deserto — o *Herodium*. Foi o não-judeu que mais incorporou o judaísmo.

Por ele o Império Romano acabou por beneficiar o avanço do cristianismo. O interesse do Império pela literatura, os avanços da época como estradas, melhorias dos meios de comunicação, construção de portos, navios e a grande extensão do império, fez com que o fundador do cristianismo, que Herodes tentou, em vão, obstruir, fosse mais além do que se podia imaginar.

• Multiplicação da Ciência

"E tu Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até o fim do tempo: muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará".

Daniel 12.4

Os grandes avanços científicos iniciaram após a Reforma Protestante. O mundo passou a conviver com a explosão de conhecimento, com grandes descobertas, aceleradas a partir do final do século XVIII, conforme profecia de Daniel, que previa uma explosão de conhecimento para o fim.

Na referência sobre o aumento da ciência em Daniel 12.4 ("e a ciência se multiplicará") emprega-se um termo, no contexto — segundo

pastor Antonio Gilberto —, que significa "conhecimento" e não "sabedoria".

A explosão de conhecimento da qual fala Daniel 12.4, bem como Naum, prevista para o fim, está bastante patente em nossos dias. "A partir do século XVIII... a quantidade de inventos cresce brutalmente".[48] Até 1714, foram registrados 15 inventos; até 1893, 21; de 1900 a 1994, 37 inventos e descobrimentos científicos.

Corrida de invenções

Uma reportagem sobre Ciência na *Folha de São Paulo* diz que o homem não tem mais nada para inventar, e que daqui para frente só aperfeiçoará o que já descobriu. Enquanto isso o homem se desespera porque não tem antídoto para frear a corrida de invenções. Fez a bomba atômica e não tem como e onde depositar o lixo atômico sem prejudicar a si próprio.

Naum viu os carros se chocando em sua visão: "Os carros se enfurecerão nas praças, chocar-se-ão pelas ruas: seu parecer é como o de tochas, correrão com relâmpagos" (2.4). Emprega-se essa visão para os dias de hoje, e embora creiamos perfeitamente nessa aplicação, o profeta Naum previa a derrocada da capital da Assíria, Nínive, ocorrida em 612 a.C. O versículo prediz a imagem frenética da guerra em Nínive, onde os carros de guerra, chocar-se-iam.

Seleção genética

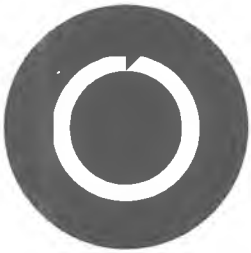
Em seu artigo "O câncer e a mulher no próximo milênio",[49] o médico José Aristodemo Pinotti, mostra-se maravilhado com o fato da "possibilidade de já podermos manipular o código genético, indo ao fulcro do problema e criando um marco histórico de interferência nas leis de Darwin da seleção genética".

Vemos que o homem carrega consigo a glória necessária para aliviar o peso de seu próprio avanço. É um "bem" necessário.

O homem caminha para um poço sem fundo e nem mesmo sabe onde vai dar. Entretanto, reconhece que há um buraco que precisa ser investigado em busca do livramento do abismo, que o ameaça a cada dia. Temos aqui um abismo chamando outro, conforme alerta a Bíblia (Sl 42.7).

As principais invenções e/ou descobertas do século XX

1901 — Rádio, por Guglielmo Marconi.
1902 — Gravação de música, por Enrico Caruso.
1906 — Primeiro vôo de avião — o 14-Bis, de Santos Domunt.
1913 — Henry Ford começa fabricar automóveis em série.
1916 — Liquidificador, espremedor e batedeira elétrica.
1926 — Televisor.
1928 — Penicilina, por Alexander Fleming.
1945 — Computador eletrônico (Eniac).
1946 — Biquíni.
1947 — Forno microondas.
1949 — Televisor em cores.
1952 — Coração artificial.
1953 — Estrutura do DNA, por Watson e Crick.
1959 — Microchip.
1961 — Homem vai ao espaço (Yuri Gagarin).
1967 — Transplante de coração.
1969 — Homem pisa na Lua.
1973 — Videogame.
1978 — Bebê de proveta.
1982 — Ressonância magnética começa a ser usada em hospitais da Inglaterra.
1983 — Telefone celular.
1986 — Estação orbital Mir, pela Rússia.
1990 — Telescópio Hubble lançado ao espaço.
1997 — Clonagem — ovelha Dolly, na Escócia.
2000 — Genoma humano passa a ser decodificado.



Orelha furada

"Sacrifício e ofertas não quiseste; os meus ouvidos abriste; holocausto e expiação pelo pecado não reclamaste".

Salmo 40.6

"As minhas orelhas furaste" ou "Os meus ouvidos abriste"?

Em vez de "a minha orelha furaste", conforme Êxodo 21, que mostra a lei acerca dos servos — "Mas, se aquele servo expressamente disser: Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos, não quero sair forro, então, seu senhor levará aos juízes, e o fará chegar à porta, ou ao postigo, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e o servirá para sempre" (vv. 5,6) —, na *Edição Revista e Corrigida, SBB/95*, está escrito: "os meus ouvidos abriste", e não "as minhas orelhas furaste".

Todos os servos comprados por Israel deveriam servir pelo período de até seis anos e, no sétimo, receber a liberdade. Mas tudo aquilo que ele conseguiu durante o período, com exceção daquilo que levou consigo, na época da aquisição por seu dono, deveria ficar com o seu

senhor. Se entrasse casado sairia com a mulher, mas se tivesse filhos na casa de seu dono, deveria sair sem eles.

Contudo, o servo poderia optar pela permanência na casa de seu senhor, por amor: "Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos, não quero sair a forro" (Êx 21.5).

Neste caso o servo teria a sua orelha furada pela sovela para receber o nome de seu senhor, pois o servo não possuía identidade própria, senão a do seu senhor. O nome de seu senhor era a sua principal e única identidade.

Quanto à sovela, o instrumento usado para furar a orelha, descrito em Êxodo, é um "Instrumento de ferro ou de aço, em forma de haste cortante e pontuda, que os sapateiros e correeiros usam para furar o couro a fim de coser".[37]

• Os dois dias de Oséias

"Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele despedaçou e nos sarará, fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos dará a vida; e ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele".

Oséias 6.1,2

Vemos nessas referências uma clara alusão ao que ocorreu a Israel, no ano 70, conforme profecia registrada em Oséias 5.15 e 6.1-3,11. Tanto no texto em questão quanto no capítulo 5, versículo 15, e ainda no capítulo 6, versículos 3 a 11, Oséias fala do nascimento do Senhor: "Irei..." (5.15); da ressurreição e da glorificação: "... e voltarei para o meu lugar..."; e do arrependimento de Israel: "... até que reconheçam culpados e busquem a minha face: estando eles angustiados, de madrugada me buscarão".

Interessante que a profecia "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele despedaçou, e nos sarará, fez a ferida, e a ligará" (6.1) se cumpriu na diáspora do ano 70, quando Israel foi varrido dos registros do mundo e parcialmente jogado pelos quatro cantos da terra, para não mais se ter notícia dos judeus, conforme predição de Moisés, caso pecassem (Dt 4.12-18,24,27-30; 32.11-15,26).

Mas, "Depois de dois dias nos dará vida..." Se considerarmos dias como anos, temos aqui a luz para o cumprimento de outra profecia que vislumbra aos nossos olhos. No século XX — dois dias depois —, em

14 de maio de 1948, Israel foi proclamado nação pela ONU, numa assembléia presidida pelo gaúcho Osvaldo Aranha. O restante do versículo fala de coisas futuras, como "terceiro dia", que cremos estar relacionado ao Reino de Cristo entre os judeus. A considerarmos assim, estamos partindo para esse período.

Dizemos ser o Reino de Cristo — no terceiro dia — porque o versículo se completa afirmando: "... nos ressuscitará [no sentido espiritual os judeus estão mortos], e viveremos diante dele". Uma outra versão diz: "Dar-nos-á de novo a vida em dois dias, ao terceiro dia nos levantará, e viveremos na sua presença".

"Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva será a sua saída: e ele a nós virá como a chuva serôdia que rega a terra". Sobre a chuva serôdia nos diz Tiago 5.7: "Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia [primeira e última chuvas]". Para nós, a Palavra fala de um avivamento, que precederá a Vinda do Senhor para a Igreja. Tanto que o versículo 11 de Oséias 6 diz: "Também para ti, ó Judá, foi assinada uma ceifa, quando eu remover o cativeiro do meu povo". Ceifa é colheita; fala de recolhimento.

O cativeiro de Israel — nos nossos dias — não mais existe, embora outro possa se configurar (o último), mas por pouco tempo. Nos anos setentas os romanos queriam varrer os judeus da face da terra. Eles não suportavam mais lidar com esse povo, que não se submetia às regras romanas, não adorava a seus deuses (entre eles os imperadores), não adotava seus costumes. Por isso, os judeus que não foram mortos — exceto os cerca de mil que se suicidaram em Massada, antes que os romanos chegassem ao topo do morro, onde estava a fortaleza — foram espalhados pelo mundo, como predisse Moisés (Dt 32.26).

Entretanto, a esperança lança para o futuro a promessa do Senhor de os resgatar: "E vos tomarei dentre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra" (Ez 36.24; 39.27; 37). A promessa fala também de união entre as tribos, que chegaram a se dividir entre Norte e Sul (Samaria e Jerusalém/Israel e Judá), unindo-os em "uma só cana", conforme Ezequiel 37.19-22, para completar o milagre.

• O SUPOSTO APARECIMENTO DE SAMUEL

"E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então, disse Saul aos seus criados: Buscai-me uma mulher que tenha espírito de feiticeira, para que eu vá a ela e a consulte. E os seus criados lhe disseram: Eis que em En-Dor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar. E Saul se disfarçou e vestiu outras vestes, e foi ele e com ele dois homens, e de noite vieram à mulher; e disse: Peço que me adivinhes pelo espírito de feiticeira e me faças subir a quem eu te disser".

1 Samuel 28.6-8

A pitonisa

Esta palavra deriva-se do grego *puthõn* (píton) e quer dizer aquele que tem espírito de adivinhação. Era o nome da serpente pítica, ou dragão, que habitava em Pito. É uma forma de espiritismo ou de consulta a espíritos. A Bíblia traz um relato sobre a pitonisa de En-dor, consultada pelo rei Saul. Como rei ele havia matado todos os feiticeiros de Israel (1 Sm 28.3). Mas, após distanciar-se de Deus, foi rejeitado pelo Senhor, entrou em desespero e então se disfarçou e buscou a médium. Saul já havia tentado buscar respostas "...porém o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (v. 6).

Essa mulher era necromante, invocava os mortos e tentou trazer o profeta Samuel à presença de Saul. Esta tentativa é terminantemente proibida por Deus, como se lê em Isaías 8.19,20: "Quando vos disserem: consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos que chilreiam e murmuram entre os dentes... não decorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra (a Bíblia), nunca verão a alva!" A consulta não trouxe ao rei Saul nenhuma esperança. Enganado, Saul morre suicida na batalha com os filisteus.

Impossibilidade

A aceitação de que realmente Samuel aparecera a Saul é endossada por Ambrósio e Orígenes, mas não há nenhuma base bíblica para

estabelecer o fato como sendo real. A impossibilidade dessa ocorrência — de um morto voltar — é fato consumado.

O próprio Senhor Jesus em Lucas 16.19-31, mostra a impossibilidade de comunicação entre salvos e perdidos no reino espiritual. O fato narrado pelo Senhor envolve um homem rico e outro chamado Lázaro. Os dois morreram. O mendigo Lázaro foi levado para o seio de Abraão — Paraíso —, enquanto, o rico, que receberá sua porção na face da Terra, foi para o Hades (lugar de tormentos). O rico pediu para que Lázaro pudesse atravessar o abismo que separa os dois lugares e refrescar-lhe "a língua, porque estou atormentado nesta chama" (v. 24).

Abraão responde afirmando: "... está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá" (v. 26).

Quando o rico pede para voltar para falar de seu tormento a seus cinco irmãos, recebe a resposta: "Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele. Não, Abraão, meu pai; mas se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e os Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (vv. 29-31).

Samuel não apareceu a Saul — as evidências

- Saul, visivelmente transtornado, buscava qualquer resposta que pudesse preencher o seu vazio. Como diz a Bíblia, em Provérbios: "Para a alma faminta, todo amargo é doce". Isso ocorrera depois que Saul percebeu que o Senhor não lhe respondera: por profecia, por revelação, por sonhos e tampouco por Urim. Saul demonstra o forte desejo de encontrar uma outra fonte qualquer que possa dar-lhe esperança. Sua mente está perturbada e, portanto, torna-se terreno fértil para a manipulação, real, externa (provocada e humana), demoníaca ou metapsíquica.
- A Bíblia proíbe tal prática com inúmeros textos, já no Antigo Testamento. Entre Israel a Lei de Moisés proibia tal prática. Essa limitação servia à vida religiosa e também à civil. A pena ao transgressor era a morte (Lv 20.27). Leia ainda Levítico 19.31, Deuteronômio 18.9-14, Isaías 8.19,20, Gálatas 5.19-21, Apocalipse 21.8 e 22.15.

- Os médiuns espíritas não entram em contato com mortos, mas com espíritos caídos — que dizem ser de mortos.
- A mulher assustou-se quando percebeu "um vulto" (28.12) personificando Samuel. "Isso subentende que ela não esperava ver Samuel, mas sim, um espírito demoníaco".[38] Ela disse que via "deuses", e não propriamente Samuel.
- A narrativa do texto não tem senso crítico, mas informa o que se pode notar naquelas circunstâncias. Isso indica que fora um dos servos de Saul que o acompanhara até à mulher e, portanto, o relato é seu. Em geral esses servos eram estrangeiros, como o heteu Aimeleque, servo de Davi (1 Sm 26.6). Entre os valentes de Davi temos uma enorme lista deles em 2 Samuel 25.25-39. Eram carregados de crenças espúrias, próprias de povos não-judeus (1 Sm 28.7). Portanto a narrativa também é convincente.
- No hebraico, a palavra "médium" é traduzida, em algumas versões, por "espírito adivinhador". Na Septuaginta por "ventríloquo" (*engastrimuthos*, no grego), que significa de "fala diferente".
- "... o Senhor não lhe respondeu" (v. 6). A suposta aparição nada tem a ver com Deus. Saul consultara uma necromante, e não ao Senhor (1 Cr 10.13,14).
- O Senhor não se revelou a Saul nem por meio dos sacerdotes (por Urim); nem por revelação pessoal (por sonhos); nem por profetas (por inspiração divina). Ou seja, se fosse Samuel falando na suposta aparição, seria o próprio Senhor, o que o contexto desmente.
- Deus se mostra sempre como Senhor da vida — o Deus dos vivos, e não dos mortos: "Eu Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos" (Mt 22.32). Nesse contexto, o Senhor Jesus fala de doutrinas bíblicas que norteiam as regras espirituais. Nesse caso, falava justamente da ressurreição de mortos. Os que ouviam "... se maravilhavam de sua doutrina" (Mt 22.33). Equivale ainda dizer que Samuel era defensor dessa mesma doutrina e, portanto, não contrariaria seus próprios ensinamentos.
- Samuel, depois de passar para a eternidade, teria ampliado ainda mais o seu conhecimento quanto às questões espirituais. Caso ele aparecesse e revelasse o que até então estaria oculto aos homens, seria

transgressor em potencial e indigno de estar com o Senhor. Entretanto, Samuel jamais faria isso, pois era de fé e de integridade inquestionável (1 Sm 12.2-5). Leia também Lucas 16.27-31.

- Também teríamos a questão da revelação, que nesse caso não seria exposta por homens piedosos e de crença inquestionável, como sacerdotes e profetas, mas por meio de pessoas totalmente distantes do Senhor, como a feiticeira de En-dor.
- Ademais, a suposta profecia não suporta um exame minucioso de sua veracidade. Senão vejamos:

a) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, conforme ela previu (28.19). O rei de Israel se suicidou (28.19; 31.4-6) e foi parar nas mãos (não dos filisteus) dos homens de Jabes-Gileade (31.11-13);

b) Nem todos os filhos de Saul morreram, conforme previsão (28.19). Três ficaram vivos: Is-Bosete (2 Sm 2.8-10), Armoni e Mefibosete (2 Sm 21.8). Somente três morreram (1 Sm 31.2,6; 1Cr 10.1-6).

c) Saul não morreu no dia seguinte: "Amanhã tu e teus filhos estareis comigo" (28.19). O vocábulo "amanhã" é literal — não teria sentido, como profecia, dizer que "amanhã" seria um dia qualquer do futuro —, e a morte de Saul ocorreu cerca de 18 dias depois.

d) "Estareis comigo" (28.19). Esta profecia não poderia ter sido pronunciada por Samuel, uma vez que Saul estava na "contramão" do profeta e, portanto, fora da direção e vontade divinas. O profeta Samuel sabia perfeitamente a diferença entre o Paraíso (ou Seio de Abraão) e o lugar dos mortos sem Deus, conforme Lucas 16. Samuel só poderia estar com Saul se mudasse de lado. Caso isso ocorresse, não poderia falar dos oráculos do Senhor. Ou então Saul poderia contar com a possibilidade de estar com Samuel, mas, caso isso fosse verdade, não teria consultado a feiticeira; ao contrário, receberia informação do Senhor por meio de um profeta, sacerdote ou por revelação pessoal, o que não ocorreu, como já vimos.[50]



Pá e eira

"Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará".

Mateus 3.12

O texto de Mateus 3.12 começa com uma declaração: "em sua mão tem a pá." Naquele tempo o trigo era colhido e separado de sua palha, não com máquinas sofisticadas dos tempos modernos, mas o agricultor utilizava uma pá de madeira. Com essa pá molhava-se o trigo até que o mesmo soltasse a sua palha (casca). A aplicação do versículo refere-se a Cristo, pois quem faria isso? Mas quando seria feita essa separação? Quando todo o trigo fosse malhado e recolhido ao celeiro.

Notemos que estamos analisando uma pregação de João Batista anunciando a vinda do Messias. Ele não somente anunciava a vinda do

Messias, mas apontava o trabalho que faria. Apontava para Jesus o qual teria um ministério diferente do seu.

Jesus batizaria os seus discípulos com o Espírito Santo e com fogo (poder) para formarem a sua Igreja na face da Terra e limparia sua eira (igreja) da palha inútil (os ímpios).

Essa "pá" simboliza o Evangelho a produzir salvação e juízo aos homens. A seguir o texto diz: "e limpará a sua eira." O que era uma eira? Era um lugar plano e firme onde se colocava o trigo depois de recolhido. O trigo, ainda com sua casca (palha) era espalhado sobre a eira e depois batido com a pá de madeira. À medida que ia sendo malhado e trilhado com a pá sobre a eira, a palha ia soltando-se do trigo.

• PAROLEIRO

"E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a multidão tão entregue à idolatria. De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos e, todos os dias, na praça, com os que se apresentavam. A alguns filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele. Uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos. Porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição".

Atos 17.16-18

Paulo não perdia tempo. Por volta do ano 50 d.C., enquanto aguardava os seus companheiros, em Atenas, sentiu-se compelido pelo Espírito a anunciar a Boa-Notícia do Reino aos gregos. A cidade que reunia intelectuais, que até hoje é badalada por sua concentração filosófica, não detinha proeminência política. Possuía cerca de 5 mil pessoas.[51] Dentre aqueles que se misturavam em Ágora — o centro de discussões filosóficas, sabedoria, as últimas notícias e religiosidade —, apareciam também aqueles que aproveitavam-se da situação para vender suas idéias, como verdadeiros ambulante do conhecimentos ou inovação da época.

Esses homens andavam pelas ruas, praças e outros logradouros públicos para expor e vender suas novidades. Eram os paroleiros. Paulo, inicialmente, foi confundido como sendo um deles. Os filósofos citados — epicureus e estóicos — eram os sábios mais conceituados da época. Para os epicureus, a busca pela felicidade e prazer na vida deveria ser a

principal meta humana, sob a observação de que o excesso deveria ser evitado.

Sob acirrada disciplina, os estóicos colocavam o pensamento acima do sentimento, numa tentativa de coexistir com a natureza — onde Deus se manifestava como uma força viva, e não no homem —, e a razão, que determinava o que é bom ou que pode ser mau, sem valorizar o prazer. Esta palavra tem origem ligada às sensações sexuais.

A reunião de Ágora unia o Areópago, formado de homens cultos, sábios e literatos da época, destacados pela busca do conhecimento, por meio da filosofia, da arte e educação. O Areópago estava sempre pronto para buscar novos conhecimentos e, portanto, ouvir uma novidade.

Paulo sobe numa colina, próxima a Acrópole, e passa a anunciar o que para eles seria um casal de deuses: Jesus (que seria um deus) e a Ressurreição (a deusa *Anastasis*, a palavra grega para ressurreição). Daí o interesse deles em ouvir o apóstolo, que lhes anuncia o Cristo ressuscitado — o Salvador.

Justamente na Ressurreição está o grande entrave de Paulo para falar aos gregos, pois se percebessem de imediato o que o apóstolo pretendia, o abandonariam. Os gregos acreditavam na ressurreição somente da alma, jamais do corpo (At 17.32-33).

A cidade estava "entregue à idolatria" — *kateidolon*, que significa literalmente "carregado de imagens".[38] Dado a insistência de Paulo, os filósofos foram ouvi-lo, mas alguns o chamam de "paroleiro", que significa "um apanhador de sementes" (*spermologos*, no grego).[38] "Esta palavra era usada primeiramente para aludir a pássaros que apanham semente e depois a pessoas que reúnem informação e verdade sem realmente entender o significado. Para eles, Paulo nada mais é que um plagiário incompetente, que ensina fragmentos de conhecimento de segunda mão que não podem formar um sistema filosófico".[38]

Realmente, Paulo recorre ao meio dos pregadores e filósofos itinerantes, muitos deles tidos como charlatães, mas com mensagem real e eterna. Os paroleiros buscavam ainda fama, honras e lucros. Mas o apóstolo tem outro objetivo: "Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza, Deus é testemunha. E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados" (1 Ts 2.5,6).

Entretanto, Paulo deixa claro que, embora o trabalhador seja digno de salário, em nenhum momento foi pesado à igreja. Sempre dividia seu tempo com o trabalho de anunciador do Evangelho de Cristo e como construtor de tendas (1 Ts 2.6-10). O apóstolo deixa um exemplo clássico, especialmente para a igreja hoje, tanto de ética quanto da ação correta, nas mais diferentes circunstâncias, para que a sua própria vida figurasse como um espelho da perfeição em Cristo.

• Páscoa e/ou Ceia do Senhor

"Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é a ordenança da Páscoa; nenhum filho de estrangeiro comerá dela. Porém todo servo de qualquer, comprado por dinheiro, depois que o houveres circuncidado, então, comerá dela. O estrangeiro e o assalariado não comerão dela. Numa só casa se comerá; não levarás daquela carne fora da casa, nem dela quebrareis osso. Toda a congregação de Israel o fará. Porém, se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a páscoa ao Senhor, seja circuncidado todo macho, e, então chegará a celebrar a Páscoa ao Senhor, e será como o natural da terra; mas nenhum incircunciso comerá dela. Uma mesma lei haja para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós. E todos os filhos de Israel o fizeram; como o Senhor tirou os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus exércitos".

"E Moisés disse ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois, com mão forte, o Senhor vos tirou daqui; portanto, não comereis pão levedado. Hoje, no mês de abibe, vós saís... Sete dias comerás pães asmos; e ao sétimo dia haverá festa ao Senhor... E, naquele mesmo dia, farás saber a teu filho, dizendo: Isto é pelo que o Senhor me tem feito, quando eu saí do Egito.... Portanto, tu guardarás este estatuto a seu tempo, de ano em ano".

Êxodo 12.43-51; 13.3,4,6,8-10; 1 Coríntios 11.23-26

"Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice,

anunciais a morte do Senhor, até que venha" — disse Paulo.

Páscoa vem do hebraico *pesah* e significa passagem ou *passar por cima*. Foi comemorada pela primeira vez quando os hebreus saíram do Egito, depois de 430 anos de escravidão. Logo após a Páscoa deu-se início ao êxodo, a caminhada pelo deserto até à Terra Prometida.

Êxodo (*exodos*) é o nome do segundo livro da Bíblia, que marca a saída dos judeus do Egito. Essa partida (*exodon*, no grego), durou 40 anos, tempo em que os hebreus perambularam pelo deserto. Eles foram guiados pelo profeta Moisés, mas conquistaram a região dos cananeus com Josué.

Sua cerimônia constituía na morte de um cordeiro de um ano, sem defeito. O sangue do animal era oferecido ao Senhor, como sacrifício. Depois de assado, a carne era comida com ervas amargas. Estas simbolizavam a amargura que os hebreus passaram no Egito. Páscoa é um memorial que simboliza a libertação aos israelitas.

Na primeira cerimônia, o sangue do cordeiro foi espargido nos umbrais das portas de cada residência, para que o anjo da morte passasse sem matar o primogênito da casa, o que não ocorreu com os egípcios. Era o marco da liberdade e o início de uma nova esperança rumo à Terra Prometida, após a escravidão no Egito.

Dela ficavam de fora os escravos, assalariados e estrangeiros. Somente os circuncidados participavam.

Na Nova Aliança

Já no Novo Testamento, na Dispensação da Graça divina, Jesus é o próprio Cordeiro de Deus — "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29) — que morreu na cruz e lá derramou o seu sangue para a remissão dos pecados dos homens que o recebem como Senhor e Salvador.

A "Páscoa" dos cristãos se chama Santa Ceia — ou Ceia do Senhor —, que se constitui em comer pão (símbolo do corpo de Cristo) e beber suco da videira, o seu sangue. A primeira Ceia foi instituída pelo Senhor. O cordeiro era uma figura do Salvador, que haveria de vir, como João afirma: "O Cordeiro de Deus".

Portanto, comer ovos de chocolate e ter o coelho como símbolo da Páscoa, ou qualquer outra forma, nada tem que ver com os ensinos

cristãos, expressos na Bíblia Sagrada, conforme Mateus 26.26-29 e 1 Coríntios 11.23-28.

A primeira Ceia foi realizada em "Um espaçoso cenáculo mobiliado e pronto" (Mc 14.15). O termo grego para cenáculo — *anagaion* — indica "uma sala no andar superior" da casa, onde se realizava as refeições.

Aquela "Páscoa" (Ceia) para os discípulos foi totalmente diferente das páscoas anteriores. O Mestre foi o próprio elemento a ser celebrado: "isto é o meu corpo, que é dado por vós" (1 Co 11.24). Jesus morreu em nosso lugar, assim como o cordeiro, na Antiga Aliança era oferecido, por ocasião da Páscoa, em lugar do primogênito. O cordeiro da Velha Aliança era uma figura de Cristo (Is 53).

No caso de Jesus, a sua revelação se reveste de força justamente por sua abrangência e conseqüente redenção do homem, por meio da obra completa:

- Revelação;
- Anunciação do Reino;
- Morte (Condenação);
- Expiação pelo sangue derramado;
- Ressurreição dos mortos;
- Elevação aos céus;
- Glorificação.

A Páscoa tem data certa, pois é uma festa essencialmente judaica e jamais fez parte do calendário da Igreja Primitiva, se bem que os judaizantes queriam impor as observações judaicas à Igreja. Sua realização tem data definida e coincide com o abril ocidental.

A dificuldade de entendê-la como festa judaica é causada pelo desconhecimento dos motivos cristãos. Além da assimilação de sua comemoração, a partir do costume da Igreja Católica Romana, que a comemora com vistas à ressurreição de Cristo, é celebrada no primeiro domingo depois da lua cheia do equinócio de março.

Temos ainda a semelhança de acontecimentos planejados pelo Senhor, como forma de mostrar o Messias como "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.36) — da nossa Páscoa: julgamento, sacrifício, ressurreição, ascensão e envio do Consolador — o Espírito Santo, a obra expiatória e o estabelecimento da Igreja — o Novo Concerto de Deus com os homens.

Tanto que a morte do Cordeiro de Deus — Cristo — foi durante a Páscoa, conforme relata João 18.28: "Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência. E era pela manhã cedo. E não entraram na audiência, para não contaminarem e poderem comer a Páscoa".

Por isso, Paulo ensina: "Porque Cristo, a nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Co 5.7). Significa dizer que Cristo — Ele próprio é a nossa Páscoa, ou seja, a nossa "passagem" do mundo (símbolo do Egito para os judeus, onde eles sofriam e eram escravos) para os céus (a nossa Terra Prometida). São dois eventos numa mesma época, com a idéia de substituição ou duas páscoas. Mas há uma enorme diferença:

- A Páscoa dos judeus tem cordeiro assado e ervas amargas, símbolos da libertação (prenúncio também do Cordeiro libertador enviado por Deus, o Messias) e do sofrimento do Egito. Suas instruções estão no Velho Testamento (a Velha Aliança).
- A "Páscoa" cristã está simbolizada no memorial do sacrifício, ressurreição, ascensão e glorificação de Cristo, com vistas à sua Volta para resgatar a Igreja do mundo. Leiamos as instruções da Ceia no Novo Testamento (a Nova Aliança): Ela deve ser comemorada "em memória" do Senhor "até que Ele venha".

Ceia do Senhor — um memorial

A Ceia do Senhor é um memorial com vistas ao passado — anuncia a morte de Cristo; ao presente — "em memória de mim"; e ao futuro: "... até que venha" (1 Co11.26). Ela reflete a obra completa de Cristo e não somente sua morte. Sua cerimônia está registrada em Mateus 26.26-30 e 1 Coríntios 11.23-32. Esse memorial, por sua natureza, deve ser realizado com o devido temor.

A Igreja jamais comemorou a Páscoa. Durante a festa da Páscoa dos judeus, Jesus instituiu a Ceia — a Páscoa cristã —, abolindo a Páscoa, que pertence à Velha Aliança, pois Ele não comeu ervas amargas e o cordeiro pascal (ingredientes da Páscoa), mas pão e suco da videira.

A idéia de preparação antecipada, conforme Marcos 13.33: "Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo", está implícita na Páscoa (comemoração dos judeus — Velha Aliança).

O cordeiro era sacrificado no dia 14, mas já deveria estar à disposição no dia 10, antecipadamente. Assim também, para nós, a

Igreja, a Ceia é um memorial de comunhão com o próprio Corpo de Cristo, antevendo a comunhão eterna, após o Arrebatamento.

Comemorar a Páscoa

Alguns segmentos tidos como cristãos comemoram a data em função da tradição Católica Apostólica Romana. Mas não observamos em tais comemorações o costume de reverenciar, com fundo comercial, o coelhinho — símbolo "pascoalino" (e não pascal), conforme a tradição acima descrita —, um costume pagão canonizado pelo romanismo.

Para os cristãos, a Páscoa do Velho Testamento se encerra no oferecimento do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

A Ceia do Senhor, que conta com a participação dos membros da Igreja de Cristo, em comunhão, substitui a Páscoa do Antigo Testamento, sendo uma das duas ordenanças dada por Cristo, junto do batismo nas águas. Cristo é o Mediador de um melhor Concerto, diz-nos Hebreus 8.6 e Mediador de um Novo Testamento (Hb 9.15), conforme o mesmo autor diz: "Tira o primeiro [concerto, testamento] para estabelecer o segundo" (Hb 10.9).

Origem dos ovos de chocolate

Os ovos de chocolate tornaram referência da Páscoa a partir de 1828, para "alavancar" as vendas das primeiras indústrias do ramo. Entre os povos antigos existe comemoração semelhante, em coincidência com a data. Durante a primavera, havia a festa para o renascimento da terra acompanhada de promessas de esperança, saúde e prosperidade.

Por volta do século XIII a.C., os chineses celebravam o início dessa mesma estação oferecendo ovos de pata pintados em cores fortes aos parentes e vizinhos.

O mesmo hábito existia entre os reis da Pérsia e os povos da Mesopotâmia. Na época dos czares da Rússia, período anterior à revolução bolchevique, os imperadores encomendavam ao mais famoso joalheiro da corte, Peter Carl Fabergé, esses objetos que eram feitos de ouro e cunhados com pedras preciosas. A equipe de Fabergé, a mais importante empresa joalheira da Rússia, no começo do século XX,

trabalhava ao longo de um ano cada peça que era única, que se transformavam em presente aos amigos.

Origem entre católicos romanos e ortodoxos

O padre Pavlos, ao tecer comentários sobre os primeiros 300 anos da Igreja — até o Concílio de Nicéia, em 325 d.C., tenta justificar a comemoração da Páscoa. Para ele o cristianismo permanecia tão somente como uma seita do judaísmo tal como os Fariseus, os Saduceus ou os Essênios. Obviamente que isso não corresponde à verdade e figura somente como uma tentativa velada de instituir a Páscoa entre cristãos. Segundo ele, cristãos e judeus celebravam a Páscoa, até que o Concílio de Nicéia, determinou a nova data.

Sua tentativa tem outra inverdade que dá conta de que a Igreja Primitiva guardava o sábado e não o domingo, o que teria mudado a partir de Nicéia. Acontece que os seguidores de Cristo se reuniam e oravam em casas, enquanto os judeus faziam isso somente nas sinagogas. Também passaram a ser chamados de cristãos — seguidores de Cristo, conforme Atos 11.26, onde é citado o nome igreja: "E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente".

A casa de Maria, mãe de João Marcos, era um lugar de reunião da igreja: "onde muitos estavam reunidos e oravam" (At 12.12). A igreja já detinha estrutura própria, com ensinadores e profetas, envio de obreiros, jejuns, separação de obreiros com imposição de mãos (At 13.1-3).

E a prática de observação do primeiro dia da semana — Dia do Senhor, *kuriakos*, no grego (domingo), existia desde a ressurreição do Senhor, que foi justamente no primeiro dia.

O que ocorreu realmente em 325 d.C. foi o reconhecimento oficial pelo Império Romano, por meio de Constantino, do cristianismo como religião oficial do império. O próprio imperador, que convocara o concílio, determinou que a Páscoa fosse comemorada por todos os cristãos e um único dia, sempre no domingo seguinte à lua cheia do equinócio da Primavera, isto é, após o dia 21 de março e, portanto, sempre depois da Páscoa judaica. O equinócio é a época em que o dia e a noite têm a mesma duração em todos os países do mundo.

O Patriarca de Alexandria foi incumbido, pelo referido Concílio, a preparar um calendário das páscoas futuras e divulgá-lo para todas as

igrejas. A unificação das datas seguiu seu curso normal até 1582, quando a Igreja Romana adotou o calendário Gregoriano, elaborado pelo Papa Gregório XIII, que teria constatado "erros" no ano solar, adiantando-o em 13 dias. A Igreja Ortodoxa não aceitou a nova data, pois estava em desacordo com o que fora estabelecido no Concílio de Nicéia. Desde então a Páscoa Ortodoxa passou a ter data diferente.[52]

Páscoa dos russos

A Páscoa entre os russos conta com panquecas chamadas *blinis*, com os recheios de todos os gostos: peixes, picles, cogumelos e caviar, com vodca e chá. Na sobremesa são servidos mais panquecas e certo creme amargo. Os exageros terminam com o começo da quaresma e a celebração da missa do perdão.

Os russos também têm seu ovo de Páscoa, chamados de *pessankas*. São ovos coloridos que se transformam em símbolos de força, fertilidade e vida. São cozidos e esvaziados por meio de dois pequenos orifícios em suas extremidades.

Depois do ritual de preparação, as *pessankas* transformam-se em talismãs que, segundo crêem, atuam contra o mal, atraem fortuna, prosperidade e saúde. Na Ucrânia, acredita-se que os poderes místicos são ainda maiores: o curativo, a segurança de uma boa colheita desde que sejam enroladas em aveia verde e enterradas no chão. Nas manjedouras asseguram o parto tranqüilo das vacas e garantem a fartura de leite para os bezerros. E o camponês (confia que) acaba sendo beneficiado por meio da proteção de sua casa, do fogo e dos maus espíritos.

Na páscoa russa não falta também o panetone (*kulitch*), rodeado de crendices. Ao prepará-lo deve-se ter o cuidado para não fazer barulho, como bater portas, para não atrapalhar o crescimento da massa. Depois de prontos, segue-se para a missa, onde são benzidos.[53]

• Paz do Senhor

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração e nem se atemorize".
João 14.27

A paz que procede de Deus e a paz que o mundo almeja são distintas. Paz, embora indique uma mesma acepção — "Ausência de

lutas, violências ou perturbações sociais; tranqüilidade pública; concórdia, harmonia..." (*Aurélio*) — tem significado superficial à luz daquela que Deus propõe, que vai além daquilo que é temporal.

A *pax romana* indicava a pausa das campanhas de guerra, do avanço por novas conquistas do império. Por isso, dentro das áreas dominadas pelo império, as legiões romanas jamais admitiam ataque à *pax romana*.

Como ironia, a insígnia da Décima Legião Romana e, portanto, símbolo da *pax* na Galiléia, era um porco (javali), enquanto para os judeus este animal simbolizava a impureza e a perseguição. A Décima Legião ficava estacionada em Damasco.

Cada legião romana era composta de 6 mil soldados, dividida entre coorte, com 600 e centúria, com 100 soldados (cf. Lc 7.2). Quando Jesus depara-se com o homem possuído de demônios, na região de Gadara (Lc 8.26), interroga-o para declarar o seu nome: — "Legião" é a resposta. Alguns mostram nesse texto uma parábola, propositalmente mostrada pelo Senhor, para jogar luz ao significado do domínio romano — o domínio de Israel pelos romanos por meio de suas legiões (*A Bíblia: o Evangelho Segundo Lucas*, de André Chouraqui, Rio de Janeiro; Imago Ed., 1996 — Coleção Bereshit).

Segundo a mesma fonte, muitos filhos de Israel, na época, para se esconderem das perseguições do exército romano, de suas taxas e impostos, "viviam em situação de extrema precariedade, dentro de esconderijos, encontrando refúgio nas florestas ou, ainda... em cemitérios". Então o conjunto dos fatos se relaciona quando Jesus permite que os demônios tomem os porcos e se lancem ao mar, o mesmo desejo de os hebreus com relação aos romanos, representados pela insígnia da Legião — o porco.

Para os gregos a paz estava expressa na palavra *eirene*. Indicava harmonia nas relações entre os homens, ausência de incômodo, sentimento de amizade entre as pessoas ou ainda uma forte sensação de descanso.

Aos judeus não existia paz fora de sua essência conforme estabelece as Escrituras Sagradas. Ela não ocorre sem a efetivação da paz espiritual, que tem papel fundamental dentro da concepção tricotomista, que forma a complexidade humana — espírito, alma e corpo.

A palavra hebraica *shalom* significa primeiramente inteireza, paz completa, em tudo (*kalokleros*), que aparece como *sõteria* (salvação), na

Septuaginta. Então a pessoa que possui *shalom* tem paz a partir do espírito, o interior – de dentro para fora.

Tanto que Jesus, ao transmitir as últimas instruções aos discípulos distingue a Paz celestial e eterna da terrena, humana, ao citar a frase da passagem em questão.

A Paz do Senhor contém todos os ingredientes que realmente harmoniza o homem com Deus; conseqüentemente, provoca total e completo bem-estar: Estão contidos nela o amor, a graça, a saúde, a prosperidade, a esperança, o descanso (na fé), e a alegria, com o mesmo sentido da abrangência do significado de salvação.

• Período Inter-bíblico

"Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João".
Mateus 11.13

O período inter-bíblico compreende os últimos 400 anos da História dos israelitas, antes da Era Cristã. Por não haver profeta nesse período é conhecido também como "séculos silenciosos". Em 332 a.C., Alexandre Magno domina sobre os gregos (Macedônia), conquistando a Pérsia, poupando os judeus, mas finalmente os conquista logo depois. Contudo, os judeus mostraram muito respeito a Alexandre, tanto que colocaram o seu nome em muitos de seus filhos nascidos naquele ano.

Após a morte de Alexandre, seus quatro generais dividiram entre si o grande império conquistado (Dn 8.8). A Judéia, juntamente com o Egito, coube a Ptolomeu Filadelfo. Foi um período feliz para os judeus. Os três primeiros Ptolomeus os trataram bem, inclusive Filadelfo pediu que o Velho Testamento fosse traduzido para o grego, em Alexandria, no Egito. Esta tradução passou a ser chamada de Tradução dos Setenta, Septuaginta ou Alexandrina, pois foi traduzida por cerca de 70 eruditos de Israel.

Já Antíoco Epfâneo (175-164 a.C.) perseguiu o povo judeu, promovendo uma campanha contra eles. Em meio as perseguições, em 167 a.C., um sacerdote judeu, chamado Matatias, juntamente com seus filhos, aproveitaram a invasão do Egito por Antíoco III, da Síria, e colaboraram com o invasor. Ao terminar a guerra, a Judéia era uma província da Síria. Nesse tempo, os judeus foram influenciados pelos costumes gregos, então vigentes também na Síria.

Os sucessores de Antíoco III não deram proteção aos judeus. Os judeus liderados pelos Macabeus, tendo como chefe Matatias, iniciaram uma revolução contra o domínio sírio. Com a morte do pai dos Macabeus, seus filhos continuaram a revolta, principalmente Judas, apelidado de Macabeu.

Para que as tropas sírias fossem expulsas lutaram 27 anos, refugiados nas montanhas, usando o sistema da guerrilha, que depois chegou a ser um exército. Por fim conseguiram a expulsão das tropas inimigas.

Os Macabeus, líderes no tempo da Independência Judaica, foram os seguintes:

Jônatas — 190 a.C.
Judas — 166 a.C.
Simão — 142 a.C.
João Hircano-134 a.C.
Aristóbulo I — 104 a.C.
Alexandre Janeu — 103 a.C.
Alexandra — 76 a.C.
Aristóbulo II — 67 a.C.

Os Macabeus — governantes se apossaram do cargo de sumo sacerdote e acabaram sendo dominados pelas ambições políticas. No partido de João Hircano, alinharam as principais famílias sacerdotais, dominando o partido dos aristocráticos-políticos, que tornou-se conhecido como os saduceus. Foi um partido mundano. Dentre suas doutrinas, negavam a ressurreição, a existência de anjos e dos espíritos. Os fariseus ("separados" — das atitudes democráticas) apareceram antes de João Hircano.

Após esse período, dá-se início à luta histórica entre os fariseus e os saduceus. No geral, os fariseus não eram políticos, embora tenham surgido os zelotes — "homens de ação" —, número pequeno, mas admirados. Para ser um fariseu era preciso: conhecer a Lei e ter tempo disponível. Eles desprezavam os outros (Jo 7.49) e interpretavam a Lei por tradições. Suas crenças eram as seguintes:

- Ressurreição do corpo;
- Existência de espíritos, bons e maus;
- Detinham uma doutrina dos anjos e de Satanás fortemente influenciada pelas idéias persas;
- Recompensas e castigos futuros — exemplo de Saulo (At 23.6).

E seus erros eram:

- Observância de uma lei externa;
- Desertavam as ovelhas perdidas.

Com o surgimento dessa divisão no meio do povo, imposta pelos fariseus e saduceus (dois partidos político-religiosos), o povo enfraqueceu e perdeu o poder de domínio da nação. Os fariseus se identificavam entre a religião e Estado, conservando as tradições da Lei. Por outro lado, os saduceus, não admitiam essa identidade e não acreditavam na vida além-túmulo, por não estar mencionada na Lei de Moisés. Eram favoráveis ao contato mais próximo com os estrangeiros. As brigas sucessivas para sentar no trono trouxeram o enfraquecimento e, assim, a facilidade para o domínio romano.

Profetismo

A questão do profetismo no período que denominamos como período inter-bíblico, cerca de 400 anos antes de Cristo, é motivo de muitas discussões. Para alguns exegetas do Antigo Testamento, falar que não existiam profetas neste período seria um equívoco. O que ocorreu foi uma desvalorização ao fenômeno profético. A supervalorização do ministério sacerdotal, junto ao descrédito do profetismo, fez calar os profetas. No livro de Zacarias no capítulo 13 nos versículos 2 ao 6 mostra o antagonismo criado contra os profetas. Basta fazermos um cálculo da idade de Ana a profetiza (Lc 2.36-37) e vermos que ela, conhecida como profetisa, já era viva no período antes do nascimento de Cristo (o Período Interbíblico).

A respeito da guerra dos Macabeus, Antioco III venceu as tropas dos Ptolomeus, e nesta ocasião os judeus de Jerusalém o apoiaram, segundo conta Flávio Josefo. Por isso, Antioco III, ao tomar a liderança do território, favorece os judeus com um decreto. Eis as declarações do decreto: 1) que seja dada uma contribuição real para os sacrifícios, em animais, vinho, óleo, incenso, flor de farinha, trigo e sal; 2) a madeira retirada da Judéia e do Líbano para os trabalhos de construção do Templo e dos pórticos está isenta de taxas; 3) todos os membros do povo judeu devem viver segundo as leis de seus pais; 4) o senado (*gerousia*), os sacerdotes, os escribas do Templo e os cantores do Templo, ficam isentos da capitação do imposto coronário e da taxa sobre o sal; 5)

isenção de impostos durante três anos para os atuais habitantes da cidade e para aqueles que vierem nela morar até determinada data, para que a cidade seja repovoada mais depressa.[54]

Posteriormente, Antioco IV Epifanes, em 175 a.C, vai ao poder depois de voltar de Roma onde estava desde 188 a.C. Com ele começa a helenização (instalação da cultura grega). Epifanes concede o status de *polis* a várias cidades, promove a adoração de Zeus e reivindica para si prerrogativas divinas. Como norma geral, duas medidas são tomadas (1 Macabeus 1.41-53):

• A abolição da Torá, com seus mandamentos e suas proibições: ficaram proibidas as práticas do sábado, das festas, da circuncisão, da distinção de alimentos puros e impuros. Todos os manuscritos da Lei deveriam ser destruídos. Qualquer violação destas normas tem a morte por punição.

• Uma reforma do culto em toda a Judéia: a abolição dos sacrifícios e da sacralidade do santuário e dos sacerdotes, a ereção de altares em todo o país e o sacrifício de porcos e outros animais impuros a deuses estrangeiros. Em dezembro de 167 a.C., é introduzido o culto de Zeus Olímpico no Templo de Jerusalém, com respectiva imagem e sacrifício.

A respeito desta situação, Airton José da Silva diz que, "Para completar, em dezembro de 167 a.C., é introduzido o culto de Zeus Olímpico. Na proibição das tradicionais práticas judaicas em 167 a.C. desencadeia-se feroz perseguição àqueles que não se submetem às ordens do rei selêucida Antíoco IV Epífanes. A posse de livros da Lei, a prática da circuncisão ou qualquer observância de um ritual judaico leva a pessoa à morte. Recusando-se a prestar culto aos deuses gregos, um sacerdote de Modin, que se retirara de Jerusalém desgostoso com o rumo das coisas, chamado Matatias, começa um movimento de rebelião armada contra os gregos e seus associados da aristocracia judaica.

Com seus cinco filhos e grande grupo de camponeses fiéis às tradições judaicas ele faz uma guerra constante aos helenizantes, que culminará, nesta primeira fase, com seu filho Judas Macabeu, na libertação de Jerusalém e na purificação do Templo apenas três anos, após a proibição dos sacrifícios javistas. Jônatas, irmão de Judas Macabeu, será o primeiro sumo sacerdote da família. Ele ocupa um cargo que, embora esteja vago, não lhe pertence. Isto começa a criar divisões internas, pois

os judeus mais tradicionais não podem admitir tal atitude. "Aproveitando-se do aprofundamento da divisão interna do império selêucida e de seu enfraquecimento político e econômico, os irmãos Macabeus vão pouco a pouco consolidando as suas conquistas na Judéia."

Domínio Romano (63 a.C. a 313 d.C.)

Após substituírem os selêucidas (o império grego dividido em quatro), como potência, os romanos concederam autoridade limitada ao rei hasmoneu Hircano II (João Hircano), que ficou sob o domínio do Governo romano sediado em Damasco, na Síria

Uma última tentativa de reconquistar o reino dos hasmoneus foi iniciada por Matatias Antígono, cuja derrota trouxe o fim ao governo dos hasmoneus em 40 a.C., tornando o país província do império romano.

Roma estava no auge de suas conquistas. Em 63 a.C., as tropas do general romano Pompeu, tomaram Jerusalém. Já no tempo de Jesus Cristo, a Judéia era simplesmente uma subdivisão da província romana da Síria e governada por um procurador.

Herodes o Grande governou de 37 a.C. até 4 d.C., quando morreu. Era genro de Hircano II. Foi nomeado rei da Judéia pelos romanos. O Templo foi reformado, reedificado e transformado no impotente Terceiro Templo, no ano 20 a.C., por Herodes. Por ser um idumeu, era meio judeu.

Herodes era odiado pelos fariseus e saduceus e ambicionava o reinado da Palestina. Por isso, quando soube do esperado nascimento do Rei Jesus, mostrou-se interessado em ter acesso ao menino e matá-lo, como forma de preservar sua intenção de reinar sobre os judeus. Nessa época mandou matar todas as crianças com até dois anos de idade, na esperança de encontrar e matar o menino Jesus (Mt 2.16-18).

Logo Herodes morre (Mt 2.19). Seu reino é dividido em três por seus filhos:

• Arquelau — tornou-se Etnarca. Governou a Judéia, Samaria e Iduméia, de 4 d.C. a 6 d.C.. Por causa de inimizades foi deposto pelo imperador Augusto. Foi sucedido pelo procurador romano, Pôncio Pilatos (6 a 36 d.C.).

• Herodes Antipas, o Tetrarca — governou a Galiléia e Peréia de 4 a 39 d.C.. Tempo do profeta João Batista.

• Filipe, o Tetrarca — sua jurisdição era a região situada a leste e nordeste do Mar da Galiléia, predominantemente pagã (4 d.C.). Tempo do profeta João Batista.

Outros governos

Herodes Agripa I (39 d.C.) — logo após o martírio de Estevão, veio uma perturbação, muito mais severa, encabeçada por Herodes Agripa I, em 44 d.C.. Foi um péssimo rei no antigo território de Herodes o Grande.

Herodes Agripa II (50 d.C.).

• "Posso todas as coisas"

"Posso todas as coisas naquele que me fortalece".

Filipenses 4.13

O não-questionamento é a principal característica que acaba por formar idéias errôneas a respeito da doutrina bíblica. São formas de interpretação que podem se submeter a garantias ou provas concretas para formar uma doutrina. Isso é comum quando se examina somente o texto, sem levar em conta o contexto, como ocorre com a passagem em questão. Formam dela a doutrina do super-homem. Na interpretação incorreta dessa passagem bíblica vemos a *Teologia da Prosperidade*, que faz parte do bojo da *Teologia Informal*, alojando ainda o Positivismo e o Triunfalismo.

É a teoria do faz-de-conta. Deixam de fora os versículos 11 e 12 que precedem o texto — "Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade".

Também excluem os versículos seguintes: "Todavia fizeste bem em tomar parte da minha aflição" e "O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo" (vv. 14,19).

Portanto, na maioria das vezes, não se consegue transpor as experiências contidas na *Teologia Informal* para um sentimento real do espírito ou para o espírito. Ela mostra crenças que vivem aquém da realidade teológica, como no caso da intercessão e interferências diretas de anjos, e até a humanização da Divindade, como na música que cantam nas igrejas por aí.

Com uma capacidade incrível, a *Teologia Informal* absorve o misticismo e envolve pessoas a partir daquilo que se ouve, que dizem nos púlpitos (infelizmente), nas emissoras de rádio, na televisão... Se aquilo soar como espiritual... Pronto! Usam formas simplistas, e não refletidas. Simples sentimentos acabam dando forma a crenças subjetivas. Basta causar a sensação de um suposto conforto interior. É um passo além da forma ou fôrma.

Os pensamentos ordinários vão se avolumando a cada dia, deixando cair pelo caminho os referenciais primários, e perdendo de vista a *Teologia Formal*. Em vez de experimentar o enriquecimento espiritual, os adeptos da *Teologia Informal* vivem o momento em que a informalidade traz (como na vida profissional), à margem. Pode-se ilustrar tal fato tendo como espelho rios e mares. Suas margens são sempre tidas como depósitos de detritos lançados às águas, que não conseguem acomodação no centro e vão sendo preteridos pelo leito natural. Todo esse excesso não usufrui da beleza, riqueza, profundidade e força que o centro proporciona. Por isso, podemos afirmar que os extremos não servem.



"Quando vier o que é perfeito"

"Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado".
1 Coríntios 13.10

O vocábulo "perfeito" deriva-se do grego *teleios*, que por sua vez deu origem à palavra telescópio — ver de longe como se estivesse perto, definir com perfeição o que nem todos enxergam, ver o que nem todos vêem antecipadamente.

A frase do título é retratada pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13.10: "quando vier o que é *perfeito*" (do grego *teleios*). Este substantivo pode ser traduzido por "maduro", "perfeito" ou "adulto", por isso a expressão paulina no versículo 11 fala da diferença de ser criança para o ser adulto.

O texto diz respeito ao tempo em que o cristão tomará, pela transformação completa em Cristo, um novo e glorificado corpo. Isso deverá ocorrer na eternidade. Tanto que o versículo 12, parte do

contexto, fala que naquela época "veremos face a face", isto é, teremos conhecimento de tudo, pois "agora, conheço em parte".

Em Filipenses, Paulo retrata a transformação do corpo humano em glória: "que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso" (3.21). Já em Efésios 4.13, ao falar sobre a natureza da atividade do ministro, diz: "querendo o aperfeiçoamento dos santos... até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo".

É o mesmo sentido da descrição a Noé e sua família, que se mantiveram *justos*, a despeito de toda a fuga da natureza humana naquela época. Essa integridade pode ser mantida em função daquilo que Noé e sua família podiam enxergar o que os demais não viam. Essa é uma visão que só os perfeitos (no sentido a partir do espírito para a natureza carnal, e não o inverso) conseguem ver, pois a superioridade espiritual sobrepõe àquela.

• Quarenta ou quatro anos?

"E aconteceu, pois, ao cabo de quarenta anos, que Absalão disse ao rei: Deixa-me ir pagar em Hebrom o meu voto que votei ao Senhor".

2 Samuel 15.7

Algumas versões grafam 40 anos, e outras, 4. Qual é a correta? A explicação que demos acerca dos manuscritos disponíveis à época de Almeida (século XVII) vale também aqui. Alguns poucos manuscritos (cópias datadas dos séculos XI, XII e XIV) trazem "quarenta". Já a maioria dos manuscritos do Antigo Testamento (datados dos séculos II a IX) trazem "quatro". A *Almeida Revista e Corrigida* (ARC) baseia-se nos manuscritos disponíveis ao tempo de Almeida; a RA e a NTLH, em manuscritos mais antigos e melhor conservados.

• Que letra é essa que mata?

"o qual nos fez também capazes de ser ministros dum Novo Testamento, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, e o Espírito vivifica".

2 Coríntios 3.6

Embora muitos incautos tropecem nesse texto, ao conceber a idéia de que letra diz respeito ao conhecimento, à cultura, ao aprofundamento

teológico, o próprio contexto remete para outra explicação, conforme se lê:

- Carta escrita nos corações (v. 2);
- Não com tinta, mas com o Espírito (v. 3);
- Não em tábuas de pedra (v. 3).

Ora, carta escrita não com tinta, mas com o Espírito, e não em tábuas de pedra, contrapõe claramente à Lei — a pedra com os Dez Mandamentos entregue pelo Senhor, no Sinai, a Moisés, e que se desdobrou na Lei de Moisés.

Dentre os preceitos figura como máxima da Lei a famosa frase "Dente por dente, olho por olho", um claro reflexo da imposição da morte como sentença pela transgressão da Lei, conforme Deuteronômio 30.15-18: "Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; porquanto te ordeno, hoje, que ames o Senhor, teu Deus, que andes nos seus caminhos e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas e te multipliques , e o Senhor, teu Deus, te abençoe na terra, a qual passas a possuir. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os ouvires, então, eu te denuncio, hoje, que, certamente, perecerás; não prolongarás os seus dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas".

Mas o Senhor já prometia mudar a letra escrita em pedra (coração de pedra) por um espírito novo: "E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne" (Ez 36.16). Essa transposição deveria ocorrer por meio de um novo concerto: "Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá" (Jr 31.31).

Em Romanos lemos sobre o novo espírito, como referência à substituição da Lei pela nova Dispensação (da Graça): "Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus" (2.29).

O comentário de rodapé da *Bíblia de Estudo Pentecostal* diz o seguinte: "É uma referência à obra da graça de Deus no coração do crente, que o torna co-participante da natureza divina e o capacita a viver uma vida pura, separada do pecado, para a glória de Deus (...) Sendo assim, um santo viver é o sinal externo de que estamos sob a nova aliança".[20]

O próprio texto em análise fala disto: "o qual nos fez também capazes de ser ministros dum Novo Testamento, não da letra, mas do Espírito..." Sobre a frase "a letra mata", o comentário da *Bíblia de Estudo Pentecostal* diz o seguinte: "Não é a lei nem a Palavra de Deus escrita, em si mesmas, que destroem. Trata-se, pelo contrário, das exigências da lei, que sem a vida e poder do Espírito, trazem condenação". E sobre a ação do Espírito, afirma: "Mediante a salvação em Cristo, o Espírito Santo concede vida e poder espiritual ao crente para que este faça a vontade de Deus. Mediante o Espírito Santo, a letra da lei já não mata".[38]

O *Comentário Bíblico Pentecostal do Novo Testamento* diz que o Espírito é retratado "como agente vivificador de Jeová, que sopra nova vida sobre o seu povo", como na "visão dos ossos secos", em Ezequiel 37: "E poreis em vós o meu Espírito, e vivereis" (Ez 37.14).[38] Sobre a nova Aliança, a Bíblia a retrata como o "novo e vivo caminho" (Hb 10.19,20), diferente das "tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus" (Êx 31.18). "Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei" (1 Co 15.56).

Ainda sobre a Lei e seu cumprimento *por* e *em* Cristo temos a declaração do Senhor que diz que não veio para invalidar, demolir, destruir ou "anular totalmente" (ab-rogar) a Lei, mas dar o sentido a partir da leitura interna (pelo Espírito) para cumprir-se no externo e não de forma contrária como faziam os judeus. A expressão no original remete para a idéia de que o Senhor veio para dar término à construção, até então inacabada, cumprindo-a (cf. Mt 5.17).

Isso fica claro quando Ele passa a ensinar o seu cumprimento, com críticas às formas judaicas de cumpri-la, conforme Mateus 7. A narrativa de sua homilia termina no versículo 29: "Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas".



Regozijai-vos sempre

"Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos".

Filipenses 4.4

Na matéria *O humor afasta doenças*, que trata a alegria como remédio para melhorar o sistema imunológico das pessoas, as jornalistas Karina Pastore e Cristina Poles (revista *Veja*, pp. 98-101, 11/7/2001) enfocam alguns fatos concretos de progresso da cura, por meio de um tratamento muito simples. A alegria de quem está em comunhão com Deus — muito superior à desfrutada pelas pessoas do mundo — é retratada pela Bíblia há centenas de anos, de Neemias (420 a.C.) a Paulo (62 d.C.), passando por Salomão (970 a.C.), que disse: "O coração alegre aformoseia o rosto, mas pela dor do coração o espírito se abate" (Pv 15.13).

A matéria mostra o progresso da cura de crianças após receberam a visita dos "doutores da alegria" — palhaços que vão aos hospitais para fazer crianças rirem, e com isso, obter melhora:

"Agora, a medicina estuda a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção de determinadas doenças e até mesmo como fator de recuperação de pessoas vitimadas por moléstias graves... Pesquisas recentes comprovam que boas risadas... podem ter o efeito de uma sessão de ginástica. *Protegem o coração, aliviam o stress, fortalecem o sistema imunológico, facilitam a digestão e limpam os pulmões*" (grifo nosso).

"Quando rimos, rimos com o corpo todo", define o psiquiatra americano Willian Fry, da Universidade Stanford, especialista no assunto. Um dos seus maiores efeitos é reduzir a liberação de hormônios associados ao stress, o cortisol e a adrenalina. Em excesso, essas substâncias enfraquecem as defesas do organismo e elevam a pressão arterial, criando o cenário para o desenvolvimento de infecções e para um infarto.

"Outra prova de que manter-se intelectualmente ativo desde a juventude é uma maneira de evitar doenças cerebrais. Uma atividade mental mais intensa robustece as conexões entre os neurônios e forma novas redes entre eles. Quando mais densa e maior for essa trama, mas saudável é o cérebro

"As investigações sobre as contribuições do humor para a saúde são relativamente novas... Elas têm pouco mais de duas décadas."

"A FISIOLOGIA DO BOM HUMOR
O IMPACTO DA RISADA SOBRE O CORPO HUMANO"

Coração

"O ritmo cardíaco se acelera (...) Quando o coração pulsa com mais rigor, mais sangue passa a circular pelo organismo. Com isso aumenta a oxigenação dos tecidos."

Pulmões

"Durante uma risada, aumenta a absorção de oxigênio pelos pulmões. (...) Com maior ventilação pulmonar, o excesso de dióxido de carbono e vapores residuais são eliminados, promovendo uma faxina nos pulmões."

Músculos abdominais

"(...) Esses movimentos funcionam como uma espécie de massagem para o sistema gastrintestinal, o que melhora a digestão."

Vasos sangüíneos

"Com maior bombeamento de sangue promovido pelo coração, os vasos sangüíneos se dilatam, o que leva a uma baixa da pressão arterial."

Sistema imunológico

"... os níveis do stress baixam. Com menos cortisol e adrenalina circulando no organismo, o sistema imunológico se fortalece. Produzidas nos gânglios linfáticos e na medula óssea, as células de defesa do organismo não só aumentam em quantidade como também se tornam mais ativas."

Endorfina

Na década dos anos oitentas, um médico sul-coreano, naturalizado norte-americano, defendeu a tese da influência da alegria na vida da pessoa, tomando por base a endorfina. Com propriedades equivalentes às de analgésico e antibiótico, a endorfina constitui-se em química produzida pelo metabolismo humano, com poderes para destruir células doentias, inclusive do câncer e da Aids.

Ela produz sensação de bem-estar quando a pessoa mantém uma vida de boas expectativas, de esperança, fé e confiança. Nesse estado o metabolismo humano produz maior quantidade da química, que combaterá doenças em função do ataque a células debilitadas, doentes. Por outro lado, a pessoa sem boas expectativas, triste, sem esperança, terá produção de endorfina reduzida e, conseqüentemente, o avanço de possíveis células doentias.

Com o corpo protegido pela alegria ("a alegria do Senhor é a nossa força"), a endorfina produzirá a quantidade suficiente para conter qualquer avanço de doenças. Mas se a pessoa perder a alegria, em

função da ausência da esperança e de boas expectativas, estará logo fragilizada.

Além do versículo (no Velho Testamento) que indica a alegria como uma força, proveniente de Deus aos seus fiéis, Gálatas 5.22 (no Novo Testamento), afirma que a alegria é um dos frutos produzidos pelo Espírito Santo à Igreja.

Veja o que a ciência humana descobriu! Mas tudo isso você já sabia, ou pelo menos deveria saber. Mas se não sabia, com certeza, sentia os efeitos do bem-estar. A partir de agora já pode agradecer pelo que sabe e por tudo o que já recebeu dos céus sem que percebesse!

Não se trata de novidades humanas como a propalada unção do riso, mas realidade vivida por cristãos desde o início da Igreja, em função do gozo que brota na alma e jorra para a vida eterna, como disse o Senhor: "Quem crer em mim como diz as Escrituras, rios de água viva fluirão de seu ventre".

E mais uma vez a Bíblia tem razão e sai à frente, porque "... o coração alegre tem um banquete contínuo" e "O espírito do homem aliviará a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o levantará?" (Pv 15.15; 18.14).

Precisei escrever pouco. Hoje é fácil anunciar a Palavra. Os sinais estão por todas as partes, seguindo os servos do Senhor, e a verdadeira ciência comprova a veracidade bíblica. Nós é que temos sido falhos e fracos. Entretanto, "... não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força" (Ne 8.10) e, então, "Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos" (Fp 4.4).

Pesquisadores da Universidade Carnegie Mellon (EUA), depois de analisarem 334 pessoas de ambos os sexos, expostas ao vírus, responsável pelo resfriado comum, chegaram a seguinte conclusão: "pessoas animadas, felizes e relaxadas são menos propensas a ficar resfriadas em comparação com aquelas que são depressivas, nervosas e irritadiças." (*Folha de São Paulo — Equilíbrio*, 31/7/03).

Em Filipenses "O substantivo 'alegria' (*chara*) ocorre cinco vezes (1.4,25; 2.2, 29; 4.1), enquanto o verbo 'regozijar-se' (*chairo*) aparece nove vezes (1.18; 2.17,18,28; 3.1; 4.4) e *synchairo* ('regozijem-se com') duas vezes (2.17,18). *Kauchema*, uma palavra etimologicamente sem conexões que denota uma alegria cheia de motivos para orgulhar-se ou gloriar-se, acontece duas vezes na carta (1.26; 2.16)".[38]

• RESSURREIÇÃO DO SENHOR – SEU CORPO E SEQÜÊNCIA DE APARIÇÕES

"E, no fim do sábado, quando despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste branca como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos. Mas o anjo respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como tinha dito. Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito. E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. E, indo elas, eis que Jesus lhes saiu ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés e o adoraram. Então, Jesus disse-lhes: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão a Galiléia e lá me verão".

Mateus 28.1-10

A Bíblia informa que, após a sua ressurreição, Jesus permaneceu pelo período de 40 dias aparecendo aos discípulos. Teria isso ocorrido antes de Ele ter sido glorificado? Lucas escreveu: "E, havendo ele cumprido todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o do madeiro, o puseram na sepultura. Mas Deus o ressuscitou dos mortos. E ele, por muitos dias, foi visto pelos que subiram com ele da Galiléia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com o povo" (At 13.29-31).

Jesus não tinha subido ao céu quando Maria tentou tocá-lo. Ele a proibiu, ao dizer que ainda não havia subido aos céus. Todavia, na aparição a Tomé, o Senhor desafiou-o a tocar em suas feridas em função da incredulidade do discípulo. Não há contradição nos dois fatos.

É possível que o Senhor Jesus não estivesse ainda em corpo glorificado, mas em um estágio especial, diferente de Lázaro ou de qualquer outro ressuscitado até então. O corpo de Jesus não era igual ao

de Lázaro ressuscitado, que voltou a morrer. O seu corpo foi restaurado, porém o de Jesus era imortal e, por isso, Ele podia aparecer e desaparecer instantaneamente. O corpo do Senhor era real — e não um fantasma —, haja vista Maria ter tentado "agarrá-lo" (Jo 20.17). Ele também desafiou Tomé a tocar-lhe (20.27).

Norman Geisler e Thomas Howe mostram que "Jesus ressuscitou precisamente com o mesmo corpo de carne e ossos que ele tinha quando morreu". Sobre o não reconhecimento inicial dos discípulos, citam a incredulidade, o temor, a escuridão, a distância (cf. Jo 20.24-25; Lc 24.36-37; Jo 20.1,14-15 e Jo 21.4), dentre outros fatores. No entanto, "o problema foi apenas temporário". E afirmam que a palavra no original para corpo é *soma*, tanto antes quanto depois da ressurreição (cf. 1Co 15.44 e Fp 3.21).[55]

Jesus Cristo ressuscitou com o mesmo corpo, pois o túmulo ficou vazio (sem nenhum corpo); manteve as cicatrizes (Jo 20.27) e era de carne e osso — "como vedes que eu tenho..." (Lc 24.39). Isso indica que Jesus ainda não havia subido ao céu, pois a Bíblia diz que carne e osso não herdarão o Reino dos céus. Jesus permanecia na terra, e possivelmente não havia sido glorificado, o que ocorreria depois, conforme Marcos 16.19 e outras passagens.

Quando Ele aparece a Maria Madalena, a idéia que se tem é de que ela tenta abraçá-lo, como já vimos. Então Ele diz: "Não me detenhas, porque ainda não subi para o meu Pai" (Jo 20.17,18). Mas, em Mateus 28.9,10, a Bíblia diz que as mulheres o adoraram tocando em seus pés — "abraçaram os seus pés e o adoraram". Nesse caso, há uma ação de submissão, humilhação e adoração, diferente de qualquer intimidade pessoal, expressa no abraço. Havia o costume de expressar respeito pelos mestres e anciãos, por meio da distância e ações somente autorizadas como gestos e expressões.

Jamais uma pessoa tomava a liberdade de abraçar um mestre ou ancião. Os discípulos-alunos sempre deveriam portar-se de forma a ficar em nível inferior de seu Senhor, em sinal de respeito. Contudo, "*Não me detenhas* pode ser traduzido por *Pare de me segurar*. A ênfase cai na interrupção de uma ação constante e persistente".[38]

Em Lucas 23.43,46, está escrito: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". Neste texto, é possível que o Senhor estivesse declarando o momento de sua morte e/ou sua disposição de confiar inteiramente no

Pai, pois estava passando para o mundo dos espíritos; e, então, contava com a mão divina para sustentá-lo na nova jornada.

Seu corpo era tão real que Ele podia ser tocado (Mt 28.9); Ele também comia (Lc 24.41-43). Embora não mantivesse a necessidade de se alimentar (Jo 21), podia fazê-lo. Ao ressuscitar, Jesus possivelmente assumiu um corpo imortal, mas não glorificado, enquanto, por meio do ressuscitamento, a pessoa volta da morte para o mesmo corpo mortal. Por isso, Jesus foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos (1 Co 15.20), mesmo com alguns fatos e pessoas ressuscitadas antes dEle; estas foram por meio da forma exposta no segundo exemplo, descritas nas passagens de 1 Reis 17.22, 2 Reis 13.21, João 11.43,44 e Atos 20.9.

A ordem seria a seguinte: a obra expiatória de Jesus passa pela ressurreição e comprovação dela por meio das aparições; por fim, Ele ascende aos céus, onde foi glorificado — é possível que essa glorificação tenha ocorrido antes, conforme se infere de Mateus 28.18 — e assentou-se à direita do Pai, com todo o poder e domínio. Outro argumento que fortalece o término da obra expiatória dentro da exposição acima, está na promessa do (outro) Consolador. Se Ele não fosse, o Espírito não poderia ter vindo (Jo 16.7), e a sua ascensão corporal ocorreu 40 dias depois da crucificação (At 1.3,9,10).

Em João 14.19, Ele fala aos discípulos, conforta-os a respeito de sua partida e diz: "Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis". Ebenézer Soares Ferreira corrobora com o *Comentário Bíblico Pentecostal do Novo Testamento* e comenta que a forma verbal tira toda a dúvida. Segundo ele, o texto de João 20.17: "Não me detenhas, porque ainda não subi para o meu pai", deve ser interpretado à luz do original grego como: "Deixai de estar me tocando". E continua: "O verbo está no presente do imperativo com uma partícula negativa. Essa partícula proíbe a continuação de um ato. Esta forma imperativa presente indica um ato incipiente, realmente começado, ou ao ponto de começar-se".[26]

Ebenézer cita ainda W. Leonard (Dei, *in* Verbum *loco*): "A causa da proibição é que precisamente naquele momento devia (Maria Madalena) ser mensageira — *apostolorum apostolo*". Cita também W. C. Taylor (*Evangelho de João, in loco*), que diz: "Deixa de estar me tocando — há trabalho urgente, mensagens a ser levadas com pressa. Não é tempo de extravagâncias de devoção no terreno físico e material. Vai, Maria,

cuidar de entregar minha mensagem, meu recado. Seja esta tua manifestação de afeto'".

Por outro lado, Jesus não afirma que não estivera no céu. "Isso não, pois Ele ali foi em espírito", diz Ebenézer Soares, que cita o versículo: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). O que Ele falava era de sua ascensão definitiva em corpo e alma ao céu.

As aparições teriam ocorrido na seguinte ordem

- Junto ao sepulcro, fora de Jerusalém — na manhã de domingo (Mt 28.1-10; Mc 24.1-12; Lc 24.1-12; Jo 20.1-9).
- A Maria Madalena, junto ao sepulcro — na manhã de domingo (Mc 16.9-11; Jo 20.11-18).
- Aos 2 a caminho de Emaús — ao meio-dia/domingo (Lc 24.13-32).
- A Pedro, em Jerusalém — durante o domingo (Lc 24.32; 1 Co 15.5).
- Aos discípulos, no Cenáculo, exceto Tomé — no domingo à noite (Mc 16.14; Lc 24.36-43; Jo 20.19-25).
- Aos discípulos, com Tomé — 8 dias depois da aparição anterior (Jo 20.26-31 1Co 15.5).
- Aos 7 que pescavam — num dia pela manhã (Jo 21.1-3).
- Aos 11, no monte — algum tempo mais tarde (Mt 28.16-20; Mc 16.14).
- A 500 irmãos — algum tempo mais tarde (1 Co 15.6).
- A Tiago — algum tempo mais tarde (1Co 15.7).
- Na ascensão, no monte das Oliveiras — 40 dias depois (Lc 24.44-49,50,51; At 1.3-8).
- A Paulo, na estrada de Damasco — após a glorificação (At 9.1-6; 22.1-10; 26.12-18; At 15.8).[38]

Algumas obras mostram a mesma disposição, mas com as duas primeiras trocadas: Maria Madalena como a primeira a vê-lo, como a *Bíblia de Estudo de Genebra*, abaixo. Ela traz uma outra disposição, destacando primeiramente as aparições a Jerusalém, portanto, fora da cronologia.

Embora não tenhamos o dia exato, sua ordem deve ser esta, pois foi a terceira manifestação aos discípulos, conforme João 20.4. A Bíblia

diz: "... manifestou Jesus outra vez aos discípulos, junto ao Mar de Tiberíades" (Jo 21.1). "E os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes tinha designado. E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder nos céus e na terra" (Mt 28.16-18).

Fora de ordem cronológica

- Para Maria Madalena (Mc 16.9; Jo 20.11-18).
- Para outras mulheres (Mt 28.8-10).
- Para Pedro (Lc 24.34; 1Co 15.5).
- Para os 10 discípulos, sem Tomé (Lc 24.36-43; Jo 20.19-25).
- Para os 11, com Tomé (Mc 16.14 e Jo 20.26-19).
- Na ascensão (Mc 16.19-20; Lc 24.50-53; At 1.4-12).
- Na estrada de Emaús — eles voltaram para Jerusalém para relatar o fato (Mc 16.12-13; Lc 24.13-35).
- Na Galiléia — a Grande Comissão (Mt 28.16-20; Lc 24.13-35).
- Para os 500 (1 Co 15.6).
- Para Tiago e os demais apóstolos (1 Co 15.7).
- Para Paulo, na estrada de Damasco (At 9.1-6; 22.1-10; 26.12-18; 1Co 15.8).[56/20]

• Revelação do Senhor a Paulo

"... indo, então, a Damasco... ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim a aos que iam comigo. E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava e, em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões. E disse eu: Quem és, Senhor? E ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues".

Atos 26.12-15

Existe um questionamento quanto às exposições da visão de Paulo a caminho de Damasco. De posse de autorização do próprio Sinédrio, para perseguir os cristãos, o então Saulo (variação do nome Saul), segue para Damasco. A cidade distava 225km de Jerusalém, ao norte, e era sede de grande concentração de judeus.

As dúvidas dizem respeito à participação dos companheiros de Saulo na questão da cegueira, a voz e respectiva mensagem: Eles teriam também caído, também ficaram cegos, ouviram também a voz? A idéia que se tem é que as três passagens em Atos destoam.

Enquanto ia pela estrada de Damasco, por volta do meio-dia, quando o Sol está no seu mais intenso brilho, Paulo viu uma luz do céu mais radiante que o brilho do Sol. Brilhava ao redor dele e de seus companheiros (At 26.13) "... Paulo e seus companheiros foram subjugados pela luz milagrosa e caíram ao chão. Nada é dito sobre os companheiros caindo ao chão em Atos 9.4 e 22.7, nem Paulo diz qualquer coisa aqui sobre de ter ficado cego". [20]

Até aí não há nada contraditório, pois a narração repetida de um fato pode variar de acordo com as circunstâncias. Devemos considerar os objetivos de Paulo e o endereçamento de suas afirmações.

É importante notar o seguinte:

1) No primeiro caso, em Atos 9, o livro narra o acontecimento.

2) Em Atos 22, Paulo fala aos judeus e usa a visão para persuadi-los sobre a realidade do Messias, e, por fim,

3) em Atos 26, ele anuncia a visão ao rei Agripa.

Às vezes Paulo fala somente dele – destaca a sua pessoa – e não inclui na história os demais que estavam com ele. Isso é válido, pois o evento diz respeito a ele, tão somente.

Atos 9 (a revelação do Senhor a Saulo)

"E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues. E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues... (...). E os varões, que iam com ele, *pararam espantados*, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. E Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos não via a ninguém. E, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. E esteve três dias sem ver, e não comeu, nem bebeu", 3,4,7-9.

Está é a primeira passagem que relata a conversão de Saulo. As outras estão nos capítulos 22.3-16 e 26.12-15. Na conversão de Saulo os cristãos são chamados de "o Caminho" (At 26.2; 19.9,23; 22.4).

Os companheiros de Saulo ficam mudos. Eles ouvem o som da voz

do Senhor, evidentemente não entendendo o que Ele diz, mas não o vêem e ficam confusos. Saulo levanta e percebe que está cego.

Atos 22 (discurso aos judeus)

"Ora, aconteceu que, indo eu já de caminho e chegando perto de Damasco, quase ao meio-dia, de repente me rodeou uma grande luz do céu. E caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E eu respondi: Quem és Senhor? E disse-me: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues. E, os que estavam comigo viram a luz, sem, contudo, perceberem o sentido da voz de quem falava comigo. Então, disse eu: Senhor, que farei? E o Senhor disse-me: Levanta-te e vai a Damasco, e ali se te dirá tudo o que te é ordenado fazer. E, como não via por causa do esplendor daquela luz, fui levado pela mão dos que estavam comigo e cheguei a Damasco" (22.6-11).

Paulo diz que eles "não perceberam o sentido da voz", a palavra grega por indicar "som" ou "voz". "Os companheiros de Saulo ouviram um som, mas não podiam entender o que estava sendo dito".[56]

Atos 26 (perante o rei Agripa)

"... indo, então, a Damasco... ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim a aos que iam comigo. E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava e, em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões. E disse eu: Quem és, Senhor? E ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues", 12-15.

A diferença é que Paulo condensa o fato para dinamizar o relato a Agripa e omite, por exemplo, o que o Senhor o instruiu a entrar em Damasco e o que o Senhor disse a respeito de Ananias (At 9.6-19).

Portanto, não há nenhuma contradição nos textos, mesmo sendo diferentes em alguns pontos, às vezes, ocultados. Isso não altera o significado, objetivo, veracidade e valores da mensagem. O cerne da questão é a revelação do Senhor Jesus a Paulo no caminho de Damasco. Saulo cai ao chão e é envolto por uma claridade acima da luz solar, perde a visão e é guiado pelos companheiros. Estes perceberam a luz,

ouviram a voz, mas nada entenderam.

A mensagem, o contato, era com Saulo. Eles não foram nem mesmo coadjuvantes. O texto também não diz que Saulo caiu do cavalo, como costumamos ouvir, embora subentenda que o percurso de mais de 200km seriam completados a cavalo.

Aparentes divergências

Atos 9.7 e 22.7 – somente Saulo caiu por terra.

Atos 26.7 – no discurso a Agripa, Paulo fala que todos caíram.

Atos 9.7 – todos ficaram mudos, depois de ouvirem a voz, mas sem ver ninguém.

Atos 22.9 – todos viram a luz, mas não ouviram a voz.

A questão está na divergência da construção gramatical

Atos 9.7 o grego liga-se ao genitivo – "Caso de declinação de certas línguas, que representa, por via de regra, complemento possessivo, limitativo, e algumas vezes circunstancial".[26]

Atos 22.9 – tem a ver com o acusativo.

Atos 22.9 – significa ouvir a voz e entender o que se diz, enquanto a outra forma indica ouvir o som da voz, sem entender o que se diz ou o sentido da declaração.

Estilo literário

A respeito das três narrativas da conversão de Paulo, deve ser levada em consideração a diferença metodológica de se fazer história da Antigüidade para com a forma usada na Pós-moderna. Não podemos julgar a historiografia antiga a partir de pressupostos pós-modernos. Deve-se notar que desde Túcidides, no século IV a.C, era anotado o que seu herói *podia* ou até *deveria* ter falado, e não o que o ouviríamos dizer se seu discurso tivesse sido gravado[57]. O historiador se sentia livre para escolher a maneira de transmitir as fontes que possuía em mãos, de acordo com seus interesses teológicos e ideológicos. O próprio gênero literário conhecido como *vitae* (*vida* no latim), comum aos historiadores como Suetônio, Fílon, Filóstrates, que escreveu a *vida de Apolônio de*

Tiana, e que se parece muito com a estrutura literária dos escritos de Lucas, não se preocupa com os fatos em si, mas com o quê, segundo seu autor, deveria ser dito ou feito; tudo dentro de seus interesses e ideologias.

Conquanto, as diferenças entre os capítulos 9, 22 e 26 de Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, fazem parte do gênero literário e da maneira de relatar os discursos de qualquer historiador da época.

Portanto, o estilo literário usado por Lucas, leva em conta a transmissão da mensagem, a considerar a circunstância do enunciado, conforme o objetivo de indicar o fato histórico ("limitativo e circunstancial"), isto é, a quem se fala e o que é interessante ou mais importante falar. Por ele importa que o fato de interesse central seja mostrado e deixa-se de lado outras informações que não somam àquilo que se pretende mostrar, de acordo com o que se julga essencial para o momento.

Recalcitrar contra os aguilhões

No capítulo 26 do livro de Atos é o único texto que aparece a expressão: *dura coisa é para ti recalcitrar contra os aguilhões*. Essa expressão era um provérbio comum entre os gregos. Eurípedes, Ésquilo, Pingaro e Terencio utilizaram essa expressão em suas obras e tinha conotação de "teimosia", "oposição aos desígnios dos deuses".

Quando Lucas utiliza esta expressão, segundo a liberdade que ele tinha de contar essa história, demonstra que o apóstolo Paulo estava sendo aguilhoado em sua consciência e a sua insistência e teimosia só faziam agravar. Os aguilhões do caráter e postura piedosa de Estevão, perante seus algozes; os aguilhões da ética fatalista, quase utópica dos cristãos, os aguilhões da postura comunal, firmada no amor e esperança escatologia das primeiras comunidades do Caminho (cumprindo o ideal da Torá que ele tanto zelava), e os aguilhões da certeza estampada no rosto dos seus perseguidos, perfuravam a consciência legalista de Saulo. O próprio fanatismo demonstrava sua perturbação interior, que ansiavam por auto-afirmação.



Sacerdócio

"Vos também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo". "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

1 Pedro 2.5,9

Para entendermos a carta de 1 Pedro precisamos perscrutar o ambiente social dos destinatários. J. H. Elliott, em seu clássico escrito na década dos anos setentas, *Um Lar Para Quem não Tem Casa* — uma interpretação sociológica da primeira carta de Pedro —, explica que "Em 1 Pedro, os termos *paroikia, paroikoi* e *parepidemoi* identificam os destinatários como uma classe de pessoas deslocadas, que na realidade são de fato estranhos

residentes de forma permanente (*paroikia*, *paroikoi*) ou forasteiros em trânsito (*parepidemoi*) nas quatro províncias da Ásia Menor, mencionadas na saudação (1 Pe 1.1)" (p. 53).

Era um grupo sem casa, transeunte e marginalizado, que agora pertencia ao grupo dos cristãos. Assim, faziam parte da Casa de Deus, sendo, também, pedras vivas, formando a casa espiritual (família) do Senhor e sacerdócio santo, separado das práticas mundanas que a própria carta de 1 Pedro recrimina. A carta foi escrita para cristãos que, sendo forasteiros residentes e transeuntes, haviam sido alcançados pelo Evangelho e agora possuíam casa, não uma casa qualquer, mas a casa que era reconhecida como Casa de Deus (vv. 4,17). Eram, portanto, povo eleito, sacerdócio santo para o Senhor. Por isso não deveriam desanimar perante as adversidades, pois Cristo também havia sofrido (1.6; 2.12,19,20; 3.14-16; 4.1,16,19; 5.9).

Sacerdócio de cada crente

O sacerdócio universal constitui-se num direito e dever de cada crente. Essa foi uma das teses da Reforma Protestante. Lutero pregava que o crente não precisa de outro homem para interceder por ele a Deus. Com o sacerdócio individual, cada um pode chegar-se a Deus. A partir dessa idéia, que acabou por quebrar o "monopólio" católico romano, todos os cristãos entenderam ainda que podem receber dons do Senhor para a edificação da Igreja.

O sistema católico seguia o modelo da Antiga Aliança, do Antigo Testamento, em que o sacerdócio era restrito a uma minoria, a partir da tribo dos Levitas. Suas atribuições eram as de oferecer sacrifícios a Deus e falar a Deus pelo povo (Êx 28.1).

Stanley M. Horton cita o comentário de Paul Minear, que afirma que na Nova Aliança o conceito de filhos de Deus tem a idéia de "acionistas" no Espírito (*koinõnoi*, no grego). "... acionistas na múltipla vocação que o Espírito atribui aos fiéis."[58]

Horton continua e diz que "A Igreja, no decurso dos séculos, sempre tendeu a dividir-se em duas categorias gerais: o clero (gr. *klêros* — "sorte, porção", isto é, a porção que Deus separou para si) e o *laicato* (gr. *laos* — "povo"). O Novo Testamento, no entanto, não faz uma distinção tão marcante. Pelo contrário, a "porção" ou *klêros* de Deus,

sua própria possessão, refere-se a todos os crentes nascidos de novo, e não somente a um grupo seleto (cf. 1 Pe 2.9). Alan Cole declara com perspicácia que 'todos os clérigos são leigos, e todos os leigos também são clérigos, no sentido bíblico da palavra'".



Templo

"E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada".

Mateus 24.1,2



rimeiro Templo

O primeiro Templo dos judeus (2 Cr 3.1) foi construído pelo rei Salomão, que reinou em 973 a.C. O local escolhido foi o Monte Moriá, onde Abraão ofereceu seu filho Isaque a Deus (Gn 22.9,10), na cidade de Jerusalém. Com o distanciamento de Deus, o povo hebreu passou a ser perseguido por

impérios vizinhos. Os assírios destruíram o Reino do Norte, conhecido como Israel, em 722 a.C. As 10 tribos foram dispersadas. Em 586 a.C., a Babilônia, por Nabucodonosor, exilou Judá — o Reino do Sul —, destruindo o Templo.

Segundo Templo

Setenta anos depois, Ciro decreta a reconstrução de Jerusalém, bem como do Templo (Ed 1.1,2). Os utensílios do Templo, levados por Nabucodonosor, foram devolvidos (Ed 1.1-8). Apesar da contrariedade dos vizinhos samaritanos (2 Rs 17.24), no sexto ano do reinado de Dario (Ed 6.15), os judeus terminaram a reconstrução, iniciada 20 anos antes ou em 536 a.C., na volta do cativeiro babilônico. Este foi o segundo Templo.

O exílio e a restauração de Jerusalém duraram de 587 a 400 a.C. O Templo foi reconstruído por Esdras, sob as ruínas do primeiro. Também fortificam as muralhas de Jerusalém e estabelecem a Grande Assembléia, o *Knesset Haguedolá*, ou Sinédrio — supremo órgão religioso e judicial. Começa o período do segundo Templo. Os dominantes eram o sumo sacerdote e o Conselho de Anciãos (Sinédrio).

Reforma e ampliação

Devido às suas pretensões políticas, Herodes reformou e ampliou o Templo. Nomeado por Roma como rei de Israel, Herodes tinha pretensões de ser o Messias esperado pelos judeus. Como filho de pai convertido ao judaísmo, mantinha o desejo, em função também do conhecimento das profecias, que anunciavam o rei de Israel — o Messias.

Uma das formas de agradar aos judeus foi a reforma do Templo. Ele o transformou em uma das mais belas obras de artes da época. Dezoito mil trabalhadores e um complexo de 157 mil metros quadrados e muros de até 25m de altura e o ornamento de ouro, segundo Josefo, que chegava a "cegar" ao refletir o brilho da luz, fazia da obra um monumento de esplendor. Herodes também nomeou seu cunhado Aristóbulo, como sumo sacerdote do Templo, no ano 35 a.C.

Profanação do Templo

O Império Grego, com Alexandre Magno (332 a.C.), dominava o mundo. Sob o domínio dos selêucidas, estabelecidos na Síria, os judeus foram proibidos de cultuar ao Senhor. O Templo foi profanado, desencadeando uma revolta em 166 a.C., liderada por Matatias, da dinastia sacerdotal dos hasmoneus. Mais tarde, seu filho Judá o Macabeu continua a batalha contra o domínio grego. A família de Matatias é conhecida nesta luta como os Judeus Martelos — os Macabeus. Em 164 a.C., purificaram o Templo e instalaram a festa de *Chanuká*, até hoje comemorada.

Depois da vitória desse grupo, identificados pelos judeus como Hasmoneus, em 142 a.C., os selêucidas restauram a autonomia da Judéia; e, com o colapso desse reino em 129 a.C., a independência é reconquistada no mesmo ano. A dinastia dos Hasmoneus (Judeus Martelos) durou cerca de 80 anos, com fronteiras idênticas às do tempo de Salomão.

Destruição de Jerusalém e do Templo

Dez anos após a morte de Herodes, em 4 a.C., a Judéia foi para a administração direta de Roma, ocasionando a revolta contra o império em 66 d.C. O exército romano, liderado por Tito, arrasa Jerusalém no ano 70 d.C., acontecimento predito por Jesus no ano 30 d.C. Ele dissera que demoraria uma geração (40 anos) para o acontecimento. O Templo de Herodes foi destruído. A derrota final dos judeus aconteceu no ano 73, com a queda de Massada.

Vespasiano governava Roma. Cerca de 80 mil soldados comandados pelo general Tito, arrasaram Jerusalém, saquearam a cidade e incendiaram o Templo. Os rebeldes se concentraram no Templo e em sua região. Mas em 10 de agosto o templo ruiu. A cidade foi invadida, e mais ou menos no dia 7 de setembro (mês em que os judeus comemoram a passagem de ano), o cerco encerrou. Mais de um milhão de judeus foram mortos, segundo Flávio Josefo.

Terceiro Templo

A Bíblia prevê a reconstrução do Templo e a tentativa do Anticristo de fazer-se Cristo e enganar os judeus, que então compreenderão não

ser ele o Messias (2 Ts 2.3-11; Dn 9.24-27). Existem informações dando conta de que os judeus já possuem o protótipo e todo o material necessário para a implantação do Templo. Mas antes precisariam viabilizar a retirada dos muçulmanos que, por sua vez, querem manter os judeus à distância do local.

Atualmente

Hoje, no local onde o Templo foi erguido, os árabes construíram a Esplanada das Mesquitas Al-Aksa e a da Cúpula Dourada (ou do Domo da Rocha), em cujo interior está o pico do disputado Monte Moriá. O Monte Moriá situa-se ao leste de Sião. Atualmente, os judeus fazem as suas orações no que restou do templo — o Muro das Lamentações —, onde pedem pela vinda do Messias (que já veio). Ver **Cativeiro de Judá** e **Cativeiro de Israel**.

• Tempo perdido de Josué

"Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detém-se em Gibeão, e tu lua, no vale de Aijalom. E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isso não está escrito no Livro do Reto? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro".

Josué 10.12,13

A questão que dá conta de que cientistas da Nasa teriam encontrado o tempo em que o Sol parou por ordem de Josué rendeu muito durante anos. Contudo, informações precisas apontam que essa mensagem não é verdadeira. A Nasa nunca fez tal pesquisa, informa o cientista Adalto J. B. Lourenço. O máximo que ela avançou numa pesquisa, realizada na década de 60, para a exploração da Lua. A necessidade de realizar cálculos sobre a órbita lunar em relação à Terra fez com que a Nasa registrasse a ocorrência de eclipses. O último teria ocorrido por volta do ano 600, muito antes do fato ocorrido com Josué.

O Sol parou?

Em Josué 10.12-14, a Bíblia afirma que o Sol se deteve. A questão é que a Ciência prova que quem se move é a Terra e não o Sol. Mas

não existe na expressão bíblica nenhuma contrariedade. Primeiro porque foi a informação fiel aos fatos vistos por todos e, portanto, a olho nu e como todos entenderiam na época. A linguagem usada é a coloquial, conforme aquilo para o qual a visão remete. A idéia lançada pode ser notada quando você está caminhando em uma escada rolante, e nota que a outra paralela e no sentido contrário, mesmo parada, também se move, mas, na realidade, ela está totalmente imóvel.

• TERRA QUE MANA LEITE E MEL

"Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel..."

Êxodo 3.8

Hoje Israel é um país modelo para o mundo. Tem uma economia sólida, mantida pelo "leite das nações", por meio do turismo — a maior fonte de renda em Israel —, por conta do nascimento e história de Jesus. Por outro lado, Israel é um dos maiores produtores de laranja do mundo, além de produzir em escala semelhante tomate e flores. Embora não tenha minas de diamante (o diamante bruto), é o maior produtor de diamantes do mundo.

Israel é um imenso deserto, menor que o Estado de Sergipe, com cerca de 6 milhões de habitantes, pouco menos que a cidade do o Rio de Janeiro. Mas é um país de Primeiro Mundo, encravado entre países árabes subdesenvolvidos, como o Egito. Israel conta com uma das mais avançadas tecnologias do mundo. Seus campos são irrigados pelo sistema de gotejamento, controlado por computador. A terra (areia do deserto) é analisada em laboratório e recebe os nutrientes necessários para produzir as mais diferentes culturas agrícolas.

Os kibutz — um tipo de cooperativa socialista — são modelos de produção e administração para o mundo. São grandes fazendas oferecidas pelo governo, para a produção agrícola. Em função de pouca chuva (o deserto chega a ficar um ano ou mais sem chuva), as plantas são cobertas com um plástico transparente, num sistema parecido a um chapéu, formando uma estufa. O calor do Sol faz com que a estufa crie vapor, que se transforma em água e umedece a planta. Leite e mel indica fartura. "O mel incluía mel de uva ou de tâmara, bem como o

mel de abelha; o suco dessas frutas era engrossado mediante fervura, até formar um xarope espesso".[20]

• TERREMOTOS

"e haverá, em vários lugares, grandes terremotos".

Lucas 21.11

O registro de terremotos teve um crescimento significativo. Sua incidência foi sempre crescente, mas neste e no último século o número de registros cresceu assustadoramente. Isso fez com que seus registros fossem perdendo o valor do ponto de vista escatológico. Os terremotos já não assustam mais em função de tamanha freqüência. Há cerca de 20 anos, quando ocorria um terremoto, pregações sobre a Volta do Senhor "explodiam" nas igrejas. Hoje, justamente quando a ocorrência deles aumenta, não se faz mais menção deles.

Note a incidência de terremotos no mundo:
Século I — 15 terremotos.
Século II — 11.
Século III — 18.
Século IV — 14.
Século V — 15.
Século VI — 13.
Século VII — 17.
Século VIII — 35.
Século IX — 59.
Século X — 32.
Século XI — 53.
Século XII — 84.
Século XIII — 115.
Século XIV — 137.
Século XV — 174.
Século XVI — 253.
Século XVII — 378.
Século XVIII — 640.
Século XIX — 2.139.
Século XX — Em 76 anos ocorreram 5.200 terremotos.

• Três dias, assim como Jonas

"Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra".

Mateus 12.40

Antes de analisarmos a questão da diferença que encontramos entre o tempo em que o Senhor morreu e ficou no sepulcro e o que a tradução literal do texto diz, devemos considerar a própria regra de tradução. A idéia de um dia inteiro era uma análise bastante diferente entre os povos antigos. Portanto, é necessário despirmos de nossas tradições e cultura para podermos compreender o que a Bíblia indica. Lembre-se que a Bíblia deve ser interpretada sob os olhos da Hermenêutica, e considerar quem disse, quando, em que circunstância, cultura predominante, região, época e para quem, entre outras indagações.

Para os romanos o dia começava à meia-noite. Até hoje entre os judeus o dia começa às 18 horas e termina no outro dia, às 17h59. Jesus dizia que à noite ninguém trabalha, pois é o período naturalmente de descanso. Naquela época não havia luz elétrica. Então as pessoas dormiam ao anoitecer e levantavam logo nos primeiros sinais de luz, conforme palavras do Senhor: "Jesus respondeu: Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo, mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz" (Jo 11.9,10).

O dia — o período útil, em que se podia trabalhar ou fazer qualquer coisa — perfazia o período de 12 horas, ou seja, das 6 às 18. Era o período entre o nascer e pôr-do-sol dividido entre 12 fases. O último era o duodécimo (cada uma das 12 partes em que se pode dividir um todo). A terceira hora equivale às 9h, a nona equivale justamente às 15h, a hora do sacrifício no Templo. Já a noite dividia-se em somente três períodos: vigílias de 4 horas cada uma, totalizando 12 horas.

Se considerarmos o período que compreende o texto, segundo os nossos costumes, teremos de ter a comprovação de que o Senhor ficara no túmulo pelo período de 3 dias de 24 horas cada, perfazendo o total de 72 horas. Contudo, o Senhor teria passado justamente a metade desse tempo no túmulo, ou seja, 36 horas.

Cálculo do tempo

Vamos aos fatos, tendo em mente o que já discorremos a respeito dos costumes. O Senhor foi crucificado na sexta-feira, às 9h (terceira hora, pois o dia começava às 6). Morreu às 15h (nona hora) e foi sepultado antes do início do sábado (que começava às 18h). Então temos o seguinte:

- 1° dia — parte de sexta-feira, antes das 18h;
- 2° dia — sábado todo, das 18h às 18h;
- 3° dia — parte de domingo, que começara a partir das 18h do sábado. São três dias, não completos, mas sim, cronológicos.

A frase de Mateus carrega o comparativo "como" (da mesma forma, igualmente) e não quer dizer que Jonas ficou três dias e três noites completos na barriga do grande peixe. Jonas não poderia contar os dias e noites. "Deparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe" (Jn 1.17), diz o texto. Mas isso não quer dizer que seja literalmente três dias de 24 horas cada um. Aliás, nem mesmo na nossa cultura somos tão exatos assim.

"No cálculo judaico, mesmo parte de um dia era considerado um dia inteiro; assim Mateus computa o tempo que Jesus ficara no sepulcro por três dias, ainda que não fossem literalmente setenta e duas horas".[20] O mesmo comentário, ao tratar do capítulo 15 de Marcos, afirma que a questão refere-se à tradução. "Em grego, a expressão 'três dias' inclui os dias parciais como fatores de computação".

• Trindade e divindade

"Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um".

1 João 5.7

A importância da Trindade está na sua presença na Divindade e não na nomenclatura em si. Entretanto, ela existe, mesmo porque não se pode sustentá-la sem que seus membros — as três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo — se apresentem cada um com caráter distinto. Não fosse assim, de que valeria separar a Divindade em três Pessoas. Ela existe, mas sua importância está na própria Divindade, que é formada

por três Pessoas. Equivale afirmar que a Divindade é triúna. Ou seja, três em um.

Divindade é um em três — Deus é divino; Jesus é divino, e o Espírito Santo é divino. Suas atividades são claras e específicas, não obstante formarem a Divindade. Nesse caso, os três são Deus e devem ser louvados e adorados, pois quem pratica o ato de adoração ou louvor, se dirige à Divindade. Mas quanto à atuação (divina), ela é específica e efetuada por meio das características divinas individuais:

- O Pai julga e perdoa;
- O Filho advoga, intercede;
- O Espírito glorifica os dois no resultado expresso naquele que faz a petição (o homem).

Da mesma forma:

- A graça (favor imerecido e unção) se encontra em Cristo;
- O amor é dado pelo Pai;
- A comunhão está no Espírito (2 Co 13.13).

As três Pessoas

Há inúmeras passagens bíblicas que indicam a presença da Trindade, sem contudo, nomeá-la. A primeira aparece no Pentateuco, entre outras no Velho Testamento: "E disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26). No Novo Testamento, temos outras: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Em Mateus 3.16,17 vemos o Filho sendo batizado, o Pai falando e o Espírito se manifestando, simultaneamente. Veja também a presença das Três Pessoas em Efésios 3.14-19.

Atributos distintos de cada um

"... para que o Pai seja glorificado no Filho [pelo Espírito]" (Jo 14.13), pois "... aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome" (Jo 14.26); "porque, se eu não for, o Consolador não virá" (Jo 16.7); "E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (Jo 16.8); e "não falará de si mesmo" (Jo 16.13); "Ele me glorificará" (v. 14).

"E rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre: Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.16,26).

Jesus como Deus

"No princípio era o verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1).

Espírito Santo e o Pai

"E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu aqueles que lhe obedecem" (At 5.32).

Ação de um para com outro

"Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias; este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lc 3.16). "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que [disse ele] de mim ouvistes" (At 1.4).

Atributo de Deus para com o Filho

"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Comunhão com o Pai e com o Filho (1 Jo 1.3).

Um dos atributos do Espírito: glorificar a Deus em Cristo

"Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim" (Jo 15.26). "... maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar

em línguas e magnificar a Deus" (At 10.45,46). "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.8).

Alguns atributos de Jesus

- Jesus é o Advogado (1 Jo 2.1).
- Único Mediador/Intercessor (1 Tm 2.5).
- A propiciação pelos pecados (1 Jo 2.2).

• Trombeta

"Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?".

1 Coríntios 14.8

Este versículo faz referência ao toque da corneta (*shofar*, no hebraico) feita de chifre de carneiro. Ela é usada pelo sumo sacerdote. Mas Israel também possuía duas trombetas especiais para a convocação do arraial. Conforme Números 10, que diz o seguinte: "Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Faze duas trombetas de prata; de obra batida as farás; e te serão para convocação da congregação e para a partida dos arraiais" (vv. 1,2).

Os toques tinham funções distintas de acordo com o som emitido:

• As duas cornetas juntas — santa convocação. "E, quando as tocarem ambas, então, toda a congregação se congregará a ti à porta da tenda da congregação" (v. 3).

• Uma única trombeta — convocação dos príncipes e líderes. "Mas quando tocar uma só, então, a ti se congregarão os príncipes, os cabeças de milhares de Israel" (v. 4).

• Toques demorados — partida dos arraiais do oriente. "Quando, retinindo, tocardes, então, partirão os arraiais que alojados estão da banda do oriente" (v. 5).

• Toques retinidos pela segunda vez — partida dos arraiais da banda sul. "Mas, quando a segunda vez, retinindo, as tocardes, então, partirão os arraiais que se alojam da banda do sul; retinindo, as tocarão para as suas partidas. Porém, ajuntando a congregação, as tocareis, mas sem retinir" (vv. 1-7).

Cada toque tem significado distinto. Cada composição de som indica determinada ação ou posição tomada pelo povo.

Toque de guerra

É composto de uma única nota, sem variação. O toque é alto, uniforme e curto. Por isso, o versículo diz que se o sonido alterar não haverá como haver resposta imediata do povo, que ficará somente confuso. Quando o exército judeu ouvia esse toque se preparava imediatamente para a guerra.

A declaração magna do Arrebatamento e ressurreição dos mortos fala da trombeta, que fará a santa convocação dos santos, que juntos em um único arraial, a Igreja, será convocado à partida eterna em Cristo: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, nós os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.16-18).



Vocação

"Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados".

Efésios 4.1

Dentre todos os escolhidos pelo Senhor destacam-se os vocacionados e levados a ocupar determinadas funções e ministérios na Igreja de Cristo. Se a pessoa não é vocacionada para determinada função, não somará, mesmo quando ela não tem maldade nenhuma e até quando procura acertar.

Segundo o educador Rubens Alves, "vocação" (do latim *vocare*) é sinônimo de chamado, com o significado de "chamado interior de

amor" ou "chamado de amor para um fazer". Fazer, mesmo sem nenhum ganho. O educador ensina ainda que vocação é diferente de profissão, embora possa ser transformada em profissão. Diz também que o amante profissional atua por valor, mas o amante vocacional realiza por amor. O que atua por vocação encontra o prazer na própria ação.

Como vocacionado, por sugestão de Platão, os políticos não deveriam ter posses. "Bastar-lhes-ia o grande jardim para todos. Seria indigno que o jardineiro tivesse um espaço privilegiado, melhor e diferente do espaço ocupado por todos", defendia Platão, citado por Rubens Alves.

Além do ato de convocação (vocacionado), vocação pode significar escolha, tendência, talento e aptidão. "De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria" (Rm 12.6-8).

Um exemplo de vocação está na vida e descobertas do judeu Albert Einstein. O cientista da física matemática e teórica. Einstein dizia que "A mente que se abre a uma nova idéia, jamais voltará ao seu tamanho original".

Ele tinha cinco anos de idade, quando ganhou uma bússola de seu tio Jake (Jacó). Era um garoto distraído, mas sentiu-se atraído por aquela agulha que vibrava, movida por uma força desconhecida. A partir daí, ele começou a perceber a relação causa-efeito. Curioso perguntou ao seu tio Hermann a origem daquilo, que para ele era um mistério. A resposta traria um impacto fabuloso na vida do garoto Einstein: "Sempre que você não souber algo, chame de *xis* e investigue".

Sempre humilde e desinteresseiro Albert dizia: "Não ambiciono dinheiro, honrarias ou títulos. Não aspiro aplausos. O que mais prezo na vida é ser entendido e apreciado pelos que comigo trabalham."

Einstein não se importava com o seu esteriótipo, menos ainda com a vestimenta dos outros. "Que importância tem a vestimenta de alguém? São as roupas que melhoram ou pioram o ser humano?", perguntava. Entre as respostas dadas a sua mulher Elza, dizia: "Mau seria se o saco fosse melhor que o cereal que vai nele".[60] Inserido no livro *Ilustrações para enriquecer suas mensagens* (CPAD), do mesmo autor, entre outras cerca de 300 ilustrações.

Vemos na vida do cientista Einstein alguns exemplos além da questão da vocação. A primeira é que ele recebeu a devida e sábia orientação de seu tio. E isso é o que precisamos ter nas igrejas. Pessoas sábias (com capacidade de explorar a inteligência) e aptas para descobrir valores, aconselhar e mostrar caminhos.

Notas Bibliográficas

1) DESCARTES, René (1596-1650) *Discurso do método*, SP, Nova Cultural, 1991 (coleção *Os Pensadores*);

2) ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, pág 124. REALI. G. *História da Filosofia*, vol 3;

3) RHODEN, Huberto *Filosofia Cósmica do Evangelho*;

4) *Guerra cosmológica* – duas grandes teorias batem de frente na tentativa de explicar como nasceu o Universo, revista *Galileu*, fev.2003. Editora Globo;

5) Paul Davies físico do Centro Australiano para a Astrobiologia, da Universidade de Macquarie, em Sidney, Austrália;

6) In Elnet. Disponível na internet;

7) Hovind, Kent. *Creation-Science Evangelism* - videotape, parte 4. In. *Chamada da Meia Noite*. www.chamada.com.br:

8) LOPES, José Reinaldo, ao comentar o livro *Os Humanos Antes da Humanidade*, de Roberto Foley pela Unesp Editora. Folha de São Paulo, 26/out/03;

9) Revista ISTOÉ, 1/out/97;

10) Agência EFE, 23/out/04;

11) Science Monitor, *Discovery News* e *AP*;

12) GILBERTO, Antonio *Lições Bíblicas*, CPAD, Lição 5 – *Paz: O fruto da harmonia*, 1° trim. de 2005;

13) BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Edição Católica Romana;

14) Bíblia Sagrada. São Paulo, (SBB), 1995, Edição Revista e Corrigida;

15) Pastor Paulo R. Teixeira (Tradução e Publicações da *SBB*);

16) KÜMMEL. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 326;

17) MARSHALL, H. *I e II Tessalonicenses. Introdução e Comentário*, pp. 82-83;

18) *Comentário Bíblico, vol. 3, Evangelhos e Atos, Cartas e Apocalipse*, 3ª edição, set-2001, Edições Loyola, *São* Paulo, 1999;

19) Antonio Gilberto, ministro do Evangelho, escritor, doutor em Teologia e consultor doutrinário da CPAD;

20) BÍBLIA de Estudo Pentecostal, Ed. Antonio Gilberto, Versão Almeida Revista e Corrigida, Rio de Janeiro, CPAD, 1995;

21) *Pequena Enciclopédia Bíblica*, Rio de Janeiro, CPAD;

22) BROX, N. *Ministério, Igreja e Teologia na época Pós-apostólica*. In: J. Shreiner, Gerhard Dautzenberg. Forma e Exigências do Novo Testamento, p. 160;

23) *Biblioteca de Cultura Judaica*, Editora Tradição S/A;

24) SANTA Bíblia, Sociedades Bíblicas Unidas, São Paulo, 2002, Reina Valera, version 95;

25) Revista *Seleções do Reader's Digest*, maio/1945;

26) FERREIRA, Ebenézer Soares, Dificuldades Bíblicas e Outros Estudos, da União Brasileira de Escritores – Seção de Campos; Sociedade Brasileira de Romanistas;

Academia Evangélica de Letras; *The American Schols of Oriental Research* - Casa Publicadora Batista (Edição do Autor, Campos , Rio de Janeiro, 1965);

27) SALLES, Catherine. *Nos submundos da Antigüidade;* São Paulo, Brasiliense, 1987;

28) Revista Galileu, dez/2002. Editora Globo;

29) LANGER, Johnni, professor de História (Unespar);

30) POTTER, Charles Francis *História das Religiões,* Editora Universitária;

31) Revista *Veja*, 26/fev/2003. Editora Abril;

32) *Jornal do Commércio,* 11/maio/2005;

33) MCMILLEN, Dr. S. I. *Nenhuma Dessas Doenças*, 1986, p. 21;
34) Bula de União com os Coptas, de 1942, editada pelo papa Eugênio IV;
35) Hussam Zaher, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP) e o argentino Sebastián Apesteguía, do Museu de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia, de Buenos Aires (Argentina). *O Globo*, 20/4/2006, Ana Lucia Azevedo (Ciência e Vida); *Folha On line*, 20/4/06, Reinaldo José Lopes (Paleontologia). *Mensageiro da Paz*, CPAD, ano 76, n. 1.453, junho/2006;

36) Revista *Marie Claire*, p.185, jul/1999. Editora Globo;

37) Dicionário Aurélio Eletrônico;

38) ARRINGTON, French e STRONSTAD, Roger *Comentário Bíblico Pentecostal,* 2003, 1ª Edição, Rio de Janeiro, CPAD;

39) BRUCE, F. F. *Paulo o Apóstolo da Graça: Sua Vida, Carta e Teologia*, p. 231;

40) Diógenes LAÉRCIO, *A Vida dos Filósofos 1.110.* Citado por BRUCE F. F. Op. Cit.;

41) BRUCE, F. F. Op. Cit., p. 237;

42) Elnet;

43) *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba (SP), 28/2/02;

44) Informação extraída da página virtual www.hermeneutica.com/ilustracoes/ab_pai.html;

45) *Diário de Pernambuco*, página A8, *Últimas,* 16/11/99;

46) Agência EFE, 23/10/02);

47) In: *O Globo, Opinião,* p.7, 22/ago/2000;

48) *Folha de São Paulo,*11/7/94;

49) *Folha de São Paulo, pp.1-3, Opinião,* 14/jan/2000;

50) BÍBLIA Vida Nova, Edições Vida Nova, 1976, edição 1984, editor responsável Russel P. Shedd;

51) *Comentário Bíblico, vol. 3, Evangelhos e Atos, Cartas e Apocalipse, 3ª. Edição, 2001, Edições Loyola, São* Paulo, 1999;

52) *Chams* (Revista mensal informativa das comunidades de idioma árabe no Brasil). Edição de maio - ano VII - nº 67/II

BBC – Londres – John Redev (23/9/2004);

53) *Antes do ovo de chocolate,* Janice Kiss, revista *Globo Rural,* edição 198 (abr/02);

54) Retirado da página virtual: www.airtonio.com/historia;

55) GEISLER, Norman L, HOWE, Thomas *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e Contradições da Bíblia,* Thomas Howe, São Paulo, Mundo Cristão, 1999;

56) *Bíblia de Genebra;*

57) ZUURMOND, R. *Procurais o Jesus Histórico?,* p. 65;

58) HORTON, Stanley (org.) *Teologia Sistemática,* 1996, Iª Edição, Rio de Janeiro, CPAD;

59) *O Hebreu,* 6/03.

Bibliografia

GARSTANG, João, *Jericho and the Biblical Story em Wonders of the Past*, volume 2.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, trad. Ivone Castilho, 4ª. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BRUKLAND, M. A. *Dicionário Bíblico Universal.* Trad. Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Vida, 2000.

BRUCE, F.F. *Paulo Apóstolo da Graça: Sua vida, Cartas e Teologia.* Trad. Hans Udo Fchs. São Paulo: Schedd publicações, 2003.

CAIRNS, Earlee E. O *Cristianismo Através dos Séculos: Um História da Igreja Cristã.* Trad. Israel Belo de Azevedo. 2° Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARVALHO, L. Walter. *Novo Testamento Inter linear*: Com o texto Grego Nestle (edição 26°). São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

COTHENET, É. *As Epístolas Pastorais.* Trad. José Luiz Gonzaga. São Paulo: Paulus, 1995.

CULMMANN, Oscar. *A Formação do Novo Testamento.* Trad. Bertoldo Weber – 7ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

ELLIOTT, J. H. *Um Lar Para Quem não tem Casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro.* São Paulo: Paulus, 1985.

FRIBERG, B. & FRIBERG, T. *O Novo Testamento Grego Analítico.* São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

GUINGRICH, F. W. & FREDERICK, W. D. Léxico do N.T. Grego/Português. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

HENDRIKSEN, William. *Comentário Do Novo Testamento, Romanos.* Trad. Valter Garcia. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento.* Trad. Paul Feine e Johannes. 3° edição. São Paulo: Paulus, 2004.

MARSCHALL, I. Howard. *Atos: Introdução e Comentário.* Trad. Gordan Chows. São Paulo: Vida Nova, 2201.

_____. *I e II Tessalonicenses: Introdução e Comentário.* Trad. Gordan Chows. São Paulo: Vida Nova, 2201.

REALI, G. & DARIO, A. *História da Filosofia: Do Humanismo a Kant.* Vol. 2. São Paulo: Paulus, 1990.

SCHREINER, J. & DAUTZENBERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento.* São Paulo: Teológica, 2004.

SICRE, J. Luiz. *Introdução Ao Antigo Testamento.* Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1999.

TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos livros apócrifos e aos pais apostólicos*. TRAD. Ilson Kayser. Santo André: SP: Academia Cristã de Ltda. 2005.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. – 4ª. ed. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998.

ZUURMOND, R. *Procurais o Jesus Histórico?* Trad. Fredericus A. Stein. Belo Horizonte: Loyola, 1998.

A Bíblia está sempre com a razão!

Pontos Difíceis de Entender tem como objetivo tornar notórias informações científicas que se coadunam com as Escrituras, esclarecendo casos pela interpretação de texto, consulta a originais e significados ao pé da letra. Mas não tem a intenção de usar isso para validar o texto sagrado. Afinal, à ciência não cabe essa autoridade.

Tomando emprestada uma frase dita pelo apóstolo Pedro (cf. 2 Pe 3.16), o autor parte da idéia geral nela contida para esclarecer dúvidas comuns, com o intuito de facilitar a compreensão das sagradas letras. E ele conseguiu, com muita perícia, reunir um bom número de fatos esclarecedores, que eliminam informações infundadas.

Todas as explicações inseridas neste livro figuram como apologia bíblico-cristã, por meio de definições e esclarecimento de traduções, significados e informações históricas e científicas. Muitas destas, conquanto refutem argumentos infundados, não devem ser empregadas com o propósito de validar o que a Bíblia diz. Ela se explica por si mesma, de acordo com a primeira regra da ciência de interpretação de texto, a Hermenêutica bíblica: *A Bíblia interpreta a própria Bíblia.*

Pontos difíceis de entender

Traduções, significados, informações científicas, perguntas e respostas

A Deus toda a glória!



Antonio Mesquita é ministro do evangelho, jornalista, articulista e editor-chefe do Departamento de Jornalismo da CPAD. É também autor dos livros *Tira-dúvidas da Língua Portuguesa* e *Ilustrações para Enriquecer as suas Mensagens*, ambos editados pela CPAD.

ISBN 852630834-3
9 788526 308343
Interpretação bíblica